



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
CAMPUS MANAUS CENTRO
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO TECNOLÓGICO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO TECNOLÓGICO**

RAFAELA FONSECA DA SILVA

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA A
PARTIR DE NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS**

MANAUS-AM

2024

RAFAELA FONSECA DA SILVA

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA A
PARTIR DE NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS**

Dissertação ao Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas para obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico Área de Concentração em Ensino e Linha de Pesquisa 1 Processos para Eficácia na Formação de Professores e no Trabalho Pedagógico em Contextos de Ensino Tecnológico.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Serpa Normando

MANAUS-AM

2024

Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Centro

S586f Silva, Rafaela Fonseca da.
Formação de professores e educação antirracista a partir de narrativas
(auto) biográficas / Rafaela Fonseca da Silva. – Manaus, 2024.
146 p. : il. color.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico). –
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas,
Campus Manaus Centro, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Serpa Normando.

1. Formação de professores. 2. Narrativas (Auto) biográficas. 3.
Educação antirracista. I. Normando, Tarcísio Serpa. (Orient.) II. Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 371.33

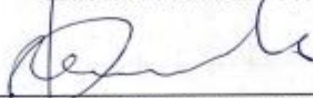
RAFAELA FONSECA DA SILVA

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA A PARTIR DE
NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS**

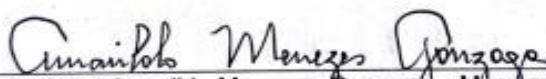
Dissertação apresentada ao Mestrado do Programa profissional de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico. Linha de Pesquisa: Processos para Eficácia na Formação de Professores e no Trabalho Pedagógico em Contextos de Ensino Tecnológico.

Aprovada em 29 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Tarciso Serpa Normando – Orientador / Presidente
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga – Membro Titular Interno
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Prof. Dr. Patricia Maria Alves de Melo – Membro Titular Externo (UFAM)

Dedico

Às Yabás, as minhas ancestrais, a minha mãe (Marildes Nascimento Fonseca), aos meus amores Junia (in memoriam) Natã, June e Juscelino Estevam, a minha irmã Adriana e as Crioulas do Quilombo Urbano de São Benedito (Fabiane Rodriguês Fonseca, Keilah Maria da Silva Fonseca, Jamily Souza da Silva, Jennifer Souza da Silva (in memoriam), Kely da Silva Fonseca, Susye Barreto, Janaina Souza da Silva), aos Griôts da minha família e meus tios Mizael Rodrigues, Magnólia Rodrigues e Eleomea Barroso, que estão comigo desde que minha mãe faleceu. As minhas madrinhas Maria de Lourdes Fonseca e Jacimar Souza da Silva, as referências nos festejos de São Benedito.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe (Marildes Nascimento Fonseca) *in memoriam*, a quem com seu pouco estudo, muita sabedoria e amor me guiaram pelos caminhos das melhores escolhas que foi o estudo e que é minha eterna saudade. Pois foi o com seu trabalho diário que não nos deixou faltar o básico dentro de casa, e que nos dias de provas escolares eu poderia só lavar as louças da pia e depois pegar meus livros para estudar tranquilamente, muito obrigada, Mãe! Ao meu pai Rafael Jurandir Barbosa (*in memoriam*) que via também a importância da educação na minha vida. Apesar de tudo, será sempre meu pai. Obrigada!

Aos meus filhos Júnia (*in memoriam*), Natã Fonseca, June Fonseca por ser minha mola propulsora quando eu pensava em não caminhar mais pelo espaço acadêmico, olho para eles e penso que eles são a minha geração e eu preciso de alguma forma abrir para eles e tantos outros os caminhos.

Ao meu amor e companheiro de vida, Juscelino Estevam da Silva que segura a minha mão e tem melhores conversas, o norte que ilumina meu horizonte, com sua força, humildade e organização (virgiano nato) para que eu siga trilhando os meus caminhos nos estudos, sempre se dispondo a me ajudar no que for preciso e nunca mediu esforços para isso, amo-te e sei que sempre posso contar com você.

A minha irmã Adriana Fonseca, Tia Magnólia Fonseca, minha comadre/ prima Fabiane Fonseca, Minha Sogra Maria dos Rémedios, minha cunhada Simone Estevam, minha comadre Alderleide Moraes, a minha amiga Alberta Fernandes (*in memoriam*) todas as mulheres que seguraram a minha mão para cuidar dos meus filhos para que eu estudasse, minha eterna gratidão!

Aos meus ex-professores da graduação, especializações (Josildo Severiano, Emerson Saraiva, Aldecir Mesquita, Socorro Bandeira, Denis Almeida, Alvatir Carolino, Claudina Maximiano, Eurico e Elder Monteiro), meu obrigada, por acreditarem em mim.

Aqui deixo o meu obrigada para aquele que me fez o convite a falar sobre mim pela primeira vez e mostrar de onde eu vinha na minha graduação, e que hoje pelos caminhos do universo hoje em dia é meu atual orientador do mestrado, professor Tarcisio Serpa Normando, o cara que segurou a minha mão nesse mestrado desde a minha primeira reunião em tempos pandêmicos. Digo agora o que nunca falei para ele que muitas vezes me senti atordoada querendo parar no começo das disciplinas obrigatórias do mestrado e que entre muitos puxões de orelha, muitos “para, respira fundo e segue” foram motivos para eu não desistir. Apesar de que para muitos ele (Professor Tarcisio) aparentar ser sério demais, mesmo assim tem seu

lado empático, observador e um professor sensível às causas sociais, à questão antirracista, que é ligado e conectado com o melhor que a educação pode fazer na formação dos professores que é o crescimento de alguém que em vários momentos cresceu e cresce comigo no tema escolhido por nós para juntos trabalharmos nessa solidificação de parceria entre orientador e orientanda, o meu muito obrigada, caro desorientador!

Às Crioulas do Quilombo de São Benedito, as que seguem comigo há quase 10 anos na luta diária dos movimentos sociais, mas que na vida pessoal é uma vida longa como família. Foi com vocês que aprendi a trabalhar no coletivo e aprendo até hoje, foi com vocês que aprendo que vou e levo comigo as nossas ancestrais, foi com vocês que aprendo que não sou sem minha subjetividade. E é com vocês que estou resgatando e me conectando ao saber ancestral porque sei que no fundo o que nos foi tirado como religião pode ter sido um meio para sobrevivermos e estarmos aqui. Obrigada (Keilah Fonseca, Jamilly Souza, Janaina Souza, Susye Barreto, Kely Fonseca, Fabiane Fonseca), em especial também àquela que me fez enxergar que a minha ancestralidade vive dentro de mim e que eu posso demonstrar a minha fé de muitas maneiras, e principalmente a nossa família está ligada nos tambores dos toques estabelecendo comunicação e que ninguém morre enquanto permanece vivo em nossa memória, obrigada prima querida Jennifer Souza da Silva (*in memoriam*), aquela que não soube que eu passei para esse mestrado porque se foi com o vírus da covid 19 no dia 10 de dezembro de 2020. Amo vocês Crioulas e tenho orgulho de vocês!

Aos meus amigos Celso dos Santos Pedrosa, Marinete Reis de Souza Paiva, Cristina Barbosa, Jailes Pimentel dos Reis e Mirian Araujo Mafra por toda amizade e conversas quando eu achava que não poderia mais ler e escrever e vocês sempre me mostravam um outro olhar sobre a escrita, sempre de um modo carinhoso. Estabelecemos uma conexão que já se vão seis anos de amizade que parece que conheço vocês uma eternidade. Obrigada amigos!

Aos meus colegas das bancas de heteroidentificação: Evana Soares, Nilton Carlos, Rafael Malheiros, Luiz Antônio e Raimundo Nonato, na qual aprendo muito todas as vezes que discutimos da importância de pessoas negras ocuparem os espaços e ajudando e abrindo os caminhos que não feitos para o povo negro e afro indígenas e eles precisam ocupar esse lugar que não foram feitos para nós. Saibam que com vocês aprendo muito.

Aos meus colegas do mestrado PPGET-Ifam-CMC turma 2021 em especial para Ana Graziela Gomes Travassos , Bruno Bufuman Alecrim, Luís Gabriel leite Teixeira, Waldeilson Martins Braga, Vania Marília Lima Guida, Rayka Justiniano de Figueiredo , Josiana Ferreira Belém, Ildeneti de Jesus Alves Costa e aquela que muitas vezes além de

colega virou amiga, de me orientar em como fazer as coisas no mestrado quando eu recorria para ela, e não foram poucas vezes, foram muitas, a amiga Silvia Carvalho Vieira, obrigada! Vocês foram os acertos nessa caminhada.

Ao grupo dos “Des (orientandos)” Ema, Laura que defenderam suas dissertações e nos passava força, ao Jailes por sua luta e empolgação em falar da sua pesquisa sobre os povos indígenas, à Beatriz que foi a última a integrar nosso grupo e que nos mostra a calma na fala, a disponibilidade em ajudar, respeito e escuta se vai longe. À minha primeira irmã de orientação, Thalia Abreu de Carvalho pelas escutas, pela calma e tranqüilidade que passava quando eu me desesperava na escrita e ela simplesmente dizia: “mana, posso ler para você. Não mana, acho melhor você fazer desse jeito que vai dar certo” e pelas escutas na hora da agonia. Obrigada pelo caminhar comigo mana!

A minha querida colega de mestrado que se tornou também uma segunda irmã de orientação e amiga, Tereza de Jesus, meu par frente às dores, indignações, das falas muitas vezes duras nos caminhos e frestas que muitas vezes se mostrava o único caminho a tentar seguir, pois a luz sempre foi em outra direção, mas nós, como mulheres negras e teimosas, sempre insistimos em falar e narrar com nossas experiências de mulheres negras o que tanto quiseram e querem ainda nos calar. Pois assim aprendemos que nossas subjetividades podem ser levadas para onde quisermos. As lutas dos movimentos de negritudes nos fizeram entender que nós mulheres negras temos que fazer o caminho para outros virem e que sempre nos disseram que não seria fácil. Por inúmeras vezes tentamos desistir mais sempre fiz questão de mostrar que nos podemos seguir sim. Obrigada mana por caminhar comigo nessa luta!

À minha amiga Karollen Silva que os caminhos da Ufam trouxeram como encruzilhadas para associação das crioulas e para o Quilombo, com sua interseccionalidade que é o trabalho que desenvolvemos juntas que percorre o caminho da ancestralidade e valorização da cultura popular, fazendo descobrir-me como Produtora Cultural dentro do Quilombo Urbano de São Benedito e nesse caminhar levamos muitos conosco, fazendo a panela girar. Bicha, tu és show! Gratidão por todas as escutas e ajuda.

Ao meu amigo Quilombola de Morro Alto -RS e pesquisador Vinicius Alves, pela escuta, pelo artigo escrito comigo, por ter a capacidade de tirar boas gargalhadas quando eu pedia ajuda no que ele achava do que eu estava querendo escrever. E nessa amizade surgiram apresentações até em congressos internacionais e Nacionais. Valeu mano!

Às psicólogas, Alessandra, do projeto Aquilombamento (RJ), e Rosemary Alves Associada da Associação das Crioulas. Gratidão as duas pelas escutas quando eu mais precisei para entender o que acontecia comigo nos caminhos percorridos.

À FAPEAM- Fundação de Amparo à Pesquisa que me proporcionou uma bolsa de pesquisa e com ela puder comprar livros e aprender muitos mais com as minhas leituras. Meu muito obrigada!

Por fim, agradeço a Deus (Oxalá) e ao meu Santo Benedito por serem o meu amparo nos vários momentos de angustias e na fé que recorro para caminhar e chegar até aqui, agradeço aos que vieram antes de mim abrindo os caminhos, não chegaria a lugar nenhum sem essas pessoas segurando a minha mão, me amparando e nessa caminhada muitas vezes o espiritual se fez presente como forma de dizer: Passa, estamos contigo e vibramos por ti, feche os olhos e sinta o vento que te envio a força da natureza e dos que você não consegue enxergar. Às vezes é preciso fazer o retorno para casa e entender a tua história.

Nossos passos vêm de longe! (Jurema Werneck)

RESUMO

A pesquisa está inserida no campo da Formação de professores e da Educação Antirracista, se dedica a uma investigação através das vivências e experiências de uma pesquisadora quilombola e compreensão quanto a necessidade de serem implementadas e efetivadas as leis 10.639/03 e 11.645/08 no cotidiano escolar. Os pressupostos da Educação Antirracista através das narrativas (auto) biográficas que são analisadas aqui buscam criticar a não execução de uma educação antirracista no cotidiano escolar e os desafios que os professores negros enfrentam diante de sua formação profissional e sua prática. O objetivo da pesquisa é analisar o papel de narrativas (auto) biográficas na formação de professores negros para uma Educação Antirracista. Esse exercício possibilitará uma reflexão sobre a experiência da autora nessa luta. E a partir desse conjunto de análises, construir um produto educacional que promova a valorização da narrativa (auto) biográfica na formação de professores negros para sua uma educação antirracista.

Os seguintes autores foram identificados para o referencial teórico: a) sobre as questões ligadas ao racismo: Abdias Nascimento, Djamila Ribeiro, Silvio de Almeida, Nilma Lino Gomes, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Kabengale Munanga, Chimamanda Ngozi Adiche, bell hooks; b) sobre as questões de formação de professores: António Nóvoa, Francisco Ibernón, Donald Schön, Isabel Alarcão, Carlos Libâneo; c) sobre as questões ligadas às narrativas (auto)biográficas: Marie-Christine Josso; Elizeu Clementino Souza, Maria da Conceição Passeggi, D. Jean Clandini, Michael Connelly.

A abordagem utilizada nesta pesquisa foi qualitativa, uma vez que tenta compreender como acontece o fenômeno através da abordagem da linguagem, seus símbolos, sentidos, significados e representações. Para alcançar os objetivos desta pesquisa. Os resultados serviram como base para desenvolver uma proposta de formação inicial para professores negros do Quilombo Urbano de São Benedito com foco no letramento racial. Para a divulgação dessa proposta, foi criado um Produto Educacional intitulado “Sankofa” Caderno de Formação de professores Antirracistas, apresentando uma discussão contemporânea sobre a educação antirracista a partir de uma literatura prioritariamente negra contando com a participação dos professores negros do Quilombo Urbano do barranco de São Benedito que foram os sujeitos dessa pesquisa.

Palavras-chave: Formação de Professores; Narrativas (Auto) biográficas; Educação Antirracista.

ABSTRACT

The research is inserted in the field of Teacher Training and Anti-Racist Education, it is dedicated to an investigation through the experiences of a quilombola researcher and understanding the need to be renewed and implemented according to laws 10.639/03 and 11.645/08 in everyday life school. The assumptions of Anti-Racist Education through the (auto) biographical narratives that are demonstrated here seek to criticize the non-execution of anti-racist education in everyday school life and the challenges that black teachers face in their professional training and practice. The objective of the research is to analyze the role of (auto) biographical narratives in the training of black teachers for Anti-Racist Education. This exercise will enable a reflection on the author's experience in this struggle. And from this set of analyses, build an educational product that promotes the appreciation of the (auto) biographical narrative in the training of black teachers for anti-racist education. The following authors were identified for the theoretical framework: a) on issues linked to racism: Abdias Nascimento, Djamila Ribeiro, Silvio de Almeida, Nilma Lino Gomes, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Kabengale Munanga, Chimamanda Ngozi Adiche, bell hooks; b) on teacher training issues: António Nóvoa, Francisco Ibernón, Donald Schön, Isabel Alarcão, Carlos Libâneo; c) on issues related to (auto)biographical narratives: Marie-Christine Josso; Elizeu Clementino Souza, Maria da Conceição Passeggi, D. Jean Clandini, Michael Connelly. The approach used in this research was qualitative, as it tries to understand how the phenomenon happens through the approach of language, its symbols, senses, meanings and representations. To achieve the objectives of this research. The results served as a basis for developing an initial training proposal for black teachers from Quilombo Urbano de São Benedito with a focus on racial literacy. To publicize this proposal, an Educational Product entitled "Sankofa" Anti-Racist Teacher Training Book was created, presenting a contemporary discussion on anti-racist education based on primarily black literature with the participation of black teachers from Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito who were the subjects of this research.

Keywords: Teacher Training; (Self) biographical Narratives; Anti-Racist Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fases principais da entrevista narrativa	36
Quadro 2 – Caminhos para análise das entrevistas	37
Quadro 3 – Esquema da Oficina I	85
Quadro 4 – Esquema da Oficina II.....	87
Quadro 5 – Esquema da Oficina III.....	88
Quadro 6 – Esquema da Oficina IV	89
Quadro 7 – Esquema da Oficina V.....	90
Quadro 8 – Esquema da Oficina VI	91
Quadro 9 – Experiência com o racismo estrutural na escola	93
Quadro 10 – Avaliação da proposta do produto educacional.....	100
Quadro 11 – Análise sobre os temas tratados nas oficinas.....	104
Quadro 12 – Carga horária do curso	105
Quadro 13 – Relevância dos temas abordados nas oficinas	106
Quadro 14 – Relevância dos temas abordados nos debates	106
Quadro 15 – Relevância das reflexões abordadas nos finais das oficinas.....	107
Quadro 16 – Importância do curso para a sociedade.....	108
Quadro 17 – Importância do curso para a sociedade.....	109
Quadro 18 – Avaliação do produto educacional quanto à ajuda ao modo de pensar a educação antirracista	109

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária dos professores entrevistados	96
Gráfico 2 – Cor/Etnia	97
Gráfico 3 – Gênero	99
Gráfico 4 – Escolaridade	99
Gráfico 5 – Avaliação da proposta do produto educacional	100
Gráfico 6 – Avaliação do número de participantes na realização do produto educacional....	102
Gráfico 7 – Avaliação do produto educacional	103
Gráfico 8 – Avaliação da carga horária do produto educacional	104

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
IES	Instituição de Ensino Superior
IFAM	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
INEP	Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais
PCN	Parâmetro Curricular Nacional
PPGET	Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico
MOAM	Movimento Alma Negra
AMONAM	Associação Orgulho negro do Estado do Amazonas
CMM	Câmara Municipal de Manaus
CEPIR	Conselho de Promoção da Igualdade Racial
CEPSH-IFAM	Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
GRES	Grêmio recreativo escola de samba Vitória Régia.
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas.
PNCSA	Projeto Nova cartografia Social da Amazônia
SEDUC	Secretária Municipal de Educação
SEMED	Secretária de Estado de Educação e Qualidade de Ensino

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA O USO DAS NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NEGROS	15
1.1 O ARCABOUÇO TEÓRICO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, LETRAMENTO RACIAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	15
1.2 O PERCURSO METODOLÓGICO	31
CAPÍTULO 2 – LUGARES DE MINHAS RAÍZES, MEMÓRIAS E ATUAÇÕES: O QUILOMBO URBANO DO BARRANCO DE SÃO BENEDITO E AS CRIOULAS DO QUILOMBO	39
2.1 O QUILOMBO DO BARRANCO DE SÃO BENEDITO: O LUGAR ONDE SOU	39
2.2 AS CRIOULAS DO QUILOMBO: O LUGAR ONDE FAÇO	48
CAPÍTULO 3 – MINHA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA	53
3.1 TRAJETÓRIA PESSOAL E FEMINISMO NEGRO: TORNANDO-ME NEGRA E FEMINISTA	53
3.2 TRAJETÓRIA PESSOAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: (AUTO) BIOGRAFIA DE UMA PROFESSORA NEGRA, QUILOMBOLA E ANTIRRACISTA.....	58
3.3 TRAJETÓRIA PESSOAL E MILITÂNCIA.....	65
CAPÍTULO 4 – PRODUTO EDUCACIONAL SANKOFA NO QUILOMBO DE SÃO BENEDITO: CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NEGROS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	81
4.1 COMO ELABOREI O PRODUTO EDUCACIONAL	83
4.2 COMO O PRODUTO EDUCACIONAL FOI AVALIADO	92
CONSIDERAÇÕES FINAS	112
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	125
APÊNDICE A – CONVITE DA OFICINA.....	125
APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO	128
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	132
APÊNDICE D – SLIDES DA FORMAÇÃO SANKOFA.....	135

APÊNDICE E – FOTOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NEGROS E TEXTOS DE APOIO.....	137
APÊNDICE F – CERTIFICADO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	138
ANEXO – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	139

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa aborda questões de formação de professores negros através da (auto) biografia para uma educação antirracista. A escola é um espaço em que os professores estão a todo o momento experienciando histórias de vida, relatos importantes que muitas vezes ficam guardados somente na memória. As narrativas são importantes, pois as escutas sobre estas experiências levam a uma ressignificação das mesmas, o que contribui em última análise, para orientar o papel a desempenhar na sociedade.

Esta proposta está aderente à linha 1 (Processos para Eficácia na Formação de Professores e no Trabalho Pedagógico em Contextos de Ensino Tecnológico) do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico, posto que esta objetiva investigar também questões emergentes centradas em situações formativas de professores.

Esse material de pesquisa é importante para mim, pois conta um pouco das minhas reflexões desde a tenra infância quando eu estava na 1ª série no início dos anos 80, lembro-me perfeitamente de duas professoras que marcaram a minha vida, as duas tinham o mesmo tom de pele e cabelos parecidos com o meu e que aprendi a amar depois de muitos anos. A explicação chegou depois de muito tempo: Elas eram o meu espelho e só agora eu entendo como é importante se sentir representado nos espaços.

Não tenho recordação em nenhum momento de minha vida em ver personagens infantis de bonecos negros, nem desenhos animados, em gibis e muito menos em filmes em fitas cassetes. As minhas referências na infância não eram de pessoas boas, sendo difícil para uma criança negra crescer se amando se tudo que foi me mostrado era o contrário e que para mim o que poderia ser belo nada se parecia comigo. Por tanto a partir do momento que compreendi minha identidade social, quis desenvolver nos professores negros como eu, uma consciência crítica, que eles entendam a sua história para tentar mudar o seu futuro. Existe um ditado em iorubá que diz “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje” trabalhar uma educação antirracista hoje é tentar mexer no passado, tentando quem sabe fazer mudanças no futuro.

A partir da pesquisa realizada se construiu também o produto educacional chamado “Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista”.

A pesquisa se materializou num texto composto de quatro capítulos. O primeiro, intitulado “Narrativas (Auto) Biográficas para a Formação de Professores Negros”, aponta alguns desafios para a formação de professores negros, sendo eles: ligar a formação à

profissão, superar divisão que revelam-se improdutivas e se opõe teoria e prática, incluir saberes dos professores negros na formação e construir uma identidade docente antirracista na formação inicial. O capítulo também apresenta as perspectivas de autores negros que tem dedicados suas trajetórias acadêmicas à formação de professores para atenuação desses desafios.

O Capítulo 2, intitulado “Lugares de minhas raízes, memórias e atuações: Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito e as Crioulas do Quilombo” aponta uma breve história do local onde a maioria dos professores negros da pesquisa moram e atuam afim de recuperar sua história e raízes ancestrais. Tal processo possibilitou trazer pesquisadores voltados para o campo de ensino das narrativas negras e antirracistas.

O Capítulo 3, intitulado “(Auto)Biografia de uma professora negra e quilombola” visa refletir sobre a trajetória da pesquisadora em direção a sua ancestralidade que impactou na ressignificação da sua identidade. Inicialmente tratou da relação como o racismo estrutural e como as leituras sobre o feminismo negro que fez com que ela se entendesse como mulher negra, sua formação e atuação como professora antirracista e o papel que ela desempenha como militante da causa negra no estado do Amazonas e a relação com o Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito.

No Capítulo 4, intitulado “Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista” - Caderno para Formação de Professores Antirracistas, é dedicado ao produto educacional e são apresentados os processos de seu planejamento, criação e realização da prática profissional do produto educacional voltado para a formação inicial de professores negros criado com o objetivo de fomentar e promover a discussão sobre a Formação de professores e Educação Antirracista. O Produto Educacional foi idealizado e realizado no próprio Quilombo do Barranco de São Benedito. Ele se materializa na forma de um caderno para formação de professores antirracistas no qual são apresentadas e discutidas a concepção dos encontros, objetivos e carga horária; a estratégia metodológica utilizada nessa formação (rodas de conversas); as temáticas debatidas e as formas como são articuladas entre si com o objetivo de fazer os professores negros refletirem sobre suas trajetórias e, a partir daí, se empoderarem para construção de um professor, uma escola e uma educação antirracista.

CAPÍTULO 1 – PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA O USO DAS NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NEGROS

1.1 O Arcabouço Teórico: Formação de Professores, Letramento Racial e Educação Antirracista

Sou educadora negra e quilombola formada em Pedagogia na primeira década dos anos 2000. No decorrer da licenciatura percebi que a discussão sobre uma educação antirracista não tinha destaque nas ementas das disciplinas cursadas. Ao graduar, precisei buscar as leituras necessárias para me empoderar sobre minha identidade. Esse exercício foi doloroso e necessário, tanto quanto a vivência de uma pessoa negra na Universidade.

A formação docente não é estática, não se limita apenas ao que se aprende nos cursos de graduação. Tão importante quanto esse período inicial é a formação continuada (e às vezes contínua) dentro e fora do contexto escolar que colabora para que os professores amplifiquem práticas reflexivas de desenvolvimento de ações de ensino. É preciso valorizar os vários espaços através dos quais o conhecimento se constrói: nos bancos escolares, na prática profissional, nas interações interpessoais e mesmo nas rodas de conversa realizadas no Quilombo do Barranco de São Benedito.

A teoria aprendida no curso de Pedagogia e a prática estabelecida na docência e na comunidade devem caminhar juntas e não ser uma a consequência da outra: é necessário que os conhecimentos teóricos tenham sentido e significado para que se perceba a relação entre a teoria e as práticas do cotidiano. John Dewey (1976), esclarece que a verdadeira experiência educativa passa a envolver o que se aprende com a interação e continuidade do que é aprendido.

Marcelo Castro e Rejane Amorim (2015) observam distinção entre os termos educação continuada e *formação continuada*. O primeiro remete a ideia que essas ações seriam escolarizantes, isto é, de transferência de saberes, dando a entender que os professores teriam que ser treinados para o mercado de trabalho. O segundo, considera o processo de desenvolvimento profissional para além de discussões técnicas e inclui a dimensão experiencial.

Para Paulo Freire (1996), a formação se faz permanentemente, mas não se dá apenas por acúmulos de conhecimentos, pressupõe que o formador e o formando se compreendam como seres inconclusos e que essa é uma condição humana que impele o homem a se

enveredar curiosamente na busca pelo conhecimento de si e do mundo. Nesse sentido, as rodas de conversas em grupos, os diálogos com professores, as leituras de livros, entre outros itinerários metodológicos, servem para formar a criticidade do professor.

De acordo com Carlos Libâneo esses momentos de formação continuada levam esses professores a uma motivação e ação reflexiva no que diz respeito ao desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, fazendo com que os professores reformulem suas atividades, repensando o que deve melhorar durante o desenrolar de suas aulas. A prática pedagógica exige um professor capacitado e que esteja preparado para receber e trabalhar com os alunos como também lidar com demandas e problemas que possam surgir no cotidiano escolar. Segundo ele,

O termo formação continuada vem acompanhado de outro, a formação inicial. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional (Libâneo, 2004, p. 227).

Há uma demanda de pesquisadores da educação e de proponentes de políticas públicas para que a escola proporcione um conhecimento ampliado e necessário não apenas para o aprendizado formal, mas que contribua também na formação de cidadãos. Nesse contexto, o professor é o responsável por proporcionar ao educando uma compreensão sobre o sentido do que é ensinado, estimulando-o na construção de um conhecimento que lhe seja adequado para compreensão do mundo em que vive e que está sempre em transformação. Por isso, a formação continuada é um suporte para que o docente desenvolva práticas pedagógicas que atendam essa exigência.

Isabel Alarcão (1992) sustenta que a escola tem o papel de oferecer oportunidades para que os professores possam se desenvolver. Essa instituição não deve apenas qualificar os alunos, mas todos que nela convivem. Dessa forma, a escola deveria subsidiar condições aos professores para criar e refletir sobre o seu papel. A relação entre a teoria e prática estabelecida entre professor e aluno podem colaborar e ajudar na atuação profissional e no processo formativo do professor docente.

Esse conjunto de autores trazidos para discussão é um recorte dentre uma sólida literatura que estuda esse tema. Entre outras coisas, eles demonstram que a formação de professores não pode ser concebida como uma atividade que se encerra em prazos curtos e pré-definidos, mas como um processo amplo, um projeto que deve prosseguir ao longo da

carreira docente de maneira continuada (após a formação na licenciatura) e contínua (com certa regularidade).

Cabe ainda considerar que Francisco Imbernón (2009) interliga a ideia de formação continuada de professores com a *desaprendizagem*, isto é, o exercício de abrir mão de um conhecimento obsoleto e enganoso em favor de se abrir para a construção de novos significados e sentidos. Ao fazer esse caminho, o docente assume o protagonismo da construção de sua identidade profissional recusando ser um instrumento manipulável por terceiros.

Essa noção exposta por Imbernón me é muito cara, pois na minha trajetória profissional, percebi que recuperar minha história de vida foi um exercício formativo necessário, uma vez que não me define ser apenas professora. Precisei aprender que sou uma professora negra e que essa condição, por um lado exige que o tempo todo tenha que provar minha capacidade intelectual e profissional. Por outro lado, impõe a responsabilidade de ocupar espaços na sociedade e servir de referência para uma geração vindoura de professores negros.

Mais recentemente, a proposta inovadora de Luiz Rufino (2019) de uma *pedagogia das encruzilhadas* me fez pensar na minha vida como professora negra e entender que o processo de me reinventar na valorização de minha ancestralidade, ressignifica a compreensão dessa herança fazendo com que eu, através dos meus questionamentos pudesse, à moda da pedra lançada por Exu, reinterpretar o passado de modo a fortalecer as lutas que escolhi travar no presente¹.

Essas discussões preliminares se situam num campo investigativo já consolidado nas últimas duas décadas na área de educação: a formação de professores. Conforme Evandro Ghedin (2009), na pesquisa realizada no Brasil há, pelo menos, quatro tendências reconhecíveis pelos conceitos principais com os quais operam: saberes, competências, pesquisa, reflexão.

O conceito de saberes engloba tanto a experiência profissional construída no exercício da docência quanto os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação. O somatório dessa junção torna-se o recurso necessário para uma prática docente profissional e comprometida que demarca o próprio campo de trabalho, impedindo que ele seja exercido por

¹ A pedagogia das encruzilhadas é uma abordagem afro-brasileira e decolonial da educação e tem caráter *político*, em função da luta contra o racismo e a transgressão dos parâmetros coloniais; *poético*, ao favorecer um diálogo com sabedorias e gramáticas que foram subalternizadas; e *ética* por se comprometer com a transformação dos seres (Rufino, 2019a, p. 20). Nessa leitura, Exu “na cultura Iorubá e nas suas múltiplas inscrições na diáspora africana emerge como princípio explicativo de mundo sobre o acontecimento, comunicação, linguagem, invenção, corporeidade e ética” (Rufino, 2019b, p. 262).

indivíduos que se achem vocacionados, mas sem o devido domínio dos saberes da profissão. Maurice Tardif chama o conjunto de saberes utilizados pelos professores de epistemologia da prática profissional, o que abarcaria conhecimentos, competências, habilidades/aptidões e atitudes – ou o que convencionou-se chamar de saber, saber-fazer e saber ser².

Refletir sobre a formação continuada dos professores a partir das narrativas, faz com que se obtenha através da fala sobre as experiências e vivências a compreensão do processo de construção de identidades. Recorro a António Nóvoa:

[...] a formação não se constrói somente pela acumulação de conhecimentos e de técnicas desenvolvidas durante o curso, mas num movimento de flexibilidade crítica sobre a prática e de reconstrução permanente da identidade pessoal e da profissão, consequentemente. [...] os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são também, momentos de formação e de investigação (Nóvoa, 2002, p. 39).

Para o profissional docente, a reflexão sobre sua auto narrativa pode servir de aprimoramento de suas práticas diárias em sala de aula, além de uma melhora no desenvolvimento pessoal, favorecendo uma crítica mais consciente e elaborada de questões inerentes do próprio professor e de como suas vivências conscientemente irão contribuir para a sua formação contínua.

No entanto, os professores precisam estar dispostos a esse exercício e se colocarem abertos para experimentar novas maneiras de trabalhar a docência para intervir no mundo, como já recuperei dos ensinamentos de Paulo Freire (2002). Donald Schön diz que o professor reflexivo é um profissional eminentemente criativo que pensa, analisa e levanta questionamentos sobre sua prática profissional, a fim de agir sobre a mesma, ou seja, um profissional autônomo, inteligente e flexível, capaz de construir e reconstruir conhecimentos. Em outras palavras, o professor não é um mero executor de ordens, mas um profissional livre, que faz suas próprias escolhas por meio da reflexão, da análise e da problematização, conforme o seguinte processo:

O processo de reflexão-na-ação [...] pode ser desenvolvido numa série de “momentos”. [...] primeiramente um momento de surpresa: um professor reflexivo permite-se ser surpreendido pelo aluno [...] segundo momento [...] pensa sobre aquilo que o aluno disse ou fez, e, simultaneamente, procura compreender a razão por que foi surpreendido. [...] num terceiro momento, reformula o problema suscitado pela situação [...] num quarto momento, efetua uma experiência para testar a sua nova hipótese (Schön, 1995, p. 83).

² Tardif (2012, p. 55). Nesse recorte, importa mencionar também que Carlos Marcelo Garcia numa análise similar prefere o termo conhecimento, que abarcaria “as áreas do saber pedagógico (conhecimentos teóricos e conceptuais), saber-fazer (esquemas, práticas de ensino) e saber porquê (justificação da prática) (Garcia, 1999, p. 84).

Acredito que uma formação continuada voltada para os professores e professoras negros precisa reconhecer que poucas escolas colocam em prática um currículo escolar que trabalhe uma educação antirracista. Esta constatação torna essencial que esses docentes tenham espaço de fala em cursos de formação para refletir sobre preconceitos, resistências, transformações, saberes, etc.

A professora Nilma Lino Gomes (2017, p. 53) diz que só uma intervenção reformista no currículo escolar não basta, que é preciso uma mudança radical no campo do conhecimento mais do que somente na teoria educacional e na escola. Cotidianamente, não é comum vermos nos meios de comunicação de massa pessoas negras refletindo sobre questões que atingem a população negra. É mais comum darem espaço para pessoas brancas falarem de coisas que elas não vivenciam. Não que não seja importante caminharmos ao lado de pessoas brancas no que diz respeito ao antirracismo, mas a escola reproduz essa lógica de invisibilidade não dando vez para professores negros exporem as dificuldades da docência numa sociedade racista³.

É óbvio que a desvalorização da educação agride indiscriminadamente: salários defasados, salas lotadas, falta de recursos didáticos, prédios necessitando de adequações e reformas fragilizam o trabalho de todos os professores, mas docentes negros, além de superar todos esses obstáculos, precisam ainda vencer o estigma racial que coloca em xeque sua capacidade profissional e intelectual e que faz dessa rotina escolar algo mais pesado, deixando-os fragilizados ao ponto de não se apropriarem da pesquisa e da criatividade. Isso faz com que a formação continuada assuma um caráter ainda mais necessário para esse público.

Defendo, portanto, que haja uma formação continuada para professores negros no sentido de um letramento racial que proporcione oportunidades para que estes tenham sua voz, suas experiências, seus anseios escutados como forma de reflexão que sirva como passo inicial e/ou como consolidação de uma educação antirracista nas escolas. Um passo inicial nessa direção é a efetivação de leis já existentes, de modo, que estas fossem efetivamente incorporadas à cultura escolar.

Aponta Nilma Lino Gomes (2017) que o movimento negro é um ator político que questiona e educa o Estado, articulando politicamente negras e negros na luta contra o

³ Para exemplificar: em matéria publicada em 08/12/2023 pela Agência Brasil, entre 2014 e 2019, apenas 0,53% dos professores nomeados após concurso em universidades públicas eram negros, isto representa um percentual 37 vezes menor que a cota de 25% de vagas. Link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-12/entrada-de-professores-negros-em-universidades-publicas-e-abaixo-de-1#:~:text=O%20percentual%20de%20pretos%20e,lei%3A%2020%25%20das%20vagas>. Acesso em: 23 de dezembro de 2023.

racismo. Precisamos evidenciar o papel importante da luta dos movimentos negros no que diz respeito às demandas educacionais. Foi graças a essas lutas que em 2003 foi sancionada a lei 10.639 que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, tornando obrigatório o estudo da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas⁴.

A lei 10.639 pode ser considerada uma política afirmativa em toda extensão da educação básica, isto é, da educação infantil ao ensino médio que, pelo menos em tese, permitiria dar relevância à trajetória das pessoas negras na história do país, criando espaço para se discutir não apenas as torturas, maus-tratos e assassinatos que sofreram, mas também ao epistemicídio que dizimou seus saberes, línguas, religiões; negou suas existências, origens e descendências; e desvalorizaram e mercantilizaram seus corpos.

Nesse sentido, Cilene de Sousa Agostinho (2016) afirma que a escola é um espaço onde a diversidade cultural está presente através dos diversos sujeitos que a frequentam e que devem encontrar-se dispostas e abertas às suas manifestações para que se alcance a ampliação e a permanente afirmação dos sujeitos-alunos, de modo que conheçam as suas origens, principalmente no que se refere à história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, superando o distanciamento que há entre a realidade de onde vem e os conteúdos ensinados e aprendidos em sala de aula. Crianças, jovens e adultos negros e negros precisam se ver como protagonistas em suas histórias, pois, ainda segundo Augustinho, as práticas pedagógicas influenciam na construção da consciência do aluno. Por isso, a formação escolar deve estar ligada a descentralização do currículo europeizado para que o educando construa um discernimento crítico à medida que se encontre e se identifique com os conteúdos que abordem a pluralidade sociocultural.

Esse cuidado deve começar cedo na escola, desde a educação infantil. Bárbara Carine Pinheiro (2018) fala sobre a percepção das crianças negras que na fase escolar, ampliando seu processo de construção da subjetividade humana, são submetidas aos reflexos de estruturas raciais antigas nos quais terão acesso a bonecas com os quais não se identificam, livros que não trazem ninguém parecida com elas, rejeições aos cabelos, troças aos seus aspectos físicos. Existe um racismo estrutural no qual crianças são imersas desde que nascem e passam a reproduzir. Nesta direção, Neusa Santos sustenta que:

A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (Santos, 1983, p. 77).

⁴ Em 2008, a LDB foi novamente alterada pela 11.645 e passou a incluir nos currículos o estudo da História e Cultura Africana, Afro-brasileira e indígena.

Anos mais tarde, Djamila Ribeiro (2019) em seu *Pequeno Manual Antirracista* sustentou que o racismo estrutural não só é uma questão da negritude, mas que vários outros grupos sociais são oprimidos por essas realidades e experiências racistas e que não basta ser contra o racismo, é preciso assumir uma posição antirracista. Nesses termos, Almeida (2021) nos faz um alerta que o racismo faz parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar: ele está entranhado em nosso vocabulário, gestuais, forma de pensar. Portanto, se tolerar uma prática racista não faz do indivíduo moral e juridicamente culpado ou responsável, certamente seu silêncio o torna politicamente responsável pela manutenção desse racismo estrutural. Por isso, a mudança da sociedade não se fará apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: dependerá, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas.

Ao compreender o funcionamento do racismo estrutural (presente também nos espaços, nas práticas e nas culturas escolares desde a educação infantil) percebemos a necessidade de olhar com atenção a tudo que constitui os processos de ensino-aprendizagem. Ao ensinarmos as crianças negras a sua ancestralidade estaremos também contribuindo para uma educação sobre as relações étnico raciais, fazendo com que as crianças se fortaleçam para o enfrentamento do racismo e ao mesmo tempo seja antirracista.

Não falo em defesa de um hipotético “mundo reverso” e sim de aproveitar as potencialidades do espaço escolar para mostrar aos alunos o como o racismo se infiltra nas entrelinhas da sociedade que os cerca. Devemos começar apresentar escritores negros, recuperar o papel de pessoas negras na história do Brasil, identificar pessoas negras que fazem ciência, referenciar negros e negras que se destacam em suas carreiras para que os alunos se reconheçam e se projetem seguindo horizontes possíveis. Devemos lutar por um currículo que abranja as questões da diversidade humana. Para alcançarmos isso, precisamos de professores que igualmente se sintam empoderados de sua identidade e sua história.

Esse empoderamento de docentes e discentes negros no espaço escolar agora depende em certa medida da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo homologado pelo Ministério da Educação (MEC) em 20 de dezembro de 2017 que traz um conjunto de orientações e uma lista de conteúdos que os sistemas de ensino devem utilizar como base para compor os seus currículos. Porém, pesam sobre a versão final deste documento críticas sobre a falta de representatividade das questões levantadas por docentes. Michelle Bissoli e Mariângela Momo (2020) relatam a não participação efetiva de

professores, especialmente do interior do estado, na discussão da BNCC no Estado do Amazonas⁵.

O conturbado cenário político não favoreceu ao debate com os sujeitos que vivem a escola, especialmente professores e alunos. Nesse sentido, cabe à BNCC a crítica feita por Luis Freitas (2014) que agentes privados interessados tanto nos objetivos e avaliações como também na organização do trabalho pedagógico partem do pressuposto de que uns competem resolver os conteúdos e as competências, enquanto outros ficam trabalhando no chão da escola e outros designados a implementar o currículo, sem articulação e sem refletir as demandas de todos os envolvidos.

Acredito que, diferente do que se propaga, a BNCC não garante uma educação para todos porque não foi capaz de ouvir e garantir espaço para as demandas de todos envolvidos. Dessa forma, ela é um documento que impõe o que a escola tem que fazer, impõe aos estudantes o que tem que aprender e o que os professores tem que ensinar, não permitindo, na prática, a autonomia das escolas e nem valorizando as experiências trazidas pelos sujeitos escolares.

A escola é o lugar que as pessoas se formam. Não deveriam se destinar a preparar os alunos apenas para as provas de processos seletivos. Ela se destina a formar pessoas que saibam se localizar no mundo. Pessoas negras enfrentam diariamente o racismo estrutural. Era necessário que a Base Nacional Comum Curricular enfrentasse com determinação essa questão, por exemplo, fortalecendo a formação de professores para um letramento racial e uma educação antirracista.

Para se entender o letramento racial preciso demonstrar os conceitos de Raça, Racismo, Preconceito e Discriminação Racial.

Para Silvio de Almeida (2021) o termo raça tem muitas controvérsias. Para vários autores esse conceito é ligado a classificação de plantas, animais que serviu depois para classificarem pessoas. No que diz respeito a classificação de raça em humanos, a origem é do século XVI e foi utilizada por muitos anos para justificar desigualdades entre grupos sociais, impactando diretamente na vida de várias pessoas. Esse conceito de raça se tornou instrumento para justificar a hierarquização, subjugando em razão de características físicas, sobretudo pela cor da pele das pessoas.

⁵ Segundo Ademir Manfré (2021), “foram três versões apresentadas até a homologação do documento final, em dezembro de 2017. É válido lembrar que as diferentes versões do texto articularam o interesse dos diferentes grupos empresariais, entre eles multinacionais, além de organizações não governamentais. O novo ensino médio foi suspenso pela Portaria MEC 627/2023.

O colonialismo europeu avançou sobre o mundo subjugando qualquer cultura diferente a deles como inferior e não civilizados, isso aconteceu não só com os povos africanos, mas também com os povos da América Latina, como no Brasil e Amazonas que também foram povos colonizados. Ainda temos muitos resquícios de um povo considerado menos civilizado, contudo ainda estereotipado. O racismo como também o patriarcado vem nessa abordagem do sistema capitalista, pois são braços ideológicos de dominação, assim como o racismo, o machismo e outras opressões se tornaram funcionais ao capitalismo, para poderem cumprir a sua função nociva às pessoas no mundo todo.

Mas o que é o racismo? O racismo é a somatória de processos históricos e políticos, sociais de discriminação, que está fundamentada na raça, podendo ser consciente e inconsciente, resultando em vantagens e desvantagens para um grupo a qual pertence. Pessoas negras não são racistas elas reproduzem porque elas não se beneficiam daquela estrutura por mais que reproduzam violência machista ou racista elas estão apenas reproduzindo⁶.

Racismo é diferente de preconceito e de discriminação racial, o preconceito racial são juízos que pessoas tem baseados em estereótipos de algum grupo. A discriminação racial é o tratamento diferenciado a grupos racializados por meio da força relacionada a poder, podendo ser direta pela (cor de pele) e indireta quando se ignora a realidade do grupo que são subjugados e historicamente massacrados, afetando as possibilidades de subsistência, de dignidade, ascensão social, de reconhecimento e de sustento, nesse contexto devemos lembrar também dos indígenas que sofrem por serem julgados.

A pesquisadora Evelyn Dias Siqueira Malafaia (2018) corrobora a fala de Clóvis Moura (1994) que foi no período de colonização que o racismo foi usado como ideologia que nutriu e justificou as ambições políticas expansionistas de nações dominadoras sobre as nações dominadas. Para tal opressão, lançou-se mão de abordagens políticas e científicas que explicassem suas ações. A pressuposto presente era que havia raças inferiores sem cultura, religião e política que eram passíveis de dominação e povos superiores, que detinham o conhecimento, saberes e por isso podiam dominar, pois possuíam a missão de assessorar os demais povos.

A elite 'pensante' do país tinha nítida consciência de que o processo de miscigenação, anularia a superioridade numérica do negro e ao alienar seus descendentes mestiços graças à ideologia de branqueamento, que evitaria os prováveis conflitos raciais conhecidos em outros

⁶ Definição construída a partir da conceituação presente em E. Cashmore, Dicionário de Relações Étnicas e Raciais, pp. 458-463.

países, de um lado e, por outro lado, garantir o comando do país ao segmento branco (Munanga, 1999, p. 78).

Para Leandro Roque (2021), mais conhecido como *Emicida*, ao comentar o significado da palavra “elite” ele diz : não é uma da categoria de melhor, e sim de se referir às pessoas com dinheiro ou seja a elite da categoria humana, parece a pirâmide da humanidade é definida pelo acúmulo. Então, a palavra correta é burguesia. Portanto a diferença para as outras é o dinheiro e esse sistema fez o negro não poder escolher o sistema econômico e sim foi imposto para eles e infelizmente para cada Emicida que surja e consiga viver quantos serão mortos?

Reagir contra situações e formas de pensar e agir a essa supremacia branca foram naturalizadas. Se não aceitarmos como a nossa sociedade foi moldada e foi a partir de uma sociedade eurocêntrica privilegiando pessoas brancas em detrimento de outros povos, trabalharemos com a falsa ideia de igualdade racial e sabemos o racismo é estrutural e institucional, sem essa lógica não poderemos ter uma sociedade com igualdade de direitos. Santos (1994), relata o racismo é um sistema pois afirma a superioridade de um grupo racial sobre os outros. O que é um grupo racial? A pergunta parece tola: ninguém confunde um preto com um branco, um índio com um japonês e, se for um bom observador, não confundirá, também um judeu com um italiano. Nenhum desses grupos de pessoas é, porém, uma raça.

Quando aconteceu a libertação dos escravos foi muito tarde, uma liberdade depois de 388 anos e a base de muito açoite e sofrimento, morte e ao analisarmos essa liberdade vemos os negros continuarem sem ter possibilidades de sobrevivência. 14 de maio de 1888 pós data da liberdade, uma libertação em termos, pois nos lembra que muitos negros precisaram se reinventar para subsistir, pois muitos ainda ficaram nas ruas sem terem um trabalho digno, sem documentos, sem comer, pois não eram considerados pessoas e muito menos cidadãos, então não poderiam estudar e precisavam criar formas para permanecerem vivos, buscando em locais distantes para reconstruir suas vidas, pois eles foram afastados dos lugares socialmente reconhecidos e algumas pessoas e suas famílias precisaram voltar para a casa grande e outros libertos para que voltassem ao continente africano.

Ouve-se que os negros são preguiçosos, mas como? Se eles estão na base da construção efetiva do país, o papel dos estereótipos é porque eles foram construídos para um determinado grupo, ficando no lugar de inferioridade. Quando você ouve a palavra denegrir nos remete a tornar negro em um olhar de negatividade a imagem do negro. O racismo penetra em todos os cantos que se dá por meio das coisas que a gente diz e por meio do que

não dizemos. A história do povo negro que veio escravizado para o Brasil foi contada com uma outra visão, na visão do colonizador que impôs suas concepções para que o negro sobrevivesse no país. Abdias do Nascimento nos fala:

Depois de sete anos de trabalho, o velho, o doente, o aleijado e um mutilado - aqueles que sobreviveram aos horrores da escravidão e não podiam continuar mantendo satisfatória capacidade produtiva {eram atirados na rua a propria sorte qual lixo humano indesejavel; estes eram chamados de -africanos livres". Não passava, a liberdade sob tais condições, de pura e simples forma de legalizado assassinio coletivo. As classes dirigentes e autoridades públicas praticavam a libertação dos escravos idosos, dos inválidos e dos enfermos incuráveis, sem conceder qualquer recurso, apoio, ou meio de subsistência. Em 1888, se repetiria o mesmo ato "Libertador" que a história do Brasil registra com o nome de Abolição ou de Lei aquilo que não passou de um assassinato em massa, ou seja, a multiplicação do crime, em menor escala, dos africanos livres (Nascimento, 2016, p. 79).

Acreditamos que nos tempos atuais os negros vivenciam humilhações e continuam na luta por ter seus direitos garantidos apesar da "liberdade". A chamada igualdade de direitos não existe pois muitos não são admitidos em vários espaços e lugares, sofrendo com preconceitos e racismo. O negro ao longo dos anos teve vários nomes pejorativos, um deles é o de preguiçoso, essa é uma das lógicas racistas atribuídas aos negros porque nunca existiu a valorização dos negros(as) apesar de toda a contribuição que eles trouxeram para o Brasil. Conforme descreve Walter Fraga.

Assim, muitos escravos acabaram abandonando as fazendas nas quais foram escravizados e mudaram-se para outras ou então foram para cidades. Essas migrações de ex-escravos aconteceram por múltiplos fatores. Os libertos mudavam-se para distanciar-se dos locais em que foram escravizados, ou então iam para outros lugares procurar parentes e estabelecer-se juntos desses ou até mesmo procurar melhores salários (Fraga, 2018, p. 376).

Clóvis Moura (1994), fala que após a abolição, o racismo no Brasil lançou mão de novas roupagens "científicas", houve no país um trabalho de divulgação ideológica racista feito pela elite intelectual brasileira. Essa nova ideologia se concentrava na Liga da Higiene Mental, que se deteve principalmente na imigração onde o Brasil adotou critérios rigorosos para a seleção de quem iria entrar no país, limitando e proibindo a entrada de negros e asiáticos.

Remete-me novamente a filósofa Djamilia Ribeiro (2019, p. 09) que ressalta que é importante lembrar que, apesar de a Constituição do Império de 1824 determinar que a educação era um direito de todos os cidadãos, a escola estava vetada para pessoas negras escravizadas. A cidadania se estendia a portugueses e aos nascidos em solo brasileiro, inclusive os negros libertos. mas esses direitos estavam condicionados a -posses e rendimentos, justamente para dificultar os libertos o acesso à educação.

Lembro de uma lei de privilégios e de graças, do estado e do clero. A autora Ana Maria Gonçalves, em entrevista sobre seu livro *Um Defeito de Cor*⁷, diz: “livro fictício que retrata a vinda de uma criança que veio escravizada com sua irmã gêmea e a avó”. O nome dado ao título do livro se dá pela lei do período Colonial na qual dizia que negros que quisessem ocupar locais de destaque na igreja, na administração colonial, ou no exército, teriam que pedir e escrever para o imperador pedindo dispensa “do defeito de cor ou seja teriam que abrir mão da própria cor, desculpando-se para poder ocupar cargos que eram reservados apenas para brancos portugueses.

O racismo nunca deixou de existir, durante a pandemia de covid-19 ficou ainda mais evidente que o racismo existe e que se mostra de um jeito ainda mais cruel. Essas várias situações de racismo no cotidiano é mostrado diariamente em meios de comunicações e em plataformas digitais, essas situações vão desde constrangimento em que mulheres, homens e crianças(negras) passam ou por serem “suspeitas” de roubos quando adentram em alguns lugares como: empresas, restaurantes, ou que não podem estar partilhando de um mesmo lugar de poder que tem a branquitude, esse lugar que para a sociedade racista e preconceituosa molda pessoas negras sempre no espaço de subordinação ou seja, muitas vezes você vai comprar algo e te confundem como o faxineiro, ou pessoal do serviços gerais, a moça da copa que vai servir o cafezinho , mais que nunca a de chefia.

Precisamos compreender que o racismo tem sua construção ideológica e mantida politicamente. Falar em relações étnicos raciais é necessário para sairmos das primícias de que o branco é um sujeito unilateral como diz sociólogo Brasileiro Guerreiro Ramos (1955) “é uma sociologia do negro, as pessoas não entendem como campo relacional”.

O autor Abdias do Nascimento (2016) em seu livro *O Genocídio do Negro Brasileiro* ao comentar sobre o branqueamento cultural como uma das dimensões do genocídio da população negra no Brasil. Já na década de 70 do século passado, no contexto da ditadura militar, Nascimento (2016) atrelava ao extermínio físico da população negra o embranquecimento cultural, o genocídio cultural e epistêmico, como a face oculta desse processo letal. Neste ponto, Abdias reconhece brilhantemente a estreita e íntima relação entre a modernidade capitalista e a racionalidade do extermínio colonialista dos povos subalternizados.

Ainda segundo a pesquisadora Bárbara Carine Pinheiro (2021) colaborando com a reflexão de Abdias do nascimento fala sobre os colonizadores, dizendo que eles se uniram e

⁷ Ver entrevista no youtube: <https://youtu.be/9qa06rF7Ulg> ._Acessado em: 10/01/2022

não somente recorrem às estratégias de genocídios epistêmicos (NASCIMENTO, 2016) ou epistemicídio (SANTOS, 2010), mas que principalmente sequestrou conhecimentos de povos africanos, ameríndios, asiáticos, incorporando-os no seu escopo cultural imaterial ocidental.

A questão de branquitude nos faz pautar um lugar racial de pessoas brancas que não é de hoje que muitos pesquisadores negros(as) falam sobre a questão étnico racial e que a academia deveria pautar, que fique enegrecido aqui que não estamos pautando e individualizando pessoas negras e sim que elas se vejam representadas em todos os espaços de poder, estando preparadas para ocupar os vários espaços, sabemos que tem pessoas brancas de periferia e elas não gozam de privilégios objetivos, mas gozam de privilégios subjetivos.

Há hierarquias raciais estabelecidas e se estamos querendo ter acesso aos espaços de poder uma parte terá que perder e com certeza a parcela branca não estará pronta a perder esse lugar que ocupa na pirâmide social. Talvez por isso, muitos professores negros(as) que vivem diariamente dentro de sala de aula e vivenciam o contexto de racismo, nem entendem a respeito do assunto e não saibam como agir caso presenciem uma situação de racismo.

Sabemos que não será fácil intervir nessa situação, porque exigirá que os mesmos estejam preparados com uma formação ética e política, e de que lado estaremos, porque o silenciamento também é uma linguagem discursiva, pois aprendemos a história a partir de uma única história, da perspectiva colonizadora.

Com a lei 10. 639 no campo da educação que obriga as escolas a incorporarem a história dos africanos e dos afros brasileiros e dos indígenas no currículo escolar. mas que a lei não se sustenta por si, vemos cultura como apenas manifestações artísticas sem se quer trataram cultura como uma visão ampla de modo de vida.

O racismo mata, deprime e empobrece e nos anula como indivíduo e empobrece o universo cultural em todo país. O letramento racial surge com a ideia de que a partir do que o racismo construiu e produziu, desconstruir e criar situações que tragam os aportes da prática antirracista como posicionamentos que sejam discutidos e repensados e todas as diferenças, e não na hierarquia.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 1983, p. 77).

Vimos um caso repercutir de um programa de televisão esse ano de 2022, em que trouxe à tona o racismo estrutural, pois a convidada uma empreendedora negra que fazia

cocada para vender e que ficou conhecida pelas cocadas que ela faz que é também sua fonte de renda. Ela a convidada ficou no meio de pessoas brancas tendo somente um apresentador negro junto a ela. E quando ela foi apresentada por uma das apresentadoras brancas, foi chamada a ficar de pé enquanto os convidados brancos estavam sentados, a apresentadora trouxe as cocadas para a própria empreendedora negra chamada Silene, chamou a mulher e disse “venha nos servir” e que servisse para cada um dos convidados as suas cocadas⁸.

O apresentador negro interveio vendo a violência racial. A síndrome de sinhá afeta muitas das mulheres brancas, não é uma patologia segundo as várias manifestações ao vídeo que tomou uma grande proporção na internet e em várias páginas tanto do Facebook como no Instagram. Essa vida de combatente do apresentador negro que se colocou no lugar de combate ao racismo porque nos negros estamos sempre nessa tensão de estar todo tempo disposto de mobilização que o racismo nos envolve e se apresentam o que diferencia é a forma em que se manifestam, porém em qualquer lugar do mundo o racismo se expressará de forma perversa e funcionará como mecanismo de exclusão social dos negros (Fanon, 2008).

Ser antirracista é questionar também os estereótipos que nos dão, e tentar entender os vários questionamentos sobre falas que dizem que negros e indígenas são preguiçosos, questionar quando dizem que pessoas negras não podem ocupar determinados espaços. Por isso precisamos ter hábitos de conhecer a história das literaturas negras. Quantas pessoas negras eu ouço na música? Quantas pessoas negras eu compartilho? Quantas pessoas fazem parte do meu grupo de pesquisa? O que essas pessoas negras estudam, é só sobre o racismo? Tem-se o hábito de chamar as pessoas negras para falarem somente no mês da Consciência Negra, precisamos ter consciência de que eles também falam de outros assuntos.

Eu só fui ler pessoas negras depois de sair da faculdade e estar participando ativamente dos movimentos negros, pois eu ainda não entendia a minha identidade e não tinha o letramento racial e a partir de rodas de conversas, através do coletivo e de leituras eu fui entendendo a minha história. Via que não falavam que os negros existiam no estado do Amazonas e quando falavam somente me chegava era que meus antepassados eram escravos e ao meu ver tínhamos que ter orgulho e que era como se me dissessem e sintam-se satisfeitos por essa história.

O número reduzido de escravos africanos e seu impacto modesto nos quadros da produção econômica regional configuram algumas ressalvas que cercam a presença

⁸<https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2022/06/15025466-racismo-no-e-de-casa-entenda-polemica-envolvendo-talitha-morete-e-vendedora-de-cocadas-video.html> Segundo Silvio de Almeida (2019) o Racismo Estrutural, não exclui os sujeitos racializados, mas os concebe como parte integrante e ativa de um sistema que, ao mesmo tempo que torna possíveis suas ações, é por eles criado e recriado a todo momento.

negra na região amazônica [...]. Apesar de a região estar inserida em um império escravista, o tratamento dado aos escravos negros continuou a ser acessório, limitando-se a registrar essa presença reduzida e de importância limitada, especialmente no Rio Negro (Melo, 2011, p.15).

A citação acima me transporta o quanto ela foi impactante para muitos questionamentos que eu fazia desde criança e que nunca tinham respostas e a partir da fala da professora pesquisadora Dra. Patrícia Melo (2011), quando mostrou a presença negra no Estado do Amazonas no livro que ela organizou *O Fim do Silêncio Presença Negra na Amazônia* e que um dos artigos nele contido é o da minha prima Jamily Souza escreveu sobre a festa de São Benedito que é o Santo que move o lugar que eu moro, e é o santo que tenho devoção.

O Quilombo urbano do Barranco de São Benedito e que antes tinham vários nomes pejorativos dado ao lugar e que reduzia a minha família a nada e era como se nunca tivéssemos existido e que aprendi desde criança que eu devia ser submissa aos brancos porque eles mandavam e tínhamos que respeitar e obedecer. Eu não me via nesses espaços e quando vi nos espaços escolares pessoas de cor de pele igual a mim, foram 4 vezes, por isso a reflexão sobre a citação me abriu a mente para questões não respondidas sobre a minha história de vida.

Nesse livro vi a visibilidade dada a nós negros e que a professora nos mostrou através de dados e de suas pesquisas. Ao refletir sobre tudo que eu li fui juntando e respondendo o porquê que eu não me via nos espaços, uma história que foi apagada e que nunca se fez questão de falar e quando contavam a história era só da presença de brancos, agora entendo a importância de saber a minha história, importante para que eu possuísse letramento racial. A partir disso, fui me construindo no meu entendimento de mulher negra e professora, nos espaços coletivos dos movimentos de negritude e sociais com meus pares, leituras e discussões.

Para entendermos a palavra letramento a pesquisadora Adriana de Medeiros (2010) relata que apesar de envolver em seu entorno discussões e algumas divergências, o termo letramento tem a dimensão social da apropriação ou integração dos indivíduos à escrita. Enquanto Leda Tfouni (2004, p. 20) fala que a “alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, já o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”. O termo letramento começou a ser mencionado no Brasil na década de 80. Para Soares:

Um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento). Assim,

um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas vive em um meio em que a leitura e a escrita tem presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita (Soares, 2004, p. 24).

Mas o que quer dizer letramento racial? Para Neide Almeida (2017), letramento racial é um conceito potente que convoca à reflexão e exige posicionamento teórico e prático. O termo está relacionado a uma forma de racionalização das relações e que remetem a ideia de uma raça superior a outra, direitos que são hierarquizados como supremacia branca e não-brancas dando privilégios aos brancos.

Professores docentes precisam compreender essas expressões do racismo e do patriarcado e das relações de classe que exige desse profissional, revisar a formação da sociedade brasileira. Falar sem entender como isso se arrastou para a realidade do nosso país é importante, como também entender o que passam as populações negra, o que sentem as mulheres negras com essas marcas do patriarcado, da misoginia e escravista de subordinação, dependência que refletem até hoje na formação econômica, cultural e de classe do País.

É importante lembrar de pessoas negras que não são representadas, e que estão em condições financeiras desfavoráveis, estão nas periferias, nos centros urbanos e que o racismo um processo fundado na base racista, patriarcal e que até hoje pessoas negras são afetadas é por isso que pessoas negras precisam entender a própria história para combater o racismo.

1.2 O Percurso Metodológico

Ao falarmos sobre a narrativa devemos lembrar que seu uso vem desde a antiguidade. Ouvimos narrativas de pessoas através da história contando como era no passado, comparando-o com o presente. A narrativa da história da humanidade deve ser estudada em seus contextos sociais, políticos, históricos e culturais. As histórias narradas pelos quilombolas da Praça 14 de Janeiro viraram um documentário, *Praça 14: Terra Samba e Santo*, em que os mais idosos falam de sua fé e tradição ao santo negro, São Benedito, além de suas relações com o samba e a Escola de Samba Vitória Régia. Esse filme foi usado como um dos documentos comprobatórios para ajudar no processo de certificação pela Fundação Cultural de Palmares do Quilombo Urbano de São Benedito, em Manaus, Amazonas.

As pesquisas de Maria Goreti da Silva Sousa e Carmen Lúcia de Oliveira Cabral (2015), relatam a importância da rememoração como forma de reconstrução de histórias de vida, tanto numa perspectiva individual quanto social. Nesse sentido, há o reconhecimento de todos de que a tradição oral se fortalece quando vinculada à escrita, pois faz com que as palavras sejam viabilizadas através da ação.

Optei por trabalhar as narrativas (auto) biográficas no âmbito da formação de professores por considerar que essa metodologia valoriza o autoconhecimento, os diferentes saberes e as experiências constituídas ao longo de suas vidas.

Nas últimas décadas vimos falar sobre a importância da narrativa autobiográfica no contexto acadêmico como uma metodologia de investigação. Para abordar o tema faz-se necessário estabelecer uma compreensão inicial sobre o seu significado. Ao discutirem sobre narrativa e história Connelly e Clandinin (1990) relatam que o fenômeno constitui a história e o método de investigação que se propõem a descrever e concretizar a história, é a narrativa. Portanto, a narrativa é o estudo de diferentes maneiras como os seres humanos veem e relatam o mundo.

Jociane Marthendal Oliveira e Rebeca Anselmo Estevam e Thiago de Melo Martins (2018) em suas pesquisas explicam que situando a pesquisa (auto)biográfica dentro da pesquisa qualitativa, podemos considerar que a abordagem remete à pesquisa-ação-formação. Como estratégia, ela se utiliza da narrativa e seu objetivo é estudar os indivíduos mediante os processos de biografização.

A narrativa por sua vez pode se constituir tanto na forma oral como escrita e são compostas de aspectos primordiais que visam uma sequência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados (Prado; Soligo; Sobral, 2017).

Quando pensamos na pesquisa narrativa, uma metodologia comum que pode vir à mente e que, geralmente, é a mais executada, é a coleta de histórias sobre diferentes temas, pelo pesquisador (investigador), para que esse atinja a compreensão sobre determinado fenômeno. Inalda Lima (2021) descreve que existe outras formas de fazer pesquisa narrativa e uma delas é para a compreensão do ser professor:

Valorizar a subjetividade dos professores, permitindo que esses falem por si e de si, narrando suas vivências, crenças, valores construídos tanto na trajetória pessoal como profissional [...] tem representado um novo caminho nas pesquisas sobre formação de professores, pois oportunizam a reflexão sobre a docência, sobre o ser professor, além de conferir novos sentidos à construção e reconstrução dos saberes da docência, colaborando nos processos auto formativos e no próprio desenvolvimento profissional do professor, que pode ressignificar sua atividade docente (Lima, 2021, p. 49).

A pesquisa (auto) biográfica desperta muitas discussões no campo da metodologia científica. Em suas pesquisas Valéria Marques e Cecília Satriano (2014) nos falam que as ciências humanas e sociais enfrentam o desafio de colocarem juntos o sujeito da pesquisa e o pesquisador, então a narrativa nesse caminho seria uma ferramenta metodológica, pois reúne sujeito e objeto da pesquisa unidos na mesma pessoa.

Na visão das pesquisadoras Héllen Thaís Santos e Gilza Maria Zauhy (2014) falam que o trabalho com narrativas (auto)biográficas implica a participação do indivíduo que, por sua vez, se compromete com o processo de reflexão, orientado pelo seu interesse, e que o leva a definir e a compreender seu processo de formação. E que a utilização desse método visa a não apenas colaborar com a ciência da educação trazendo novas dimensões e conhecimentos como também colocar o sujeito na posição de protagonista de sua formação e do processo. Maria da Paz Esteban (2010, p. 53) nos diz que o método autobiográfico pode ser considerado:

[...] desde vários anos atrás, houve uma progressiva recuperação do método autobiográfico na Antropologia, na Sociologia, na Psicologia Social e na Pedagogia. O ser humano recupera o protagonismo, em relação às excessivas abstrações e à desumanização do cientificismo positivista. Pujadas (1992); Santamarina e Marinas (1995) afirmam que esse fenômeno traz uma característica ou sintoma de uma época que podemos chamar de sintoma biográfico.

Ainda segundo Valéria Marques e Cecília Satriano (2014) o estudo da narrativa não é recente ela já vem de longos caminhos, todavia seu uso como procedimento que investiga, ainda causa muitas discussões. A narrativa é um caminho para compreender os outros e o mundo, que acontece via interação real no contexto pragmático e social. A linguagem como uso e ferramenta é inseparável do ser humano que tem a capacidade de narrar o mundo em

que vive e a si mesmo. Com o uso das narrativas tem-se a possibilidade de re(elaborar) questões internas de si e de conseguir incentivar a autonomia do próprio sujeito.

Então o que é narrar? O professor pesquisador Elizeu Clementino Souza (2019) lembra que narrar não é falar ou fazer uma reconstrução fiel dos fatos narrados. Narramos a partir de um tempo, construído mentalmente à luz do que vivemos hoje. A experiência, temporalidade, flexibilidade biográfica são conceitos fundamentais para a pesquisa narrativa. Nós refletimos a partir da memória, das lembranças e experiências. Quando narramos seja na perspectiva oral e escrita, não narramos tudo, pois a memória é seletiva, eu lembro aciono a memória, lembro, e seleciono o que eu quero falar. O esquecimento não é ausência de memória e sim um dos conteúdos da memória.

Professor Elizeu, citando Marc Augé a respeito da memória, concorda que é preciso esquecer para permanecer fiel, é preciso esquecer para lembrar sempre. Nós refletimos a partir da memória. Sendo assim, o conceito de narrativas é como a construção de um enunciado (uma expressão) de si e da realidade de um texto que pode ser verbal e não verbal, mas que transparece o mundo interno de quem narra relacionando-se com o mundo externo.

Concluindo, a narrativa de histórias pessoais tem na memória seu apoio principal para poder se dar. Mas esse trabalho de rememorar o passado não pode ter como finalidade o tão simplesmente lembrar para contar, que muitas vezes pode se dar de modo desatento ou até obsessivo. Para que a narrativa possa alcançar uma finalidade, a compreensão de si mesmo, a lembrança precisa se dar de modo ativo para que conquiste sua dimensão libertadora (Camasnie, 2007, p. 48).

Carla Fonte (2006) disserta acerca do estudo da narrativa que se reestrutura dentro da perspectiva de interação sujeito e ambiente, sendo esta interação autor referenciada e interpretada a partir dos quadros operatórios do próprio sujeito e que a partir do que se vivencia com o meio e que construímos nossa história.

É importante a quebra desses paradigmas positivistas, pois toda vez que escrevemos nos posicionamos e falamos alguma coisa, estamos falando de nossa vida. Devemos lembrar que para se trabalhar a pesquisa (auto)biográfica temos que ter todo cuidado com os entrevistados, então nós devemos nos preparar para ver como vamos conversar e como fazer com que esses professores sejam autores de suas próprias narrativas.

A pesquisa narrativa vem ganhando espaço na contemporaneidade, a partir da década de 1980 na Europa, quando aparece resgatando a subjetividade do sujeito no caso das disciplinas de Antropologia, Sociologia, História, Filosofia, Educação e Psicologia e ganha força no Brasil na década de 1990 (Silva; Mendes, 2009). A educação é terreno fértil para

esse tipo de pesquisa, pois o mesmo tem dimensão dupla entre formação e investigação (Souza, 2006; Cunha, 2009).

Apesar de muitas pesquisas sobre as autobiografias, elas ainda permanecem amplamente nas fronteiras, fazendo parte de uma corrente da pesquisa qualitativa que há mais de 30 anos abala a hegemonia do quantitativo e pois o trabalho científico não é mais exclusivamente dos números, mas das palavras (Pineau, 2016, p. 15).

Para Michel Foucault (2004) o sujeito não é algo constituído. Ele pensa a subjetividade como algo que está permanentemente sendo construído e para que isso aconteça é necessário que existam uma série de técnicas utilizadas para que estas subjetividades sejam reconstruídas permanentemente. Em seu texto *A Escrita de Si*, utiliza o exemplo das cartas antigas que foram utilizadas como técnicas da subjetividade, ou seja, um sujeito através de uma carta ou uma escrita autobiográfica ele está escrevendo sobre si, ele não está descrevendo aquilo que ele é, ou era, antes de começar a falar sobre si o sujeito está se constituído mediante o próprio ato de narrar a si mesmo, embora tenhamos a ilusão de estarmos definidos e acabados. O ato de construção da subjetividade é instantâneo ao próprio ato de falar sobre si mesmo, quando estou falando sobre minha trajetória intelectual eu não estou simplesmente descrevendo o que eu fiz, eu estou me constituindo como sujeito está sendo transformado diante do próprio ato de narrar.

A pesquisa narrativa possibilita o encontro do individual com o coletivo, logo o narrador fala em sua narrativa singular, fazendo com que ele leve também as suas marcas de cultura e história. Ao escrever sobre o processo de formação parece, aos olhos de quem jamais o fez, uma tarefa fácil. Mas fixar na escrita o que tenta pegar no ar, o que foge e escapa a cada tentativa é um trabalho ao mesmo tempo laborioso, sedutor e consideravelmente formador. (Passeggi, 2008, p. 36).

De acordo com Clementino Souza (2013) é deste lugar e da escrita reflexiva que o sujeito poderá reproduzir um conhecimento sobre si, sobre os outros e sobre o cotidiano, potencializando, portanto, sua singularidade e às reflexões sobre sua identidade docente a partir de suas experiências. Essas experiências servem para que os professores possam se entender na medida em que vai buscando um meio de se construírem em suas alteridades, a metodologia conceituada pelos autores é de suma importância para a sua formação profissional. A pesquisa narrativa, sendo ela o estudo da compreensão de experiência como histórias vividas e narradas, se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais.

Essas histórias podem ser trabalhadas por meio de vários tipos de métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo. Ao tentar entender como se dá a relação (auto)biográfica com a formação de professores podemos pensar em como suas experiências (conscientemente ou não) impactam o seu trabalho.

Contudo, Josso (2004, p. 47-48) explica que essas experiências são significativas em relação ao questionamento que orienta a construção da narrativa, a saber: o que é a minha formação? Como me formei? Nesse sentido, não se esgota o conjunto das experiências que evocamos a propósito da nossa vida. Mas para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, *sentimizam* uma subjetividade e identidade.

Antonio Nóvoa (2000) afirma que mesmo as narrativas sofrendo críticas das principais correntes da psicologia e sociologia, sendo que a primeira reclama da fragilidade metodológica e a segunda reclama do vazio das lógicas sociais, porém o autor relata que essas críticas podem ser superadas com a forma atenta e preparadas do pesquisador.

Portanto o pesquisador da narrativa (auto) biográfica não é neutro, pois ele vive em um processo de proximidade e distanciamento, de se apropriar e também de estranhar, de angústia e de conforto.

Para isso, a autora da pesquisa é importante, pois suas vivências e experiências servirão de meio para que os professores possam entender que suas falas são importantes e suas histórias de vida. Tem-se diversas possibilidades de se fazer uma pesquisa narrativa desses profissionais docentes podendo ser feito, registros de observações, sentimentos, reações, ou seja, tudo aquilo que através de materiais podem servir de fonte como relata Clementino Souza (2006). As entrevistas narrativas podem se beneficiar de um diário de campo (escrito, gravado ou filmado), logo após a atividade ou ao final do dia com a lembrança de situações vivenciadas, por exemplo; ou de documentos pessoais, tais como agendas, bilhetes, fotos e desenhos.

Além da descrição do que foi vivenciado, tem o como foi vivenciado e a distância entre a expectativa inicial da vivência e a marca deixada. As maneiras como se produzem e analisam materiais (auto) biográficos vão de foto, biografia, áudio biografia, vídeo biografia, blogs, redes sociais e outras. Os dispositivos de (auto)avaliação para se produzir materiais são memoriais acadêmicos e de (auto)formação, ensaios biográficos, diários etno biografias, relatórios, cartas, portfólios e outros documentos comprobatórios da prática docente.

Ao procurarmos algo que estabelecesse os caminhos para como se fazer a pesquisa narrativa encontramos na fala de (Jovchelovick; Bauer, 2014 e Anic, 2016, p.116) que em sua tese colabora dizendo que as entrevistas narrativas são técnicas de construção dos dados utilizada nas pesquisas qualitativas, onde a influência do entrevistador é mínima, objetivando que o entrevistado conte uma história sobre algum acontecimento que julgue importante de sua vida e seu contexto social, privilegiando as experiências dos narradores importante de sua vida e seu contexto social, privilegiando as experiências dos narradores.

Quadro 1 – Fases principais da entrevista narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo (leitura de documentos, notas relatos, etc.) Formulação de questões exmanentes (aquelas que refletem intenções do pesquisador, suas formulações e linguagens. As questões exmanentes distinguem-se das imanentes (temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração [...])
1 Iniciação	Formulação do tópico inicial para a narração; outros.
2 Narração central	Não interromper; Esperar para os sinais de finalização (coda).
3 Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?”; Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes; Não discutir sobre contradições; Não fazer perguntas do tipo “por quê?”.
4 Fala conclusiva	Parar de gravar; São permitidas perguntas do tipo “por quê?”; Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Fonte: Jovchelovitch e Bauer (2010, p. 97).

O estudo autobiográfico permite o encontro de múltiplas possibilidades onde o eu pessoal dialoga com o eu social – sou a autora e a narradora do texto ao mesmo tempo e, por meio do auto escuta, posso comunicar ao mundo determinadas coisas que avalio serem importantes (Neves, 2010, p. 125).

No ato da coleta de material da pesquisa devemos testar todo o material que será usado. O material coletado para a pesquisa deve ser bem cuidado para que não sofra danos posteriores. Para toda a etapa e procedimentos dos meios que o pesquisador irá fazer a entrevista requer atenção no que diz respeito às gravações e as transcrições. Para pesquisas com pessoas que precisam passar pelo comitê de ética e também com uso de imagens de crianças que precisam de autorização de seus responsáveis.

Em relação à análise de entrevistas narrativas, Schütze (1997, p. 1083), citado por Jovchelovitch e Bauer (2010, p. 106), propõe seis caminhos que podemos seguir:

Quadro 2 – Caminhos para análise das entrevistas

1. Transcrição detalhada de alta qualidade do material verbal.
2. Divisão do texto em material indexado (expressam referência concreta a ‘quem fez o quê, quando, onde e por quê’) e proposições não-indexadas (que vão além do conhecimento e expressam valores, juízos e toda forma de uma generalizada ‘sabedoria de vida’ dentre outros aspectos).
3. Uso de todos os componentes indexados para analisar o ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo, denominada de ‘trajetórias’.
4. As dimensões não-indexadas são investigativas como análise do conhecimento (opiniões, conceitos e teorias gerais, reflexões e divisões entre o comum e o incomum, que permitem reconstruir teorias operativas sobre o objeto de estudo).
5. Agrupamento e comparação das ‘trajetórias’ individuais.
6. Trajetórias individuais colocadas dentro do contexto e semelhanças são estabelecidas permitindo a identificação de trajetórias coletivas.

Fonte: Jovchelovitch e Bauer (2010, p. 97).

O estudo autobiográfico permite o encontro de múltiplas possibilidades onde o eu pessoal dialoga com o eu social – sou a autora e a narradora do texto ao mesmo tempo e, por meio do auto escuta, posso comunicar ao mundo determinadas coisas que avalio serem importantes (Neves , 2010, p. 125).

Margareth Rago (2013) fala que a autobiografia é a escrita da própria vida e escrita de si, diz que os relatos no dão oportunidade de reconstruir o passado, de avaliar as experiências que vivemos, mais também dão sentido ao presente enquanto eu escrevo a minha autobiografia e a história da minha vida eu tenho a possibilidade de reconstituir a partir das minhas lembranças aquilo que eu vivi e essa reconstituição não vai ser exatamente o que aconteceu, porque nesse momento em que escrevemos temos a oportunidade de avaliar e reparar algumas coisas que me deixou alguma dor ou trauma e com isso vai se construindo sentidos da maneira que eu vivemos.

Marie Christine Josso (2004) relata que “ao construir uma narrativa autobiográfica evoco uma forma de ressignificar a própria vida, num movimento de ir e vir ao encontro de si mesmo”. A trajetória dos docentes em relação às pessoas, lugares e experiências não podem deixar de serem evidenciados pelos currículos dos cursos, pois não podemos desconsiderar a

história e trajetória vivenciada pelos professores, essas vozes necessitam serem ouvidas e faladas para uma efetiva emancipação profissional.

CAPÍTULO 2 – LUGARES DE MINHAS RAÍZES, MEMÓRIAS E ATUAÇÕES: O QUILOMBO URBANO DO BARRANCO DE SÃO BENEDITO E AS CRIOULAS DO QUILOMBO

2.1 O quilombo do Barranco de São Benedito: O Lugar onde sou

Dentro da cidade de Manaus entre as ruas Japurá, Visconde de Porto Alegre, Av. Tarumã, rua Duque de Caxias e rua Nhamundá existe um local que por muito tempo era conhecido por vários nomes pejorativos (Morro dos macacos, Morro da lamparina, Barranco da negrada, morro do querosene...) e que muitas vezes era tido como um lugar que ninguém pudesse passar, pois nesse lugar só moravam negros e seus ancestrais que vieram do estado do Maranhão para ajudarem com sua mão de obra a erguerem prédios, pontes e ajudarem na construção e embelezamento do centro da cidade de Manaus.

O trabalho dessas pessoas negras era como se não existisse pois sempre buscaram invisibilizar o trabalho dos negros e a história sempre foi apagada. Contam em diversas pesquisas que os primeiros a chegarem no bairro da Praça 14 de janeiro pelas falas dos mais idosos foi Felipe Nery que era esposo de Maroca e amigo de Severa Nascimento Fonseca, sendo como um pai para os filhos de Severa, os filhos eram : Manoel, Antão e Raimundo outra coisa trazida foi a imagem de São Benedito toda esculpida em pau de angola e que devido a uma promessa de Felipe começaram os festejos no local que hoje é chamado de Quilombo Urbano no bairro da Praça 14 de Janeiro. Sobre esse fato há algumas versões para a chegada dele (Felipe Nery beckman) e que podem ser conferidas em artigos, dissertações e teses a respeito do Quilombo Urbano de São Benedito.

No bairro da Praça 14, surgiram as pastorinhas e no mesmo bairro acontece há 132 anos os festejos à São Benedito. A história da Praça 14 está ligada à Revolução de 14 de janeiro de 1892, que culminou com a morte do soldado Pimenta, e, em homenagem ao bairro que tinha o nome de Praça da Conciliação, passou a chamar-se Praça Fernandes Pimenta. Este nome foi mudado em seguida para Praça 14 de Janeiro, em referência à data revolucionária, pois os moradores reivindicavam mudança pois queriam mudar para Praça Portugal fizeram música e passeata e continuou Praça 14 de Janeiro (Praça 14 Memórias, 1985, p. 15) citado por Vinicius Rosa (2018). Felipe Nery Beckman foi o homem que com seus conhecimentos ajudou de alguma forma os negros maranhenses a chegarem ao Amazonas com a ajuda de Eduardo Ribeiro que era o governador da época.

O pesquisador Vinicius Rosa (2018) relata que a festa de São Benedito é a mais antiga do bairro, e, ao longo de sua história mantiveram-se diferentes festeiros, um deles Felipe Nery Beckman.

Na pesquisa de Geisimara Soares Matos (2022) mostrando que Eduardo Ribeiro era maranhense e, “sendo pobre e obscuro o seu berço”, muito pouco se sabe sobre sua infância. Por ocasião de seu aniversário de 1895, foi divulgada uma biografia no Diário Oficial do Amazonas, segundo o biógrafo anônimo, Ribeiro havia nascido “em uma casinha de aparência mais modesta”. No rastro dessa afirmação, certa literatura amazonense, que se propôs a escrever sobre sua vida, afirma que fosse descendente de escravos, mas sem nenhuma indicação de fontes primárias que confirmassem essa informação.

O lugar onde os maranhenses se alojaram era um lugar longínquo e que os mais idosos em vários relatos diziam ser, somente mata fechada, e que foi denominada a vila dos maranhenses, Praça Portugal, depois Praça 14, onde vivem até hoje descendentes de pessoas escravizadas que vieram do maranhão para o Estado do Amazonas.

Afirmar a respeito dos motivos que levaram à vinda de Felipe Beckman à Manaus tendo em vista os relatos dos mais velhos, mesmo que saibamos que o sobrenome Beckman é de origem germânica, fontes históricas asseguram que os Beckman lideraram uma revolta no Estado do Maranhão em 1684, devido suas insatisfações contra a Coroa Portuguesa (Rosa, 2018).

Na comunidade Barranco os mais idosos lembram também de Maroca. A esposa de Felipe Beckman, que esteve ao lado do esposo e da conterrânea Severa, pois na fala dos mais velhos e que elas estiveram juntas nas festividades do santo Benedito. No bairro da praça 14 de janeiro é o lugar onde nasceu a primeira Escola do bairro da praça 14 onde tinha uma professora negra que lecionava chamada Sofia Soeiro do nascimento e que vinha a ser mãe de Nestor Nascimento, nesse mesmo bairro nasceu a primeira escola de samba do estado do Amazonas, a escola Mixta com X e depois de alguns anos os brincantes junto com a Sra. Lindoca fundaram GRES - Grêmio recreativo escola de samba Vitória Régia.

Jamily Souza da Silva (2021, p. 164) nos faz lembrarmos em sua fala sobre a chegada dos seus familiares maranhenses e que trouxeram na bagagem a imagem de “São Benedito” e que após o artigo que ela escreveu no livro *O Fim do Silêncio, Presença Negra na Amazônia* várias outras pesquisas se sucederam fazendo com que soubéssemos que quem trouxe a sua avó Severa e os seus três filhos e a imagem do Santo Negro foi Felipe Nery Beckman.

O Santo padroeiro da comunidade do Quilombo Urbano da praça 14 é São Benedito que é um Santo Negro feito de pau de angola que vive há 132 anos dentro na família

descendente de maranhenses e todos os anos é feito os seus festejos, ressalva aos anos de 2020, 2021 e 2022 por causa do vírus da covid-19 não foram feitas celebrações como nos anos anteriores na pandemia da comunidade do Quilombo Urbano de São Benedito perderam familiares, amigos e conhecidos para a Covid-19, porém em 2021 foram feitas duas *lives* via online marcando o início da novena do santo e outra no dia que seria a procissão.

E em relatos em uma roda de conversa chamada *Eles contam a história* relatam que a imagem veio com o sr. Felipe Beckman devido a uma promessa e essa fala é confirmada pelos idosos do Quilombo em 2017 nesse evento. Ambos falaram a mesma coisa a respeito da imagem de São Benedito e essa programação foi organizada pelas crioulas do Quilombo, tendo entrevistas e vídeos confirmando essas falas.

A sucessora de Felipe Beckman nos festejos à São Benedito foi Bárbara Nascimento Fonseca e com a morte de Bárbara, assume a saudosa “quituteira” Maria de Lourdes Fonseca, a irmã caçula de Bárbara e com a morte de tia Lourdinha, em 2003 assumiu a festa do santo negro da comunidade a sobrinha de tia Lourdinha a Jacimar Souza que era o braço direito nos festejos de São Benedito.

Jacimar ficou por seis anos à frente dos festejos de São Benedito, vindo a falecer em 2009 e com sua morte quem assumiu foi sua sobrinha Jamily Souza que está à frente da festa de São Benedito há 12 anos. Tia Lourdinha como era conhecida é ainda muito lembrada por sua atuação à frente dos festejos de São Benedito e muito requisitada por repórteres e pesquisadores para falar na época do aniversário do bairro da praça 14 e carnaval. Daí, logo se vê que as mulheres desta comunidade sempre estiveram desempenhando algum papel de destaque no local em que residem (Silva, 2019, p. 16).

Na comunidade, a figura feminina como liderança, sempre foi destaque, tanto na localidade, como fora dela, tia Lourdinha por ser uma mulher negra, que ficou à frente dos festejos a São Benedito por mais de 40 anos é a referência dentro do Quilombo do Barranco de São Benedito.

A família de tia Lourdinha contribuiu para a cultura e tradição dentro do estado do Amazonas. Confirmando o protagonismo feminino Landes (1967, p. 308-309), afirma que Mulheres negras são chefes de religião no caribe, na África e no Brasil, funcionando como sacerdotisas. Frequentemente partilham o poder com os homens e na África, a sua posição é em geral inferior à dos homens, mas em certos pontos do Caribe (por exemplo, a Jamaica) e no Brasil, sua posição é elevada e, na Bahia, constitui um verdadeiro matriarcado.

Ao término dos festejos de São Benedito relatos de suas sobrinhas Keilah Fonseca, Jamily Souza e prima Hildamira Silva falam que ela ia para o morro da Liberdade se

encontrar e se cuidar com suas amigas e amigos, a Mãe Zulmira, Pai Ribamar, Pai Zulmar e Mãe Eunice. Tia Lourdinha rezava para São Benedito que em seu altar junto a sua imagem bem no alto ficavam outros santos e alguns santos negros e embaixo de seu altar uma mesa que fica coberta com uma toalha grande que cobre toda o altar e embaixo dele tia Lourdinha acendia uma vela ao lado de um alguidar com pedras grandes ao entorno, esse registro foi feito pelo professor e pesquisador Dr. Sergio Ivan que na época está orientando ao Jamily Souza em seu trabalho de pesquisa sobre a Festa do Santo Benedito.. Depois da morte da tia Lourdinha, duas pessoas ligadas diretamente ao seio familiar dela jogaram-na nas águas de uma cachoeira sem procurarem saber se o restante dos seus familiares autorizou ou não que fosse feito isso.

Vale lembrar que alguns quilombolas seguiram para outras religiões, porém tem uma porcentagem muito maior que ainda preserva a fé em São Benedito e isso é respeitado por todos da família. Somente quem sabia sobre o que havia debaixo do altar eram seus familiares e pessoas mais íntimas, pois tia Lourdinha não falava muito a respeito, talvez pelo preconceito sofrido por ela.

Outras que frequentavam terreiros eram tia Jacimar, sobrinha de tia Lourdinha, Mariana (Marina) e José Joaquim (avó e tio de Jamily Souza) que sempre fizeram questão de falar sobre a religião que elas seguiam. A avó e tio de Jamily últimos tiveram por muito tempo um terreiro dentro do Quilombo, e via-se e escutava-se a festa no terreiro nos dias de quartas-feiras à noite.

Edna Rodrigues que também foi uma das sobrinhas da tia Lourdinha frequentou por muitos anos os terreiros de pai Zulmar, ela e todos os que foram relatados não falavam ou repassavam seus saberes da ancestralidade das religiões de matrizes africanas para que a nova geração desse segmento como também as muitas benzedeadas e parteiras que tinham ao entorno e no quilombo, como é o caso de Severa Nascimento.

Entender o porquê essas pessoas não repassarem seus saberes ancestrais, não se sabe. Acreditamos que não repassaram para as novas gerações por medo de represálias, pois as religiões de matrizes africanas sempre sofreram preconceito e sofrem até hoje, por isso cultuavam seus santos tarde da noite para não serem vistos. Sabemos que o quilombo Urbano de São Benedito é lugar que tem laços fortes com a ancestralidade africana, talvez por isso a nova geração sinta essa força ancestral na festa de São Benedito, desde o momento das reuniões e tomadas de decisões e planejamento de que forma farão a festa para o santo padroeiro da Comunidade.

Pretendemos mostrar aqui a importância das religiões de matrizes africanas para as mulheres e homens da Comunidade Negra da praça 14. Por serem invisibilizados por muito tempo, possuíam receio ou medo de sofrerem como os mais antigos que participavam de festas de terreiro e sofriam preconceito. Minha contribuição como pesquisadora e pertencente ao quilombo urbano do barranco de São Benedito é mostrar a história que escutei através das narrativas e oralidades dos mais idosos da minha família, sendo uma maneira de reafirmamos a nossa origem, ficando registrado o que eles passaram sobre forma de preconceito, racismo e discriminação por não poderem cultivar seus santos e sua religião.

No fascículo 16 da cartografia Social da Amazônia - UEA de 2007, os mais velhos marcam os locais que possuíam terreiros na praça sinalizando os vários lugares nos mapas cartográficos. e que foram importantes para o bairro da praça 14 de janeiro, pois não haviam médicos então a sabedoria das parteiras e benzedoras sempre foram utilizadas, e essas mulheres que tinham em sua religião, a força para continuarem a reexistir e que de alguma forma fez com que a nova geração fizesse as suas escolhas se seguiriam ou não a mesma religião já que o bairro tem uma santa branca e o santo negro que está a mais tempo nunca teve uma capela.

Ao longo da História, existem muitos fatos marcados não só pela religiosidade, mas também pelo ódio e pelo fanatismo (intolerância), que massacraram povos com outras crenças, outros valores, ou seja, outra forma de filosofia de como entender o mundo em que vivem e o início do mundo, bem como o modo de se comportar no meio social. Sempre organizando esses comportamentos de forma a valorizar um em detrimento de outrem (Nogueira, 2020, p. 24).

O bairro da Praça 14 também é palco de revoluções nele se encontra o ativista da causa negra e sociais Nestor Soeiro do Nascimento, negro, advogado, neto de Raimundo e Paula Fonseca era bisneto de Severa. Era filho de Nestor Nascimento Fonseca e Sofia Soeiro, que faziam parte da 4ª geração da família Nascimento. Nestor foi um homem visionário da causa dos menos favorecidos.

A família do Quilombola tem muito respeito por Nestor Soeiro do Nascimento (Nestor/Puranga) apelido dele para a sua família e amigos a ressalva aqui para as mulheres chamadas Crioulas do Quilombo, que junto com as falas importantes da sociedade civil, dos pesquisadores e dos movimentos sociais que o ano de 2021, junto aos amigos, conhecidos travaram uma batalha para que a memória de Nestor Nascimento não fosse apagada em uma praça que tinha seu nome e queria tirar, apagando de dentro do próprio bairro no qual morou e morreu a história dele. Sueli Carneiro (2022) alerta que a luta só pode ser ganha se for pelo

coletivo e foi feito um sarau da resistência e a união fez com quem o prefeito da cidade de Manaus David Almeida e o presidente da câmara da época o mesmo que quis tirar o nome para ser de outra pessoa que pertencia também ao bairro e já tinha um nome em homenagem a ele em outra praça nas proximidades . A luta foi grande de um grande coletivo e conseguiram reverter a situação e o nome da praça ficou sendo Nestor Soeiro do Nascimento.

Mas o que vem a ser um quilombo? Desse modo, Santos (2019) diz que fica claro que, para Beatriz, o quilombo é um conceito chave. Ainda segundo a escritora (1977), é no quilombo que o negro se reúne, e ao chegar no Brasil há uma separação por conta do colonialismo, e ele se separa como indivíduo, como comunidade e como conhecimento, porque existem muitos quilombos no Brasil e em todo mundo e cada um com suas peculiaridades.

A palavra quilombo é um nome de designação negra que quer dizer união e sempre que o negro estiver se reunindo e se juntando. Para Beatriz (1977 p. 126) [...] uma condição social, fundamentalmente uma condição social, quer dizer, ele não se esgota no militarismo, na guerra em relação àquela que ele reagiu, mas a estrutura do quilombo, o que realmente singulariza o quilombo, é que ele é um agrupamento de negros, que o negro empreende, que aceita o índio dentro dessa estrutura e que não foi aceito nunca dentro da sociedade brasileira, como ainda não é aceito até hoje.

Para as pesquisadoras Queila de Brito Oliveira e Maria Rosário de Carvalho (2007) ao questionarem a respeito em suas pesquisas sobre o conceito de quilombo ressaltam que a primeira referência legal que se faz sobre quilombos no Brasil é datada de 1740, quando o Conselho Ultramarino assim os define: "toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele" e após a abolição da escravatura, em 1888, o termo desaparece dos textos jurídicos, só voltando à cena na constituição de 1988.

Este pequeno trecho baseia-se, porém, numa definição histórica de quilombo, diga-se de passagem, numa concepção baseada no modelo Quilombo de Palmares, ou seja, conjunto de escravos fugidos e reunidos numa comunidade alternativa ao sistema escravocrata, patriarcal e monocultor.

O termo “remanescente” suscita, ademais, uma ideia de algo pretérito. Essa definição, conseqüentemente, não se aplica às diversas experiências de comunidades quilombolas, nem no passado e nem nos dias de hoje. Para o antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida (2002) que defende que é necessário relativizar a concepção histórica e jurídica de quilombo,

sob pena de não abordarmos as múltiplas experiências de comunidades quilombolas no Brasil colonial, bem como no Brasil contemporâneo.

Sobre o processo de certificação dos Quilombos a pesquisadora Karollen Lima da Silva (2019) aborda sobre artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Brasileira de 1988 garantiu a propriedade definitiva das terras ocupadas pelos remanescentes de quilombos, comunicando ainda o dever do Estado na emissão de seus respectivos títulos. A regulamentação desse dispositivo veio através do decreto 4887 de 20/11/2003 onde foi apresentado o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras quilombolas.

Rafaela Silva (2019), esclarece que o processo de certificação para o certificado de quilombo foi um processo grande de levantamento de documentos e que alguns ficaram com medo de perder suas residências. Jamily Souza, relata que na faculdade UFAM onde ela cursava a graduação de Ciências Sociais, conheceu os componentes do núcleo de pesquisa NCPAM da UFAM que fizeram um levantamento sobre a comunidade de São Benedito para que ajudasse no filme *Praça 14 Terra Samba e Santo*, de Cristiane Garcia e Paulo Freire. Em 2007 surge a Nova cartografia Social da Amazônia (PNCSA) que produziu um fascículo com o título “Comunidade negra de São Benedito da Praça 14 de janeiro”, o qual apresenta várias entrevistas com moradores mais antigos e suas memórias a respeito do bairro, da religião no local e do mapa cartográfico do local e várias reivindicações da comunidade da praça 14.

Jamily Souza que conheceu o professor Sérgio Ivan na época que fazia a faculdade em que o mesmo ministrava uma disciplina, este foi seu professor e orientador para que ela escrevesse a história da Festa de São Benedito na cidade de Manaus cujo trabalho está no livro chamado *O Fim do Silêncio Presença Negra na Amazônia* organizado pela Dra.^a historiadora Patrícia Melo Sampaio e que atualmente está na segunda edição e atualizada e esse livro também foi um dos documentos relatados que foi descrito para a Fundação Cultural de Palmares.

Ressalta-se que a presença de Jamily na Universidade, fez com que ela conhecesse outros professores, tais como, o professor Ademir Ramos que a convidou para participar de um programa da época da TV UFAM.

O processo de certificação do quilombo começou em 2013 com a visita do Ministério Público Federal, momento em que o Dr. Júlio Araújo Júnior trouxe 16 servidores num projeto que tinha dentro do Ministério Público chamado MPF em Movimento. Esse projeto levava os funcionários para saberem sobre a história do dia-a-dia das comunidades indígenas, quilombolas e do povo de terreiro. Em outubro de 2013 ele trouxe essas pessoas aqui e foi o

primeiro contato dentro da comunidade onde a gente conversou com todos da comunidade: Klarck da Silva Fonseca, Cassius da Silva Fonseca, Keilah da Silva Fonseca, Francisca Fonseca, Edjaci Vieira e outros membros da comunidade e foi na frente da casa onde está São Benedito. Jamily teve a ajuda para a organização dos documentos digitação de todos os materiais pela Dra. Luciana Ramos e ajuda na assessoria jurídica e ainda entregou todos os documentos na Fundação Cultural de Palmares em Brasília. Keilah Fonseca, e pessoas da família que deram documentos antigos para que ajudasse no processo de certificação. Porém os mais idosos foram importantes nesse processo pela memória deles e fé ao Santo que é padroeiro do lugar que é São Benedito.

Todos esses documentos, vídeos, livros que falavam sobre a Comunidade Negra que ajudaram no material para a fundação de Palmares emite o Certificado de Comunidade Remanescente de Quilombo do Barranco. O nome ficou Quilombo Urbano do barranco de São Benedito em homenagem ao Santo Padroeiro da comunidade Negra da praça 14 de janeiro.

A certificação do Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito, aconteceu no dia 17 de setembro, e a publicação no diário oficial dia 19 de setembro, a certificação chegou no dia 30 de setembro, chegou via correio e fez-se uma grande comemoração.

A família quilombola da praça 14 teve um quilombola ilustre, ativista da causa negra e sociais e que não poderíamos deixar de falar que é Nestor Soeiro do Nascimento, negro, advogado, neto de Raimundo e Paula Fonseca era bisneto de Severa. Era filho de Nestor Nascimento Fonseca e Sofia Soeiro, e que fazia parte da 4ª geração da família Nascimento. Nestor foi um homem visionário da causa dos menos favorecidos. Ao falarmos sobre o bairro da praça 14 lembramos que a Praça 14 é um bairro festeiro, e que Silva (2020) destaca que para além da festividade do santo preto, o Boi-Bumbá Caprichoso que, possivelmente, se originou a partir do bumba-meu-boi, também se destacou dentre as comemorações realizadas pelo grupo de maranhenses.

Ao comentarmos sobre o boi Caprichoso de Parintins, os mais idosos do bairro da praça 14 de Janeiro lembra da história do boi Caprichoso trazido do maranhão por Raimundo Nascimento Fonseca filho de Severa a quem unia os maranhenses de todos os arredores para verem a dança que culminava na matança do boi.

Contam os antigos que o boi foi vendido para alguém de Parintins, se é verdade ou não, não se sabe ao certo, porém em 2017 Através da Cristiane Garcia, o saudoso Sidney Rezende, que era um dos diretores musicais do Boi Bumbá Caprichoso, foi ao Quilombo, falar sobre o projeto do Caprichoso para 2018, e sabendo do nosso amor pelo Caprichoso e

toda uma história, que existe, em torno da origem do boi, no Quilombo, resolveu fazer o convite, em nome da diretoria do boi, para que um grupo de moradores da comunidade, participasse da gravação da toada Boi de Negro.

Os quilombolas convidados para participarem foram :Rafaela Fonseca, Hildamira Silva, Janaína Souza, Rômulo Vieira e Ribamar Neto “Patecão”. Em novembro, deu-se a gravação, em um estúdio, no bairro Flores, onde chegando lá, estavam o músico e produtor musical La Bamba, Neil Amstrong, Sidney Rezende e o levantador de toadas David Assayag.

Os quilombolas gravaram a introdução da música e logo após o Rômulo Vieira foi escolhido para fazer o solo, declamando a passagem escrita por Ericky Nacanome.A partir daí, e com o sucesso da Toada Boi de Negro. Os quilombolas foram convidados para estarem na gravação áudio visual, em maio de 2019 e na arena, onde o Rômulo foi o destaque, representando a comunidade.

A comunidade do Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito ganhou um diploma de agradecimento do boi, onde o Rômulo entregou para que Jamily Souza guardasse. O Caprichoso foi o campeão de 2019 e que deixou os quilombolas de São Benedito muito felizes pois esse trabalho feito pela gestão de babá Tupinambá aproximou a comunidade a história do boi Caprichoso de Parintins. Em novembro de 2019, na festa da Consciência Negra, fizeram uma homenagem ao boi, em forma de certificado de agradecimento, que foi recebido pelo então presidente, Babá Tupinambá.

Mas deixaremos aqui bem enegrecido nas páginas da importância das pesquisas e da importância do trabalho feito por pesquisadores para que o Quilombo Urbano de São Benedito obtivesse a visibilidade que tem hoje, e que começou lá trás com Nestor Nascimento e Jamily Souza e hoje com a luta das Crioulas do Quilombo Urbano. Para que não esqueçamos dos que vieram antes abrindo os caminhos, precisaremos soltar as amarras que prendem ao passado de escravidão e subordinação para que o futuro seja de respeito ao próximo.

O quilombo Urbano do barranco de São Benedito bem antes de sua certificação foi uma escola e ainda é para muitos pesquisadores pois através dele surgiram várias pesquisas. A contribuição da comunidade, homens, crianças, mulheres, anciãos, todos possuem uma vasta e rica história que demanda reconhecimento na construção de nosso Estado. A comunidade negra da Praça 14 vem contribuindo com a história desse Estado em todas as áreas da cultura, seja religiosa (Festa de São Benedito), seja na culinária, música, danças, escola de samba.

Fatos importantes e significativos em relação aos negros (as) no Amazonas nunca foram reconhecidos, pois havia, e ainda há, o silêncio quanto à existência da população negra

e sua contribuição para a história social do Estado, muito embora o Estado se vanglorie de ser apontado como o segundo estado brasileiro a abolir a escravidão.

Em se tratando da Amazônia e mais particularmente, do Amazonas, estamos diante de um tema muito pouco frequentado pelos estudiosos. Um silêncio persistente que insiste em apagar memórias, histórias de trajetórias de populações muito diversificadas que fizeram desta região, seu espaço de luta e sobrevivência (Melo, 2021, p. 8).

Essa história não pode deixar de ser contada. Ela precisa ganhar contornos de instrumento político de luta da população negra amazonense e o nosso reconhecimento como uma comunidade negra quilombola despertando a história político-social dos negros na cidade e fortalecer ainda mais a luta daqueles que se foram sem poderem desfrutar da alegria de serem reconhecidos como os negros (as) que contribuíram para que essa cidade prosperasse.

2.2 As Crioulas do Quilombo: O Lugar onde faço

Destacamos a presença forte das mulheres nos quilombos, seja lutando por direitos de suas comunidades principalmente na manutenção dos costumes, seja da memória, seja na oralidade lutando pelos direitos da educação de qualidade, moradia, saúde de seus filhos e familiares. Aliás a pesquisadora Andreza Cristina da Costa Silva (2019) nos lembra o discurso proferido por Ângela Davis em sua vinda ao Brasil, esta afirma que as mulheres negras são a base da pirâmide social, e dessa maneira, quando uma mulher negra se movimenta toda a estrutura da sociedade se movimenta junto com ela.

Mesmo que se trate de uma autora inserida em um contexto americano, sua afirmação dispara para as realidades de mulheres negras no Brasil, sobretudo pelos baixos índices no acesso à educação, saúde e trabalho, expressos em documentos estatísticos e qualitativos. Poderíamos dizer que mulheres negras afro-brasileiras se encontram na base da pirâmide no que tange ao acesso de direitos, o que culmina em condições vulneráveis de existência. Dessa maneira, quando políticas públicas são voltadas para esse grupo a estrutura social se movimenta e transforma.

No quilombo do barranco de São Benedito vemos a luta das mulheres desde a chegada das negras alforriadas que vieram para o Amazonas começar sua vida com seus familiares. Negras que não tinham saber e sim ofícios e que com eles criaram seus filhos e elas ao chegarem no Amazonas lutaram junto aos homens para sobreviverem tendo vários trabalhos nas casas de pessoas de posses da época. Elas eram as lavadeiras, cozinheiras, amas de leite e assim iam resistindo através do tempo.

Portanto, as mulheres do Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito são referência para as várias mulheres da família sempre estão à frente das tomadas seja de resoluções ou decisões no festejo a São Benedito dentro da comunidade ficando bem claro o papel da mulher na comunidade. Alguns pesquisadores e repórteres na década de 70 já apareciam pelo lugar para conseguirem entrevistas da tia Lourdinha para saberem sobre a tradicional festa do lugar que é a de São Benedito e dia do aniversário do bairro da praça 14 de Janeiro. Desse lugar surgiram muitos trabalhos acadêmicos devido a sua história do lugar sua cultura e preservação e manutenção de suas tradições.

No ano de 2014 surge a Associação das Crioulas de São Benedito que é composta só por mulheres na qual exercem função de liderança também na comunidade. Esse nome foi escolhido pelas crioulas em homenagem à Maria de Lourdes Fonseca (Tia Lourdinha) que ficou sendo a referência de sua geração e à São Benedito, santo de devoção e fé que as integrantes da associação deram em honra a ele e por elas serem quilombolas e pelo reconhecimento da Fundação Cultural Palmares que legitimou esse reconhecimento pela presença e preservação cultural do Santo que reside há 132 anos na comunidade.

Keilah Fonseca e Jamily Souza, então secretárias, membros da Associação Movimento Orgulho Negro do Estado do Amazonas - AMONAM, com sede na comunidade, juntamente com Jennifer Souza reuniram-se e puseram-se a pensar de que forma poderiam trabalhar em prol da comunidade valendo-se da certificação. Foi então que Jennifer Souza, membro da comunidade, Pedagoga e professora em exercício na rede pública municipal do Rio de Janeiro e militante sindical dos professores da rede pública no Estado do Rio, propôs à Keilah e Jamily, desenvolverem pesquisa acerca das Abayomis, bonecas de origem africana no qual Jennifer já havia desenvolvido trabalho em sala de aula com seus alunos.

O desafio foi aceito e Keilah e Jamily se propuseram em primeira instância a desenvolverem pesquisa e montarem uma boneca cada uma. No próximo encontro suas produções foram apresentadas e a partir daí, Keilah sugeriu que fosse desenvolvido um trabalho com as Abayomis, mas na visão de Keilah essa produção deveria ser inédita, uma ideia nova que pudesse além de difundir a história e cultura negra, chamando atenção para a comunidade do Quilombo Urbano de São Benedito, se utilizasse da sustentabilidade como propósito principal e pudesse ainda, proporcionar uma renda extra às mulheres do Quilombo e demais comunidades.

Cada crioula desenvolve um trabalho na associação. a Presidente da Associação das Crioulas do Quilombo é Keilah Fonseca que desenvolve as Abayomis em forma de orixás, utilizando em sua confecção de base, garrafas plásticas (pet) e CDs usados, além de material

de baixo custo e tecidos de cores e texturas variadas. Além da produção das Abayomis, Keilah e Jamily passaram a pensar em outro detalhe: agregar valores. Para que o Projeto saísse do papel seria necessário que outros talentos da comunidade pudessem fazer parte desse grupo, engajam-se na causa, além de mim, Fabiane Fonseca (psicóloga e professora), Kely Fonseca (técnica Contábil e quituteira) Janaina Souza (professora de língua portuguesa e quituteira) e Susye Barreto (bacharel em direito e Artesã).

A Associação segue um calendário anual, trabalhando principalmente uma educação antirracista na comunidade e com as pessoas que vão visitar o espaço do quilombo e como também com as crianças moradoras do local para que mais tarde elas possam repassar para futuras gerações o que está sendo plantado agora. Trabalhando sempre o Ubuntu (*Eu sou porque nós somos*), planeja-seo calendário: os festejos à São Benedito, Dia da Mulher, Dia das Mães, rodas de conversas com vários temas de negritude e que mostrem as produções negras. Todos os encontros e exposição do artesanato produzido pelas Crioulas, acontecem no espaço cedido por Creuza Fonseca, mãe de Keilah Fonseca e Kelly Fonseca. A residência, que é dentro da comunidade, é o ponto de encontro onde se reúnem para traçar as metas do grupo, promover cursos abertos a todos os interessados sem custos e rodas de estudo para o aprimoramento profissional e difusão do conhecimento acerca da cultura da comunidade.

Atualmente, a meta principal das Crioulas é adquirir uma sede própria que possa abrigar prioritariamente um altar para São Benedito, e um espaço para as atividades das Crioulas e para a Associação Movimento Orgulho Negro do Estado do Amazonas – AMONAM, presente na comunidade do Quilombo Urbano de São Benedito.

Eu e Keilah Fonseca temos um projeto desde 2018 voltado para as crianças negras do Quilombo Urbano, que são bonecos negros que retratam a sua família que veio do Maranhão para o Amazonas - que por muito tempo foram estereotipados - e que são apresentados para as crianças a beleza de reconhecer através da própria história deles através dos fantoches para que eles entendam que a cor da pele, cabelo e bocas são lindos, valorizando a autoestima nas crianças para quando estejam em sala de aula, falem dos seus ancestrais e de sua identidade negra. Esse trabalho foi apresentado por mim no Simpósio de Ensino Tecnológico 2021 em forma de artigo com o título “Crioulas do Quilombo e as Fronteiras Antirracistas”⁹, escrita sob orientação do professor Dr. Tarcísio Serpa Normando.

Destaco os seguintes projetos realizados pelas Crioulas do Quilombo com vistas a uma educação antirracista: Abayomis e Trabalho de Crioula.

⁹ SILVA, Rafaela Fonseca da; NORMANDO, Tarcísio Serpa. Crioulas do Quilombo e as Fronteiras Antirracistas. Simpósio do Ensino Tecnológico no Amazonas (SETA), Manaus, 2021;

Quanto ao primeiro, destacamos que bonecas originalmente feitas de tiras de pano (retalho) eram confeccionadas pelas escravas nos porões dos navios negreiros para acalantar suas crianças. A história conta que as escravas construíram essas bonecas com retalhos de suas próprias vestes durante a viagem nos navios. Porém com o passar dos tempos soube-se que as abayomis tem uma outra história: para Carlos Machado, historiador e autor do livro *Gênios da humanidade – ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente*, que deu uma entrevista ao site Luneta fala que a disseminação da narrativa da boneca oriunda de navios negreiros “se insere nessa sociedade que prefere o conto de fadas, que prefere o mito”. Em um país tão desigual, violento e cruel como o Brasil, onde ainda há pouca reparação histórica para a população afrodescendente e indígena, o mito surge “para aplacar um pouco a culpa, a responsabilidade, do que foi feito com essas populações”.

Nesse sentido, a narrativa romantizada sobre as abayomis também é cruel por invisibilizar o trabalho de Lena Martins, negando a autoria de um símbolo cultural à autora ainda viva a partir de então Keilah Fonseca começou a construir a história real para as crianças e que as bonecas pretas eram uma forma de resistência feminina preta, não deixando de falar do seguimento das religiões de matrizes africanas. Para a educadora, pesquisadora e contadora de história Karen Barbosa Campos (2022) a boneca abayomi, desconstrói toda a questão dos gêneros que são impostos pela sociedade patriarcal onde os brinquedos são separados por sexos (meninas brincam com brinquedos de meninas, meninos brincam com brinquedos de meninos). Assim, tratar meninos e meninas igualmente em casa, é essencial para tornar a sua personalidade mais rica e mais humana. Fazê-los brincar de casinha juntos, inclusive os meninos cuidando das bonecas, deixá-los jogar juntos jogos de futebol ou brincarem de lutas sem separar meninos e meninas, os tornará mais companheiros para o resto da vida. (Muraro, 2007, p. 80). “É impossível falar da história única sem falar sobre poder. O poder impõe a verdade definitiva sobre o outro, e até romantiza, nos tira o direito de sermos humanos” (Ribeiro, 2018, p. 18).

A produção intitulada “Trabalho de Crioula”, batizada com este nome pela Historiadora Dra. Patrícia Melo (Professora da Universidade Federal do Amazonas e parceira nos eventos da Comunidade do Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito), visa o resgate histórico dos ofícios das Crioulas ancestrais da Comunidade do Quilombo do Barranco de São Benedito, onde muitas não tinham uma formação profissional que lhes garantisse uma profissão, o que em outros tempos era algo praticamente impensado para as mulheres, para mulheres negras então, constituía enorme desafio. As Crioulas nunca esmoreceram e ajudavam a compor a renda familiar sempre trabalhando arduamente de sol a

sol nos mais variados ofícios, como: lavadeiras, costureiras, quituteiras, tacacazeiras e especialmente MÃES, garantindo o bem estar de seus filhos e abrindo os caminhos para as Crioulas contemporâneas.

Ao pesquisar sobre as mães negras, a pesquisadora Fabiane Rodrigues Fonseca (2017) nos fala “há tempos atrás as mulheres negras, ocupavam o lugar de ‘mães postiças’ quando por vezes cumpriam o papel das esposas dos senhores de engenho, zelando e amamentando seus filhos por longos períodos de tempo”. As bonecas da coleção “Trabalho de Crioula” trazem em sua composição de base a reciclagem de garrafas de vidro e modelagem a base de porcelana fria e pintura em tinta acrílica. “Pensar na prática das mulheres negras me fez perceber o quanto isso era importante para restituir humanidades negadas” (Ribeiro, 2018, p. 19).

CAPÍTULO 3 – MINHA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

3.1 Trajetória Pessoal e Feminismo Negro: Tornando-me negra e feminista

A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio. (Aliás, o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal depois do trabalho de se descortinar muitos véus.) Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobre tudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades (Santos, 2021).

Cresci entendendo que eu era negra, acho que já sabia desde muito pequena, porém foi com seis anos de idade que aprendi quando falavam na escola que eu não poderia brincar no grupo de algumas meninas na hora do recreio, tudo porque eu tinha o cabelo feio, porque eu não tinha as bonecas legais que na época podíamos levar para a escola no dia marcada de lazer pela professora. Apesar da escola, ser em bairro próximo ao centro de Manaus, via algumas crianças brancas que pertenciam a minha classe social se sentirem melhores que eu, como se eu não pudesse estudar onde elas estudavam. “O racismo ronda sua existência na condição de um fantasma desde seu nascimento, ninguém o vê, mas ele existe” (Santos, p. 16).

Certa vez questionei minha mãe porque eu não poderia alisar meus cabelos, eu disse que não agüentava o cabelo que eu tinha e queria que ficassem com o efeito escorrido feito os das minhas colegas, mesmo minha mãe falando que meu cabelo era bonito e mais solto que o dela e eu só precisava cuidar com os produtos certos (naquela época não existia produtos para o tipo do meu cabelo que era crespo, o que se via sempre foi produtos para cabelos lisos e tínhamos que nos acostumar com o que tinha ou então partir para o alisamento com ferro quente ou passar produtos/químicas que muitas vezes deixavam as pessoas carecas). Lembro que passei por esse processo com 12 anos de idade até os meus 36 anos, um caminho dolorido, mas que no meu subconsciente eu estava parecendo com a branquitude¹⁰ e poderia estar entre elas, mas no espaço escolar em toda a minha vida eu sofri racismo, preconceito e sempre achava que eu era a errada, um processo dolorido de não admitir que não era eu a errada, que os brancos sempre estavam certos.

Nasci no estado do Amazonas, na cidade de Manaus na década de 70, filha de Marildes Nascimento Fonseca, pai não declarante em minha certidão, porém convivi com ele

¹⁰ O termo branquitude não se refere as pessoas em suas singularidades ; trata-se de uma categoria social, que se refere a um lugar de vantagens simbólicas, subjetivas e materiais disponíveis para as pessoas identificadas como brancas em uma sociedade onde o racismo é estrutural. Essa identificação no Brasil é feno típica ou seja, se dá pela estética, e não pela constituição genética (genótipo).

dentro de casa sabendo que ele era meu pai, mas que nunca quis assumir o papel na minha certidão de nascimento e nem na da minha irmã, o nome dele era Rafael Jurandir Barbosa. Muitas vezes não se fez presente quando mais precisávamos depois da morte de minha mãe. A minha mãe exerceu na minha vida também mais esse papel, de se fazer presente em tudo na minha vida e na da minha irmã e o fez com muita maestria, sou irmã da Adriana Fonseca Barbosa que é mais velha que eu. Tenho uma lembrança bem viva da minha mãe cuidando das coisas de casa, da minha irmã e de mim e do carinho dela por seus irmãos, sobrinhos e principalmente por nós as suas filhas.

Lembrar da minha família é recordar o melhor momento de minha vida, lá eu via todos da minha cor, alguns mais escuros e outros com a tonalidade de pele não tão escura, porém todos negros, apesar de muitos naquela época nem falarem em letramento racial, todos eram iguais e estar entre nossos pares é essencial.

As casas dos meus tios e primos sempre eram bem próximas umas das outras, como até hoje, e isso facilitava o convívio e também as muitas brincadeiras e conversas debaixo do pé de mangueira ou no fundo do quintal. Ao lembrar-me das mulheres da minha família, me vem na lembrança que sempre fui cercada por mulheres que se viraram para sobreviver e minha mãe era um exemplo forte dessa presença marcante, pois o colo dela foi o meu refúgio e acalanto nos momentos de dor e tristeza, foi com ela que aprendi que não poderia me calar diante da opressão de preconceitos e racismo.

Minha mãe não chegou a fazer o ensino médio como falamos hoje em dia, porém o que ela pôde estudar ela me ajudava muito, ajudou a me alfabetizar junto com a professora de reforço que foram duas a D. Anita e a professora Raquel (filha de D. Anita). Depois que saí da alfabetização a minha professora foi minha prima/tia Jacimar Souza que para mim e para a minha família era uma espécie de médica e professora pois ela sabia os remédios se passássemos mal, chegou até a fazer o parto de uma prima que com dores do parto e que não deu tempo de ir para o hospital e acabou tendo em casa as crianças que eram gêmeas com a sua ajuda. Estudei com ela dos seis anos até meus onze anos e ela também era minha madrinha de crisma (um dos sacramentos da igreja católica) e foi em vários momentos como mãe para mim. Ela estudou o magistério no colégio IEA, usava a tal da palmatória, e nos dias de tabuada quem errasse teria que pegar bolo com a palmatória e como ela falava não poderia dar “bolo de comadre” que significava não bater com força e isso me forçava a estudar bastante a tabuada e as quatro operações.

Talvez por esse aprendizado da palmatória e como me fora ensinado nas aulas particulares, eu tenha internalizado em mim que ao ensinar a tabuada devêssemos ter como

método a palmatória. Aos dezesseis anos faltando um ano para eu terminar meu segundo grau, comecei a lecionar em casa para meus primos foi quando aprendi e reproduzi a educação com esse mesmo jeito.

Só fui entender que estava no caminho errado com essa prática quando estudei mais profundamente na universidade em uma disciplina sobre a “História da Educação” que foi uma tristeza para mim, entender que tudo isso não fazia bem para as crianças e não me fez bem, talvez as professoras da escola na época que eu estudava o olhar das professoras fossem daquele jeito porque teriam que passar que estivessem certas em seus modos de ensinar. Uma coisa que devemos escurecer aqui é que a educação naquela época era dessa maneira, porém fora do país, algumas escolas ainda têm esse método da palmatória.

Muitas vezes acredito que as mães colocam seus filhos em aulas de reforço (particular) de alguma disciplina que ele não entenda ou é porque devido a carga horária de trabalho exaustivo ela não tenha tempo para ensinar ou então não entenda o assunto e esses foi o que acontecia com minha mãe. Na minha infância para não nos deixar faltar nada em casa, trabalhava o dia todo, quando ela já não entendia alguns assuntos que eram repassados na escola por tanto ela corria atrás de professores particulares para nos ensinar.

Pois o que ela não teve ajuda na educação ela fez por seus dois irmãos Mizael Fonseca e Messias Fonseca e por nós eu e minha irmã Adriana Fonseca, ela fazia questão de que eu e minha irmã tivéssemos principalmente bons êxitos através dos estudos, o que ela não pode estudar por ter que trabalhar desde muito cedo para criar seus dois irmãos que terminaram o ensino secundário¹¹.

Muitas vezes na sala de aula eu era questionada por alguns professores sobre os assuntos que eu já entendi e respondia, pois, para uns professores não entendiam como uma menina negra e pobre poderia estar entendendo o assunto e os colegas que tinham mais possibilidades financeiras para estudarem particular, não conseguiam entender?

A meu ver parecia que eles pensavam que eu não poderia ter a capacidade de entender as coisas e os assuntos ministrados pelos professores. Dessa forma lembro-me da história de uma exposição que li sobre os oitenta anos da abolição da escravatura e havia uma exposição litográfica do “Castigo de Escravos” e nele um quadro com a imagem da negra Anastácia que foi escravizada com amordaça na boca, chamada de máscara de Flandres. Há uma máscara da qual eu ouvi falar muitas vezes durante minha infância. A máscara que Anastácia era obrigada

¹¹ O ensino médio brasileiro possuía os níveis ginásial (4 anos) e colegial (3 anos), divididos, nos seguintes cursos: ensino secundário, ensino industrial, ensino comercial, ensino rural e ensino normal, cada um deles regido por legislação particular.

a usar. Os vários relatos e descrições minuciosas pareciam me advertir que aqueles não eram meramente fatos do passado, mas memórias vivas enterradas em nossa psique, prontas para serem contadas (Kilomba, 2019, p. 33). Notava-se o sorriso estampando no rosto de alguns professores quando os alunos (as) brancos respondiam e que os mesmos diziam: Muito bem, fulano (...)! Esse estuda.

Quando era uma criança negra, a coisa mudava, as palavras eram: Ah tá, vai sentar. Na infância escolar não me lembro de ter tido elogios pelas tarefas que eu fazia e muito menos motivacionais por parte dos meus professores. E como crescer e ter auto estima feita a branquitude? Mas no fundo eu sabia que era o meu empenho no sacrifício da minha mãe e quando cheguei em minha casa e falei para a minha mãe, que me falou que estavam com discriminação e preconceito comigo e me disse que não deixasse que me tratassem dessa forma e esses episódios de racismo, preconceito e discriminação aconteceram diversas vezes em minha vida e os professores viam e não faziam nada.

Minha mãe que também foi minha professora, além de mãe e fazer quando tinha tempo a minha roupa e de minha irmã. Normalmente anotava as nossas medidas e víamos a roupa e ela comprava e tecido e fazia direitinho o modelo que escolhíamos, e mesmo sentada de frente para a máquina costurando-o me ensinava contas de matemática ela gostava muito de livros de romance.

Mas sempre dizia que nem tudo era verdade e que nós mulheres tínhamos que nos ater ao que queríamos na vida, uma lembrança de muito amor e afeto. Acredito que ela era uma mulher que via o que acontecia ao seu redor e tinha vivências. Talvez minha mãe tenha me criado e educado como feminista e eu nem entendia. Para Adichie (2017, p. 29), uma das sugestões que ela nos dá é ter “cuidado com o perigo do Feminismo Leve [...] Ou você acredita na plena igualdade entre homens e mulheres, ou não”.

Enquanto minha mãe viveu ao meu lado e da minha irmã sempre esteve comigo me defendendo de todo o processo de racismo que passamos e sempre nos falou em não dependermos de ninguém financeiramente e que tínhamos os mesmos direitos que os homens tinham, porém talvez nunca conseguíssemos nos igualar a eles. Penso que a igualdade de gênero ainda precisa de muita luta para tentarmos alcançar as políticas que tentem chegar ao mesmo patamar dos homens, sabemos que as desigualdades de gêneros estão refletidas nos abusos vivenciados por mulheres, na violência física e sexual, mulheres e meninas vivem em países onde estupro no casamento não é crime. Violações e injustiças assumem outras formas também como é o caso de outros países em que as mulheres têm que obedecer aos homens, mulheres não tem o mesmo direito de herança como os homens. Os dados foram extraídos

pelo relatório “Progresso das mulheres no mundo 2019-2020: família em um mundo em mudança”, da ONU Mulheres.

Às vezes paro e penso... minha mãe sempre foi a mãe que orientava a mãe que cuidava, e também a minha terapeuta quando eu chorava que não queria ir para aula porque iria encontrar as meninas que não me queriam no grupo ou os meninos que caçoavam de mim, do Santo da minha família que é São Benedito, pois quando descobriram que minha família rezava e fazia festa para ele, foi pior, pois alguns falavam sobre a minha família que o lugar que morávamos era de nomes pejorativos: morro do querosene, da lamparina, morro dos macacos ou o barranco das negadas como eles falavam, era uma gozação só, além de dizerem que não existia santo negro e só poderia ter um santo no bairro que era a Nossa Senhora de Fátima a mulher branca.

Porém entendemos que esse é um processo que já vem internalizado no Brasil que é o racismo estrutural como afirma Almeida (2018, p.39):

“[...] brancos exercem consciente ou inconscientemente a discriminação racial em seus cotidianos, por meio de pequenas técnicas, procedimentos, fenômenos e mecanismos adquiridos e reproduzidos culturalmente: ser branco é resultado de uma construção social que se expressa materialmente na dominação exercida por indivíduos considerados brancos.”

Sabe-se que os professores da minha época da infância, acredito que nem imaginavam que eles seguiam padrões impostos pela sociedade da época como fazendo parte da educação. Além disso, por mais que possuísse na escola professores negros (as), não entendiam a sua história ancestral como muitos ainda não entendem sobre várias questões negras, achando que isso só interessa para a pauta dos movimentos de negritude, mas que essas questões interessam e muito dialogarmos em formações de professores e que faça parte do calendário escolar, pois o não entendimento do professor, talvez no que se refere à diversidade étnica e as suas diferenças, possa facilitar o desenvolvimento do preconceito e ocorrência de discriminação no espaço escolar. “A escola e família, juntas, representam a possibilidade da transformação do pensamento sobre a realidade construída sob “ideologias” como o mito da democracia racial” (Cavalleiro, 2022, p. 13). Faz necessário que na academia principalmente na grade curricular tenha uma disciplina que fale a fundo sobre a lei 10.639/03 e 11.645/08 pois a grade curricular de muitos cursos se fecham fazendo com que se entenda superficialmente essas leis e da importância de quem lutou para que elas existissem na educação.

Enfatizamos que o movimento negro é um importante ator político que constrói, sistematizando e articulando saberes produzidos pela população negra ao longo da história

social, política, cultural e educacional brasileira, produzindo saberes emancipatórios educando e reeducando a sociedade e instituições. Ao falar sobre ser professora e pesquisadora penso como (Gomes, 2017, p. 13), “o Movimento Negro é um educador. Minha trajetória como professora, minhas pesquisas, produções teóricas e ações políticas se pautam nesse reconhecimento.”

Não faz sentido ter uma escola muito bem efetivada de práticas antirracistas se o currículo da escola possui um currículo racista e essas questões interessam e muito dialogarmos como professores, gestores e toda a equipe escolar que vai desde até o profissional da portaria, secretária, ao profissional da merenda.

Enfim todos precisam estar nas formações de professores para dialogarem e falarem a respeito da diversidade dentro do espaço escolar e principalmente do racismo, preconceito e discriminação e tantas outras questões como a de gênero e raça. O antirracismo não pode ser uma coisa imposta como eu escutei e sim por consciência social e histórica como diz Pinheiro (2023, p. 77) “todas as pessoas que atuam no interior da escola são educadoras e precisam ser formadas, não apenas professores/as.

E que temos uma Lei de nº 5.620/2021, que está instituída a obrigatoriedade de realização de campanhas educativas permanentes de combate ao racismo nas escolas, por meio do selo “Amazonas pela Promoção da Igualdade Racial” e não se ver ser feito em muitas escolas aqui na cidade de Manaus.

3.2 Trajetória Pessoal e Educação Antirracista: (Auto) biografia de uma professora negra, quilombola e antirracista

A nossa escrevivência não pode ser lida como a história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (Conceição Evaristo).

Devo salientar o quão é difícil a escrita de nós e nossas escrevivências¹² essa inquietude de colocar no papel as coisas que te fazem lembrar dores do passado e que precisam ser extravasadas do âmbito interno sabendo que tudo é um processo e com ele caminhei até aqui, porém nunca foi só, sempre foi no coletivo. Trazer a importância da minha

¹² Criado por Conceição Evaristo, o termo "escrevivência" traz a junção das palavras "escrever e vivência", mas a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação; ela está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnica e de gênero ela está ligada, explicou a escritora e educadora. "A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade." https://youtu.be/Sv_VUp7RcFY?si=nK6wfvqbrg4twpU4 e <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=27>

narrativa e minha (auto) biografia para esse texto me faz muito sentido por inúmeras razões, porém deixo aqui uma delas: a primeira que as narrativas auto biográficas são importantes de se trabalhar no contexto da escuta da fala dos professores.

Segundo que a minha narrativa pessoal traz a questão da identidade negra, do meu entender e me posicionar no mundo, adentrando nos espaços que não foram feitos para as pessoas negras adentrarem e contar a minha história e isso me lembra a frase "Para ilustrar o poder de contar histórias e de contar contr narrativas (histórias não hegemônicas) trago um exemplo da pesquisa feito por Bell (2003) no seu artigo "Contando Contos: o que as histórias podem nos contar sobre o racismo" Como (Ferreira, 2014. p. 236-263) .

Sou uma mulher negra, quilombola, conhecida como uma das Crioulas do Quilombo do Barranco de São Benedito, esse nome vem da Associação na qual ajudei a fundar, no território quilombola que nasci, cresci e que vivo até hoje. Quem me conhece sabe que nem sempre fui uma mulher que fez de tudo para ocupar os espaços que não foram feitos para as pessoas de pele preta como a minha talvez por não conhecer a minha história ancestral eu não questionasse o que foi imposto pelo ocidente como produção de pensamento frio, isento e equânime.

Mas nessa trajetória desde o ensino fundamental, segundo grau (hoje ensino médio), graduação, especialização e mestrado foi uma longa história, pois não foi um mar de rosas, pois minhas memórias mais dolorosas foram no meu período escolar, talvez isso tenha sido o responsável dos vários entraves para o meu desenvolvimento social que me resultou vários apelidos (pejorativos).

até a fase da adolescência e depois de adulta também, sendo esse espaço escolar aquele que a professora não me questionava o que estava acontecendo comigo nos dias que sofria por que outras crianças não queriam estar comigo por eu ser negra e eu tinha que engoli o choro, mas o choro de outra colega de pele clara podia ter o direito a ter colo, até os pais chegarem, e a criança negra que sofreu todas essas ações no espaço da escola nunca obtiveram o direito de ser acalentadas, pois é desse jeito que normalmente tratam as crianças negras.

Observou que a escola se mostra como um contexto bastante perverso, no qual crianças negras estão internalizando conteúdos que contribuem de forma negativa para a construção de sua identidade. Segundo esse estudo, tal problema surge porque as crianças negras vivenciam um espaço que as discrimina e as humilha, tornando-as alvos de seus colegas brancos, por apelidos e palavras depreciativas, sendo excluídas também por parte de seus professores, que se omitem nas situações de discriminação (Cavalleiro, 1999, p. 49).

A escola que deveria ser um ambiente acolhedor, muitas vezes foi o meu feitor e capitão do mato, porque foi nela que aprendi a não me mostrar e nem querer falar, pois o meu lugar era dos que eram silenciados, mesmo que certa em minhas posições quando a professora perguntava algo da classe e quando minha mãe reclamava algo da professora, era pior o tratamento da professora.

Por isso, acredito que não gostava de falar, esperava mais das professoras e da gestão pedagógica, que possuíssem um olhar como para as outras crianças brancas, pois se algo lhes estivesse angustiando e incomodadas, seriam escutadas. Certa vez no meu ensino médio me disseram quando eu falei que gostaria de fazer uma faculdade a turma olhou-me com olhar de espanto, que eu por ser uma negra eu não teria futuro com a física, pois mulheres não poderiam estar fazendo graduação que notadamente tinham mais homens e não se via muitas mulheres.

Refleti sobre o meu segundo grau (agora ensino médio) sobre a única professora negra que tinha da instituição que eu estudei entre 1990 e 1991 durante dois anos, que foi no Colégio Amazonense D. Pedro II, que no meu entendimento sobre a questão racial, recordei que tinham outros professores negros porém muitos não se identificavam e muitos menos falavam nessa questão e quando falavam eram as palavras (não sou negro, sou moreno, mulato, café com leite) ser negro muitos não queriam ser comparados, entendo que para muitos em seu íntimo trás sofrimento pois o racismo, preconceito e discriminação trás histórias de dor e sofrimento, feridas abertas que para muitos a questão ainda deva ser difícil lembrar.

Para Almeida (2021), devemos saber o conceito de racismo para diferenciá-lo de outras categorias que também aparecem associadas de raça que são as palavras: Preconceito e discriminação racial. Mas o que é o racismo? O racismo nada mais é, que processos históricos e políticos, sociais de discriminação, que está fundamentada na raça, podendo ser consciente e inconsciente, resultando em vantagens e desvantagens para um grupo a qual pertence. Pessoas negras não são racistas elas reproduzem porque elas não se beneficiam daquela estrutura por mais que reproduza violência machista ou racista elas estão apenas reproduzindo. Devemos lembrar que temos uma Lei de nº 5.620/2021, que está instituída a obrigatoriedade de realização de campanhas educativas permanentes de combate ao racismo nas escolas, por meio do selo “Amazonas pela Promoção da Igualdade Racial” e não se ver sendo praticada nas escolas sendo de suma importância que a nova geração entenda a sua história ancestral e tenha a plena consciência racial no que diz respeito a sua origem e que não nos é mostrado como sendo potência, que nossa história tem reis e rainhas.

Para Silvio de Almeida (2021) o termo raça tem muitas controvérsias. Para vários autores esse conceito é ligado a classificação de plantas, animais que serviu depois para classificarem pessoas. No que diz respeito à classificação de raça em humanos, a origem é do século XVI e foi utilizada por muitos anos para justificar desigualdades entre grupos sociais, impactando diretamente na vida de várias pessoas. Esse conceito de raça se tornou instrumento para justificar a hierarquização, subjugando em razão de características físicas, sobretudo pela cor da pele das pessoas.

Muitas pessoas não entendem a diferença entre os termos racismo, preconceito e Discriminação racial, ressalto que só depois das leituras que fiz pude compreender sobre esses conceitos e que aqui vou explicar melhor. Parafraseando Almeida (2021) que diz que o Racismo é diferente de preconceito e de discriminação racial, o preconceito racial são juízos que pessoas tem baseados em estereótipos de algum grupo. A discriminação racial é o tratamento diferenciado a grupos racializados por meio da força relacionada a poder, podendo ser direta pela (cor de pele) e indireta quando se ignora a realidade do grupo que são subjugados e historicamente massacrados, afetando as possibilidades de subsistência, de dignidade, ascensão social, de reconhecimento e de sustento, nesse contexto devemos lembrar também dos indígenas que sofrem por serem julgados (Almeida, 2021. p. 23-24).

Clóvis Moura (1994) nos diz que foi no período de colonização que o racismo foi usado como ideologia que nutriu e justificou as ambições políticas expansionistas de nações dominadoras sobre as nações dominadas. Para tal opressão, lançou-se mão de abordagens políticas e científicas que explicassem suas ações. O pressuposto presente era que havia raças inferiores sem cultura, religião e política que eram passíveis de dominação e povos superiores, que detinham o conhecimento, saberes e por isso podiam dominar, pois possuíam a missão de assessorar os demais povos.

O letramento racial é individual, é uma retomada em sua memória sobre os processos de racismo que passou ou não por ter a cor de pele negra ou (preta). Logo me veio na memória as narrativas da única professora negra com quem estudei e que era professora da disciplina de química, foi ela que na apresentação do primeiro dia de aula questionou sobre terminar os estudos qual a graduação que pretendíamos fazer e como para mim era gratificante ver uma mulher negra ministrando uma aula de química na década de 90 , arrisquei em falar sobre a física , ela na época achou o máximo, mas alguns meninos disseram que eu não teria como fazer porque era concorrido na época e eu precisaria estudar muito, como se não fosse feito para mulheres.

Em se tratando da professora que era uma mulher negra retinta e sempre que estava ministrando aula à sala parada para escutá-la, ela tinha um domínio na disciplina que ela ministrava, pois teríamos que ter concentração para entendermos cálculos. Apesar de ela ter todo o domínio em sala de aula e entender e explicar bem a disciplina sofria com o racismo diário, preconceito e discriminação por parte de alguns alunos e eu vendo essa situação me sentia mal, pois ela não sabia que acontecia isso.

No entanto Grada Kilomba em seu livro *Plantations Memories: Episodes of Everyday Racism*, diz: “o racismo opera em múltiplas faces, entre elas, o racismo seria uma forma do sujeito negro torna-se aquilo na qual o sujeito branco não quer ser relacionado: “[...] nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se parecer.” (Kilomba, 2019, p. 38).

Uma das situações perversas a meu ver era a cadeira que ela a minha professora negra da disciplina de química como disse anteriormente, pois a cadeira era a mesma que todos os professores da turma sentavam, depois da aula dela alguns alunos falavam que ninguém poderia sentar por que a professora de Química havia sentado porque a cor deveria estar na cadeira e certa vez fomos chamados a atenção por um professor e que ficou por isso mesmo. A sala de aula que eu estudava tinha um percentual bastante alto de pessoas brancas eu poderia contar nos dedos as pessoas negras da minha cor na sala que eu estudava e também no colégio.

[...] de preta que não toma banho. Só porque eu sou preta elas falam que eu não tomo banho. Ficam me xingando de preta cor de carvão. Elas me xingaram de preta fedida. Eu contei para a professora e ela não fez nada.”. A autora afirma que as experiências vividas na escola, marcadas por essas e outras humilhações, contribuem para condicionar as crianças negras ao fracasso, à submissão e ao medo. Assim, para a criança negra, torna-se difícil a construção de uma identidade positiva. Segundo esse estudo, o efeito do racismo nas crianças pode conduzir ao desenvolvimento de uma baixa autoestima e de um auto conceito negativo. Simultaneamente, a criança branca é levada pela escola a cristalizar um sentimento de superioridade, visto que, diariamente, recebe legitimidade dessa premissa. A escola, assim, atua na difusão do preconceito e da discriminação racial (Cavalleiro, 1999, p. 49).

Lembrando da frase que “a mulher pode ser o quiser”, nos faz refletirmos sobre a questão, pois não é bem assim, pois, por mais que lutemos para tentarmos romper com o que foi pré-estabelecido temos por trás todo um patriarcado na história da sociedade que se regulamenta com o racismo estrutural, que faz com que nós mulheres tenhamos que provar todo tempo para essa sociedade machista, misógina, xenofobia que temos capacidade de exercermos determinadas funções que foram designadas não só para os homens e isso faz com que o debate sobre igualdade de gênero ainda tentem buscar o fim dessas diferenças

sociais, políticas dando oportunidades para as pessoas de diferentes gêneros. Para Adichie (2014, p.28), “o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos”. Talvez por essas e outras questões eu seja muito observadora no lugar que piso e tente entender tudo que me rodeia, aprendendo a ser resistente e persistente para poder caminhar, mesmo que muitas vezes eu quisesse desistir de tudo.

Apesar de sabermos que a escola é um lugar diferenciado e privilegiado pela questão da construção das identidades, pela diversidade e socialização com outras crianças, também sabemos que é um lugar que não privilegia todas as crianças de forma positiva. Muitas crianças têm percepções negativas de si mesmas e as construções de suas identidades inferiorizadas, mostrando que a escola também é lugar de conflito, principalmente no que diz respeito a crianças negras.

Essa questão também é uma questão atual vivenciada pelas crianças negras quilombolas que sofrem racismo pela escola, pois a escola não contribui com representações positivas das identidades das crianças quilombolas. Santos (2008), pesquisando os efeitos do racismo em crianças negras quilombolas nas escolas, fala sobre a questão trabalhada pelos professores que se aplica um currículo que tem como parâmetro de humanidade a identidade branca e que não qualificava os profissionais da educação no que concerne à lei nº 10.639/03 e 11.645/08 e elas as leis de Diretrizes e bases da Educação-LDB para incluir a obrigatoriedade ao ensino da história e cultura afro-brasileira dentro das disciplinas que fazem parte das grades curriculares.

Ressaltamos a importância dessa lei 10.639/03, que no dia 09 de janeiro de 2023 fez vinte anos, mas que não é trabalhada dentro de sala de aula por muitos professores e ainda vemos esses desafios, mas porque insistir na potência em uma educação para as relações étnica racial (educação antirracista)? Se por um lado há um avanço nas inúmeras experiências no país, pesquisas mostram limites no que diz respeito a docentes que atuam isolados sobre essa questão, sem aportes e ações dos gestores, tem a intolerância no que diz respeito à precarização da prática docente.

Depois da minha formatura na graduação, vivenciei a sala de aula por seis anos em uma instituição privada, ao mesmo tempo em que fazia minha primeira pós graduação em Docência do Ensino Superior na instituição que fiz minha graduação que foi em Licenciatura em Pedagogia também no Centro Universitário do Norte-Uninorte em 2012 e que meu rendimento me possibilitou uma bolsa para cursar de pós da instituição. Cursei uma disciplina que me chamou a atenção quando a professora da disciplina da Docência, falou para a turma depois de nós apresentarmos que éramos pesquisadores. Não havia pensado nessa

possibilidade, pois a meu ver um pesquisador somente é o que está na academia e quando me deparo com o meu fazer pedagógico fui fazendo reflexões a respeito.

Na escola que trabalhei, era um curso Técnico e algumas coisas que via eram disciplinas muito das ciências exatas e muito tradicionais e um meio que fiz para conhecer meus alunos foi o memorial e neles os alunos transcreviam sobre a sua história de vida, no primeiro momento foi um choque para eles, falar sobre si e refletir através das suas experiências e vivências e isso não foi somente um aprendizado para meus alunos, e não foi tão somente colocar no papel e esquecer, foi um ato de vivências e aprendizagens, pois nossas histórias pessoais que nos constituem com seres pensantes, são produzidas no interior de nossas práticas sociais ao mesmo tempo também aprendi com eles nesse processo de se auto avaliar-se.

Entendo que a narrativa abre espaços e oportuniza aos sujeitos em processo de formação o compartilhamento de experiências formadoras sobre tempos, espaços e trabalho biográfico. Dessa forma, as narrativas, como noção e espaço biográfico, constituem-se de forma singular num projeto formativo, porque partem da transação entre diversas experiências e aprendizagens individuais e coletivas circunscritas nos territórios de vida-formação (Souza, 2011. p. 2018).

Nesse sentido, fiquei lisonjeada no trabalho que fiz nessa disciplina que era Metodologia do Trabalho Científico e como sabemos trabalhar nesse contexto da escrita pode parecer um tanto tedioso para o aluno, mas sabemos que ao passar do tempo e com as experiências em outras disciplinas e na sua prática ele vai aprendendo como lidar com essa questão. Lembro que na época muitos alunos queriam estudar comigo. As disciplinas eram de muito pouca carga horária, não era extenso como uma disciplina de graduação que se passa praticamente um semestre e sim um curso básico para que eles entendessem de forma rápida e sucinta.

Com essa experiência me levou a trilhar outros caminhos novos, outros olhares sobre a educação, pois tive experiência também em pós-graduação e isso de certa forma me tirou daquelas apresentações tediosas e cansativas para os alunos, mudar meu modo de ministrar aula para que chegasse no aluno e que o fizesse compreender a didática que eu aplicava de uma forma menos complexa com o entendimento como educador transcende o conteúdo específico que aprendi na academia.

Foram vários momentos como esse que me deram a chance e a possibilidade do meu nascer como professora. Todo o tempo que estudei até chegar na pós me fizeram entender o ser pesquisadora, desse modo pensar a pesquisa não se remete somente no objeto da academia, o próprio cotidiano também pode ser objeto de estudo de quem investiga. É

preciso lutar contra a crença de que o acesso aos conhecimentos científicos pertence somente aos futuros cientistas, e que o problema está na dificuldade de compreensão daqueles conhecimentos por grande parte da população, uma vez que exigem alto nível cognitivo (Gonzaga, 2013, p. 11).Somos memória enquanto nós contamos e enquanto nos contam.O exercício do contar-se no contar. A narrativa do processo de construção do conhecimento enfatiza o sofrimento imposto como uma atitude libertadora.

3.3 Trajetória Pessoal e Militância

Meu caminho para a Universidade foi depois da morte da minha mãe, o sonho dela sempre foi que eu e minha irmã fizéssemos uma faculdade, na verdade acredito que algumas as mulheres da minha família quiseram isso, para que a minha geração caminhasse e chegasse muito mais longe que elas chegaram. Perdi minha mãe muito nova e até hoje me faço várias reflexões a respeito dessa partida precoce da minha mãe, uma delas é que ela não chegou, a saber, que o que ela sonhava, eu estou conseguindo agora, caminhando e trilhando o meu caminho.

Preciso demarcar, antecipando que também estou ingressa de uma universidade que tem em sua política as das ações afirmativas, mostrando minhas inquietações pelo lugar que somos minoria nas instituições brasileiras e reconheço que estou onde estou por causa da luta árdua e continua do movimento negro para que as instituições sociais evidenciassem a diversidade étnico – racial. Minha trajetória intelectual é impossível de serem narrados separados do ativismo e da minha militância como caminhos de encruzilhadas. Vivemos em um mundo que edificou regimes de verdade a partir da interdição e da descredibilização da diversidade, nos resta lançar nossos dilemas na encruza e reinscrevê-los de forma cruzada (Rufino, 2017).

Vejo nesse caminho da universidade muitos desistirem de fazer parte, por não terem quem os ajudem nesse processo e logo alguns ficam entre trabalhar e estudar e muitos optam por trabalhar e isso é uma realidade enfrentada por muitos jovens, mas principalmente os negros. Muitas vezes escutamos pessoas que dizem que a universidade não dará de comer e beber e que às vezes era melhor ter um trabalho de carteira assinada do que fazer uma universidade, pois às vezes muitos ficavam no meio do caminho, e eu achei muitas vezes que eu não chegaria até o final.

Esse pensamento ainda se faz presente e é realidade de várias famílias. Nem todos os brasileiros têm condições de entrar na faculdade não por incapacidade, e sim, por que ele tem

que tentar conciliar, estudo e trabalho, essa é uma realidade cotidiana de muitos estudantes de graduação, não estou generalizando, pois sei que muito também tem quem os dê apoio e isso eu vejo muito na realidade da branquitude que ocupa os lugares em faculdades públicas enquanto os negros (as) estão nas universidades particulares. E quando se consegue adentrar nesses espaços nunca se vê representado e isso faz parte da realidade dessa população que chega a mais de 50 por cento em todo o território brasileiro. Ao falarmos sobre representatividade Almeida (2018) relata que a importância da participação de minorias em ambientes de autoridade e influencia social, sobretudo nos meios de comunicação e academia, ressaltando porém que o racismo não se resume a um problema de representatividade, mas é uma questão de poder real.

Como já comentei esse caminho foi muito cansativo e às vezes me deu vontade de desistir ao pisar no chão da faculdade e depois de quinze anos fora da sala de aula, tive essa oportunidade e talvez pela idade que eu estava, com quase 34 anos foi muito complicado ter que relembrar o que você estudou lá traz e pensar se você queria continuar ou não, fora que alguns professores reclamavam porque muitos da minha turma assim como eu estavam retornando para os estudos e tentando acompanhar o ritmo das aulas e eu já estava casada antes da minha mãe falecer e no momento que acontece a entrada na faculdade eu já tinha um filho de quase seis anos que se chama Natã Fonseca da Silva e hoje está com vinte e um anos tendo a possibilidade de adentrar a universidade com 18 anos e entender a importância do letramento racial e de vários assuntos que na época nem se pensava em existir.

Durante a minha graduação que foi 2008 a 2011, vez ou outra me questionavam como eu daria conta de estudar tendo que me virar para trabalhar, cuidar de casa, comida e filho, porém meu companheiro Juscelino Estevam me ajudou ficando com nosso filho para eu poder estudar e estudar no horário noturno que era o único horário que eu poderia fazer uma faculdade e isso é uma realidade muito triste e quase no final do caminho dois semestres que faltavam para eu terminar a graduação engravidei novamente, mesmo assim com o apoio da minha família e das minhas colegas da faculdade, dos professores e do grupo que eu fazia parte, e encontrei o apoio e acolhimento para que eu seguisse na caminhada. Tive minha filha June, no dia oito do mês em fevereiro de 2011 e tive um resguardo de 30 dias, e retornei para a faculdade, defendi o meu TCC e graduei no mesmo ano em agosto de 2011.

Sobre a minha trajetória rumo à graduação aconteceu em 2007 quando fiz a prova do Enem e pelas políticas de cotas do Prouni que me deu uma bolsa de quase 75% mesmo assim eu ainda pagava pela bolsa todo mês, porém consegui me escrever para tentar outra bolsa de estudo que foi da prefeitura e que consegui, na época foi um alegria só, que fez com que

juntassem as duas bolsas e eu não precisasse mais pagar, somente estudar e me empenhar para tirar boas notas e tivesse um bom rendimento. Portanto, tive que estudar nas madrugadas e horários disponíveis, pois a minha meta sempre foi conseguir terminar a faculdade, nunca tive a tal meritocracia de ter ajuda para que eu só vivesse para meus estudos e não tivesse que me preocupar com contas e nem com o que comer e beber. Tive ajuda sim, do meu companheiro, da minha sogra Maria Dos Remédios e minha comadre Alderleide Moraes que revezavam no cuidado com meus dois filhos.

Durante o dia todo cuidava dos meus afazeres, dos meus filhos e quando eles descansavam a tarde eu procurava resolver sobre trabalhos e provas da faculdade e esse ciclo foi até junho de 2011 no término do semestre. Pois minha colação de grau foi em agosto do mesmo ano. Para Evaristo (2023). Esse discurso da meritocracia é muito perigoso, porque dá sem impressão de que se trabalhar consegue, mentira, eu acho que talvez trabalhar é. é consiga muito pouco em relação a outras formas, às vezes. que muitas pessoas ganham a vida né? Ou edificam a vida e edificam as suas fortunas”.

Bento (2018) também nos lembra dessa fala comum sobre “Meritocracia” que é um conceito que defende que cada pessoa é a única responsável por seu lugar na sociedade, seu desempenho escolar e profissional etc. Tal conjunto de habilidades intrínsecas a uma pessoa que depende esforço individual e não estabelece nenhuma relação dessas “habilidades” com a história social do grupo a que ela pertence e com o contexto no qual está inserida. Então é lembrar que essa experiência que a branquitude acessa de vantagens e privilégios não é acessada por grupos que carregam uma herança de discriminação e exclusão. Você pode questionar sobre ser umas pessoas branca é falar que também sofreu, porém mesmo sendo branca e com uma renda igual as das pessoas negras de baixa renda, você pessoa branca não sofrerá as sanções que o negro sofre na sociedade. “É ao longo da história que se forja o “sistema meritocrático” em que um segmento branco da população vai acumulando mais recursos econômicos, políticos, sociais, de poder que vai colocar seus herdeiros em lugar de privilégio” (Bento 2018. p. 35).

Meu envolvimento nas pautas da negritude aconteceu no final da minha graduação, quando quis entender algo que já me questionava quando criança a respeito do porque os negros não existiam nos livros, o porquê da graduação nos apresentar um currículo com a Lei de Diretrizes e Bases da educação 93/94 de 1996 e não as leis 10.639/03 e a 11.645/08 mais intensamente na grade do ensino em Licenciaturas pois quando fala é só falada superficialmente, não nos dando possibilidades de aprofundarmos para entendermos melhor sobre elas, fazendo com que esse contexto não seja tão difundido nas muitas salas de aula,

pois só fui entender da importância dessas leis quando entrei em uma pós-graduação e para os movimentos sociais de negritude, que foi quando fiz várias reflexões a respeito do contexto histórico e social, para tentar a partir dos meus entendimentos saber mais sobre a minha ancestralidade e da importância dela para as várias inquietações que carreguem desde pequena. Sua publicação se tornou um acontecimento histórico na medida em que respondeu à luta do movimento negro, contudo apesar do tempo de existência, são notórias as resistências para sua efetiva implementação.

Não é difícil inferir que os cursos de licenciaturas estão tendo dificuldades para discutir a respeito da lei 10.639/03, que trata da história e cultura africana e afro-brasileira e formar professores preparados para abordar essas temáticas. Para entender as relações étnico-raciais é preciso redescobrir estudos sobre o tema da Africanidade. Como disse Leandro Roque de Oliveira, o rapper Emicida, citando a poetisa Elisa Lucinda: "Nós precisamos parar de chegar atrasados na vida das pessoas" (Calça, 2018).

Partindo desse entendimento sobre meus ancestrais negros (as) fez com que eu tivesse o letramento racial que já estava nesse momento me fazendo entender da potência do povo negro e que o racismo estrutural não me deixava enxergar. Essa chave que virei e não foi toda, pois para responder meus questionamentos que não tinham respostas, quando eu questionava o porquê do povo negro ter sido arrancado do seu lugar de origem nunca se rebelarem, e minha mãe quando me escutava perguntando, não sabia me responder e hoje eu entendo o porquê, porém em 2011 tudo que eu questionava veio a tona em um livro chamado "O fim do Silêncio- presença negra na Amazônia" que tem como organizadora a professora e historiadora Patrícia Alves-Melo¹³ que é historiadora e uma mulher que é referência para mim pois foi a partir do trabalho desenvolvido por ela e pelos artigos contidos nesse livro que serviu para me mostrar a presença negra no Amazonas e principalmente que eles sempre estiveram aqui só que invisibilizados como até hoje, pois sempre tentam apagar a nossa história e contribuição para o estado e país.

Nesse livro tem o artigo importante da Jamilly Souza da Silva orientado pelo professor Sergio Ivan "A Festa de São Benedito no bairro da Praça 14", apresenta os detalhes do festejo realizado pelos membros da comunidade há 134 anos tendo até apresentações de registros feitos do altar de São Benedito como era na época em que Tia Lourdinha e Jacimar estavam juntas e á frente dos festejos. Outro importante trabalho é o do fascículo 16 da Cartografia Social da Amazônia (PNNSCA) UEA, organizada pelo professor Alfredo Wagner Berno de

¹³ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/6775629541151867>

Almeida¹⁴ que mostra a minha família do Barranco e a comunidade da praça 14 de janeiro os mais antigos e jovens falando como aconteceu a chegada da nossa família aqui no Amazonas e com eles a cultura maranhense e seu santo de devoção que é São Benedito. Devo salientar da importância desses pesquisadores.

Dentre outras produções de pesquisa, há também o filme “14 de janeiro – Terra, Samba e Santo”, dirigido por Cristiane Garcia. Trata-se de uma pesquisa que faz referência à formação histórica do Quilombo.

E a partir desses trabalhos mencionados, há, ainda, os seguintes trabalhos de TCC, Dissertações e teses sobre o Quilombo Urbano de São Benedito que são os seguintes: “Direito às terras ocupadas por Quilombolas em Manaus”, dissertação de Aldrin Bentes Pontes (2016) “Territórios, Territorialidade: o quilombo do Barranco de São Benedito, Manaus- AM, de Daniela Silva dos Santos; “Diálogo em residência: o tecido circense e o Quilombo urbano Barranco de São Benedito” (2017), de Leonardo Scantbelruy, “O teatro de formas animadas no Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito” (2017), de Iluana Farias de Araújo, e a dissertação “Quilombolas de São Benedito e a Constituição Federal de 1988. Da proteção à identidade cultural ao direito fundamental das terras de quilombo” (2018), de Ilderley Rêgo Barbosa, estes trabalhos foram defendidos na Universidade do Estado do Amazonas-UEA; e “Território, territorialidade: o quilombo do Barranco de São Benedito, Manaus-Am”, de Daniela Silva dos Santos (2016), “A Festa de São Benedito através da imprensa amazonense (1979-2014)”, de Karollen Lima da Silva (2017), a tese de doutoramento “Nas pegadas de um Santo Negro: A expressão feminina nos festejos de São Benedito na Praça Quatorze de Janeiro em Manaus, Amazonas”, (2018), de Karla Patrícia Palmeira Frota, e a tese Construção Identitária da Comunidade do Barranco: Festa de São Benedito, de Lúcia Maria Barbosa Lira, esses foram trabalhos defendidos na Universidade Federal do Amazonas-UFAM; “ A Comunidade do barranco de São Benedito em Manaus: processos para o reconhecimento do território quilombola”, de Vinicius Alves da Rosa; (2019) “ O protagonismo das mulheres do Quilombo Urbano de São Benedito e Quilombo Rural do Andirá- Manaus/ AM: Liderança, Movimento e Resistência para combater a invisibilidade” de Rafaela Fonseca da Silva; (2020) “ Patrimônio Cultural, festa e Construção Identitária: Uma análise do processo de certificação Quilombola da comunidade do Barranco de São Benedito (2010-2016) de Karollen Lima da Silva; (2023) “ Quilombo Cultural “: Entre Práticas Culturais Negras e Quilombolas”, de Karollen Lima da Silva; e Artigos (2022) “Negros a Bumbar: Boi Caprichoso, Sociabilidade e

¹⁴ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/1596401343987246>

Resistência em Manaus (Décadas de 1920 a 1940)” e “ Pagodeiras Desenfreadas”: Sambas, lazer e Controle Social na “Paris dos Trópicos” (1896-1919)”, de Josivaldo Bentes Lima Júnior; (2023) ”São Benedito Versus Nossa senhora de Fátima: Conflitos Religiosos no bairro Praça 14 de Janeiro em Manaus-AM”, de Vinícius Alves da Rosa e Rafaela Fonseca da Silva.

É preciso lembrar sobre o processo de Certificação do Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito e a escolha do nome, pois foi a partir da história ancestral da comunidade que foi escolhido o nome pela Fundação Cultural de Palmares. Os trabalhos que foram feitos antes da certificação pela Fundação Cultural de Palmares em 2014 que ajudaram nesse processo e foram catalogados, pela Dra. Luciana Ramos, Jamily Souza da Silva, Keilah da Silva Fonseca, Kely da Silva Fonseca, Rafaela Fonseca da Silva, Francisca das Chagas e que teve a grande contribuição dos mais idosos e suas memórias e oralidades para com o representante legal da Fundação de Palmares Sr. Vilas Boas que através da visita na comunidade ao mesmo tempo que a MPF fazia um trabalho também na comunidade liderada pelo então procurador da República Júlio Araújo.

Todo esse movimento serviu de subsídios para mandarem através da Associação que existiam na Comunidade que era o AMONAM (Movimento Orgulho Negro do Amazonas), partindo para a entrega em mão em Brasília pela Dra. Luciana Ramos. E em 17 de setembro de 2014 foi expedida a Certificação Da Comunidade Negra agora certificada como Comunidade de Barranco se auto definem como remanescentes de Quilombo. O nome escolhido pela comunidade foi em homenagem ao santo padroeiro que é São Benedito e, portanto ficou “Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito”, e a palavra “barranco” por que antes de passarem o trator, separando com as ruas, chamavam a comunidade do barranco, porque foi o que restou depois de construir e pavimentarem a rua Japurá onde localiza-se algumas famílias quilombolas, porém sabemos que não tem dois lados e sim uma grande família que se concentra uma maioria dentro do território e outra parte fora do território, como nos bairros do São José II, Parque 10 de Novembro, Novo Israel, Cidade Nova, Petrópolis, Japiim, Monte das Oliveiras, Santa Inês, Santa Etelvina e Nova Cidade.

E outras fora da Cidade de Manaus em outros estados como Rio de Janeiro, São Paulo que até hoje luta para que seus direitos sejam ouvidos e principalmente concretizados e por mais que saímos do nosso território de origem carregamos conosco nossa identidade de onde pertencemos. A respeito da “origem” da então comunidade, hoje, autodefinida como Quilombo do Barranco de São Benedito na cidade de Manaus, em 2022, curiosamente – por meio de pesquisa junto aos Cartórios entre idas e vindas para saber sobre os registros dos mais

antigos da comunidade no 1º Ofício de Registro Civil/Manaus¹⁵- deparamo-nos com um fato novo; algo importante para o processo de construção desta pesquisa.

Trata-se de fonte cartorial inédita sobre a história de vida da fundadora desse quilombo. Explica-se: em pesquisa ao referido Cartório não há dados referentes à Sra. “Maria Severa Nascimento Fonseca”: a “Vó Severa”, ou seja, contrário a isso, os registros fazem referência ao casal Antão do Nascimento Fonseca e Lucia do Nascimento Fonseca, tida como fundadora, portanto, trata-se do “mito de origem” desse quilombo e da linhagem de sua descendência. Fato a respeito do qual se pode afirmar com a devida lealdade investigativa de que aquela pessoa por todos carinhosamente referenciada sob a alcunha de “Vó Severa” é dá-se a entender que seja a matriarca, a Sra. Lucia do Nascimento Fonseca.

A informação apresentada sobre o nome de Lucia do Nascimento Fonseca, é um dado novo que fora obtido por meio de buscas junto aos cartórios em Manaus, pesquisa, esta, realizada pela autora deste trabalho juntamente com o pesquisador e quilombola Vinicius Alves da Rosa – Doutorando do programa de pós-graduação em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo-UMESP. Assim, anteriormente a esta pesquisa no referido Cartório, Vovó Severa era reconhecida como sendo a fundadora da comunidade quilombola e, de maneira mais formal, era referenciada nos trabalhos de pesquisas pelo nome de Maria Severa Nascimento Fonseca.

No decorrer da escrita do trabalho de pesquisa vai-se construindo um verdadeiro enredo tecido pelo tempo e que, endossado pelas narrativas dos quilombolas, o trabalho de investigação ganha tessitura ao enveredar pelos caminhos das “descobertas documentais”. Assim, a narrativa dos agentes sociais articulada à pesquisa arquivística, ambas permitem consubstanciar o teor das análises e interpretações, possibilitando uma verdadeira “arqueologia da memória” sobre a especificidade histórica do Quilombo Urbano de São Benedito.

Ao falarmos sobre o quilombo na cidade de Manaus, a história data-se a partir de 1890 a chegada das famílias nos territórios cujos quilombolas, hoje, fazem parte da 6ª geração dos descendentes de Maria Severa ou Vó Severa, fundadora desse lugar social e histórico e por todos identificados como o de origem do “Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito”, assim autodefinido, contemporaneamente.

Saliento aqui minha indignação aos que tentam sabotar a luta constante dos quilombolas do barranco de São Benedito tentando se beneficiar como se fosse eles os autores

¹⁵ Certidão extraída do Registro Especial, Títulos e Documentos do Livro B número quarenta e três (B Nº 43), Manaus, 19 de agosto de 1963.

que tivessem ligação direta para que viesse o certificado da Fundação de Palmares para o quilombo urbano de São Benedito, pessoas que vivem da luta social de negritude e se acham no direito de se apropriar da história do Quilombo passando por cima da luta de muitas pessoas para usarem isso em benefício próprio, a mesma coisa é tentarem dizer que são quilombolas sem ser ou terem ligação direta com os que vieram antes aqui para o estado do Amazonas e ligados a nossa ancestralidade (Vó Severa, Vó Altina) e seus filhos Antão Nascimento Fonseca, Raimundo Nascimento Fonseca e Manoel Nascimento Fonseca.

Eu entrei para os movimentos sociais definitivamente quando ajudei a fundar a Associação das Crioulas do Quilombo Urbano do barranco de São Benedito em 2014 que o ano que vem fará dez anos de existência, mas acho que desde sempre estive nos movimentos sociais, escutando as pautas e reivindicações que os mais idosos faziam para a melhoria na minha família e no que sempre movimentou o lugar que moro e que trouxe a tradição do bumbá meu boi, gastronomia, o boi “Caprichoso”, pastorinhas, fundou a primeira escola de samba chamada escola “MIXTA” com a letra “x” toda uma cultura trazida do Maranhão para o estado do Amazonas, talvez os primeiros negros maranhenses da minha família já fossem libertos, também ajudo na coordenação dos festejos desde a morte da minha tia Lourdinha mesmo sem saber que um dia estaria junto com minhas primas (os) a frente dos festejos de São Benedito e que estou há vinte anos. Sempre contando com a ajuda dos mais velhos e escutando suas narrativas e memórias, essa que vamos levando adiante o que nos foi repassado para que a futura geração dê segmento a nossa luta e nos festejos do Santo.

O Santo vive a Cento e trinta e quatro anos na comunidade, da casa onde começaram suas novenas, já mudou três vezes e hoje encontra-se na casa que era da sucessora da tia Lourdinha que foi Jacimar Souza da Silva que morreu em 2009, lembrando que ele não tem sequer uma capela e quem tem é uma santa branca que tem menos tempo que ele no bairro da praça 14 e que só entrou na igreja a partir da década de 80 com a nova gestão da igreja, porém, em seus festejos continuam a pedir permissão todos os anos para adentrar a igreja e nesse ano em seus festejos foi outro ano de luta burocrática para que ele entrasse na igreja. “esses fatos podem ser extensivos à história de São Benedito, adotado pela comunidade da Praça 14 de Janeiro, há mais de cem anos [...] provavelmente por preconceito, o Santo Negro ali reconhecido como protetor dos quilombolas”. (Rosa; Silva, 2023, p.77).

No filme Terra, samba e Santo de Cristiane Garcia e Paulo Freire foram relatados a história de quem começou os festejos e no relato do meu tio Heitor ele fala que os festejos começam com Felipe que trouxe a Vó Severa com os filhos para ajudarem na mão de obra dentro da cidade de Manaus. Sabe-se que Felipe era um homem que deveria ser letrado e com

a ajuda do então governador da época trouxe vários maranhenses para se instalarem em Manaus, exclusivamente no bairro da praça 14 onde está situado o quilombo.

Lembramos do primeiro estudo etnográfico feito por Mario Ypiranga Monteiro em seu livro *Cultos de Santos & Festas Profano- religiosas* (1983) e o artigo de Jamilly Souza da Silva – *A festa de São Benedito do bairro da Praça 14 em Manaus*, que complemento com um olhar da narrativa de quem vive os festejos de São Benedito. Segundo minha tia Nazaré de 90 anos completados esse ano em Agosto de 2023, ela relata sempre em suas falas que São Benedito era do Felipe e que veio com ele e sua esposa Maroca, mudando todo o contexto narrado anteriormente sobre a chegada da imagem do santo e na fala também por ela em uma roda de conversa, no dia 15 de novembro de 2016, que foi intitulado 1ª Roda de conversa “Eles contam história: Memória fortalecimento e preservação cultural do quilombo Urbano de São Benedito, onde ela ressaltou que o santo era de Felipe o então amigo do governador do estado do Amazonas Eduardo Ribeiro o mesmo que doou as terras em um lote para Felipe que depois deu para seus filhos de criação, que eram os três filhos de Severa na qual tinha forte ligação de afeto com ele por ter trazido ela com os filhos para o Amazonas, porém no relato das mais idosas Severa tinha ligação religiosa de matrizes africana juntamente com a esposa de Felipe.

Minha luta política foi feita desde que eu nasci, pois ainda estou lutando para sobreviver até hoje, mas lembro muito de uma das pessoas da nossa família que contribuiu com essa abertura lá trás para que hoje também estivéssemos aqui que foi meu primo/tio Nestor Soeiro do Nascimento, um homem negro, quilombola, Advogado e Jornalista que muito contribuiu com os movimentos Sociais, o único negro que foi convidado pelo presidente dos Estados Unidos na época Bill Clinton a conhecer a Casa Branca, pelos trabalhos desenvolvidos no Estado do Amazonas. Sua luta lhe rendeu sofrimento muita tortura na época da Ditadura militar, sofreu perseguições. Meu primo/tio Nestor Soeiro do Nascimento e que tenho muito viva na lembrança, a época em que ele vinha ver a nossa família e que fazia questão de falar com todos, perguntava por cada um, as crianças ele abraçava e logo nos questionava se estávamos estudando.

Lembro muito bem dele, um homem negro, magro, alto de fala calma, observador, de muita altivez e que sempre trazia os amigos da capoeira e dança com ele, sempre rodeado de intelectuais. As festas no mês dos Festejos de São Benedito que ele trazia os amigos e se reuniam no fundo do nosso quintal aqui no quilombo e depois de um tempo as festas eram feitas no antigo Jaqueirão, local onde ele ajudou a fundar que foi uma Associação na Avenida Visconde de Porto Alegre esquina com a praça 14 de Janeiro e hoje é a loja Pemaza, aqui na

praça 14. Nessa época se comemorava muitas coisas no lugar, ele trazia danças, afros e capoeira junto com os amigos dele mestre Luiz Carlos de Matos Bonates era um deles.

Para os da minha família Nestor era chamado “Nestorzinho”, pois era o nome do nosso tio o pai dele, lembro que ele foi o primeiro homem da minha família a ter uma graduação, e sempre foi motivo de orgulho para a nossa família, ele era Bisneto de Severa Nascimento por parte de pai e neto de Paula Fonseca. Seu pai chamava-se Nestor Nascimento Fonseca e sua mãe Sofia Soeiro do Nascimento que foi a primeira professora Negra do bairro da Praça 14 e alfabetizou muitas crianças na escola que tinha dentro do território quilombola que se chamava Teonila Pessoa.

Ao longo do texto apareceram falas de pessoas da minha família com a entrevista do meu tio Mizael, que serviu de narrativa oral para o boletim do Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito pela Cartografia Social da Amazônia- coordenada pelo professor Alfredo Wagner Berno de Almeida, em que a autora está como pesquisadora juntamente com outros pesquisadores; Celso Pedrosa, Alvatir Carolino, Jailes Pimentel, Vinicius Alves, Socorro Batalha, Murana Arenillas e Karollen Silva e os integrantes do Quilombo Urbano do barranco de São Benedito.

Meu nome é Mizael Rodrigues Fonseca, quilombola, tenho 74 anos, filho de Miguel Nascimento Fonseca e Maria Rodrigues Fonseca, nasci e me criei nessa parte do quilombo, do Quilombo São Benedito, ou **Barranco como queira chamar, a minha primeira escola foi o grupo escolar Teonila Pessoa, cuja a** diretoria era a dona Sofia Soeiro do Nascimento, minha tia, mãe do saudoso Nestor Nascimento, Nestor José Nascimento e a nossa tia Josefa era a zeladora e atualmente, agora é a sede onde é a sede dos escoteiros. Eram duas casas, com abertura da rua Visconde de Porto Alegre, ficou só uma, também foi a sede do clube Romerino, depois que foi construído o Luzia Nascimento nós passamos para lá, eu não conheci meus avós, nem paterno e nem materno, conheci minha bisavô que se chamava Altina, morreu com mais de cem anos (Registro novo boletim do Quilombo Urbano de São Benedito-Fonte-Cartografia Social da Amazônia- 2023-UEA).

Sobre a escola que era um símbolo importante e que estudaram muitos da minha família e aos que vinham se alojando no bairro da Praça 14 e que hoje é através de uma doação feita para os escoteiros se encontra fechada sem nenhum trabalho desenvolvido. Aconteceu somente algum trabalho quando a gestão de 2019 do então Sr. Cleudson Oliveira apoiou Associação das Crioulas em seus inúmeros calendários anuais de trabalho na comunidade, fora isso não aconteceu mais nada depois que acabou a gestão dele. Hoje as escolas do entorno, Escola estadual Luizinha Nascimento, Plácido Serrano, Primeiro de Maio, Santa Luzia e Farias Brito entre outras escolas, porém as mais próximas a nós nem sabiam que existiam quilombolas e olha que já existe a certificação desde 2014, mas sabemos que esse

trabalho só é feito por alguns professores e que tem a disciplina distinta para isso, que são as disciplinas de História e Sociologia.

Nestor Nascimento era um intelectual negro e que teve uma contribuição inegável por onde passava, para uma das amigas dele (Alves, 2021, p. 75) onde ela retrata o histórico de Nestor e suas lutas, comenta que ele sempre gostava de falar em seus discursos, “A Luta da memória contra o esquecimento”, que não era da autoria dele, mas uma adaptação do escritor Milan Kundera que representava para ele da resistência deste homem negro e que foi um grande líder. Nestor foi torturado na ditadura e com um soco desferido por um coronel fez com que ele perdesse toda a dentição superior e foi a primeira coisa que eu ainda criança perguntei ao vê-lo assim sem a dentição e minha mãe falou sobre ele não colocar as dentições, pois não queria apagar da memória o que aconteceu com ele e isso servisse como mola de resistência para ele.

Nestor fez várias coisas, dentre elas foi professor, foi um dos fundadores do Centro acadêmico do curso de direito, foi segurança do ministro Lira Tavares quando morou no Rio de Janeiro (Alves, 2021, p. 77). O Movimento Alma Negra (MOAN), fundado em 1979 por Nestor Nascimento, um militante do movimento negro e dos direitos humanos, pioneiro do Movimento Social de Igualdade Racial no Amazonas, com outros (as) universitários (as) da antiga Universidade do Amazonas-UA. De acordo com a pesquisa do sociólogo Evandro Santiago, no trabalho intitulado Movimento Alma Negra, apresentado na Disciplina Sociologia do Planejamento no Curso de Ciências da então Universidade do Amazonas.

Nestor Nascimento fundou o MOAN, voltado a causa da negritude no estado do Amazonas. As atuações do MOAN eram articuladas para divulgar a cultura dos negros, reivindicar direitos sociais, realizar atos públicos de pedidos de eleições diretas, discutir temas diversos como a fome, a miséria, o analfabetismo na sociedade amazonense, e combater às práticas de discriminação racial. Entrevistadora- Para você quem foi Nestor Nascimento?

Víncius Rosa - O Sr. Nestor José Soeiro do Nascimento, bisneto da fundadora do quilombo, foi um agente orgânico e intelectual com formação universitária no curso de Direito, e Jornalismo, realizou um trabalho de militância na defesa dos direitos civis, no combate as práticas do racismo, do preconceito, e da discriminação. Filho do senhor Nestor do Nascimento e da professora Sophia Soeiro Nascimento, durante os anos em que morou no Rio de Janeiro, cidade na qual foi torturado fisicamente no período da ditadura militar, lá lhe quebraram os dentes, fato que Nestor Nascimento fez questão de manter ao longo de sua vida, porque afirmava: “ser o testemunho da memória contra o esquecimento” (Pesquisador/professor e doutorando - Entrevista em 24 de novembro de 2023).

O movimento debatia, e divulgava a prática da capoeira com grupos e academias do segmento na cidade, interagia para solidificar a valorização da religião dos povos tradicionais

de terreiros, e proporcionar aos seus sacerdotes, oportunidades de intercâmbio. Além disso, o MOAN também participava da comemoração da Festa de São Benedito realizada na Praça 14.

Entrevistadora - Quando você conheceu o Nestor Soeiro do Nascimento?

Entrevistado - Conheci o Nestor, mais ou menos quando eu tinha quinze para dezesseis anos, na academia Zumbi dos palmares, ele tinha um curso Dinâmico em cima, e ele foi convidado pra uma atividade de capoeira, ele falou sobre negritude sobre movimento negro, é sobre a questão da negritude em si, e falou sobre capoeira e nós fomos conversar e eu dei alguns dados para ele sobre capoeira e dali começou uma amizade, e Nestor foi uma das pessoas que mais contribuíram para a minha formação política e humana também é daí nós passamos a fazer muitas atividades juntas é praticamente ele me coloca lá no Movimento Alma Negra (Mestre KK Bonates- 24 de Dezembro de 2023).

E nessas festas víamos muito nas falas do Nestor sobre avançar a negritude e que os outros segmentos sociais teriam que estar juntos, pois não daria para chegar a lugar nenhum, pois a luta também era de classes e que nessa luta que sempre vencida era o que tinham nascido em famílias com bens e o proletariado teria que continuar trabalhando. Para Silva (2020. p. 46), a atividade exercida pelo ativista “foi significativa para a organização dos movimentos negros do Amazonas, pois, através do grupo Alma Negra, iniciou-se uma valorização das manifestações culturais e religiosas das populações negras, que acabaram originando outros movimentos.

Antes do seu falecimento em 2003, muito debilitado por causa de um AVC, ele ainda conversou com alguns de meus familiares que, depois da morte de Nestor, surgiu a Associação Orgulho negro do Estado do Amazonas (AMONAM). Em entrevista realizada com alguns amigos de Nestor e pesquisadores, muito se falou sobre ele ser uma liderança.

Entrevistadora - Você conheceu e conviveu com Nestor Nascimento?

Entrevistado - Sim, conheci Nestor Nascimento, eu cheguei em Manaus em mil novecentos e noventa e dois, e pouco tempo depois eu o conheci numa atividade da universidade não me lembro mais acho que foi em uma atividade de educação, não estou certo. E aí me foi apresentado eu não me lembro ao certo quem me apresentou. Ah, talvez o professor, Lino. Foi alguém da comunidade universitário, talvez a Nazaré a Marilene Corrêa, não estou certo. Mas eu lembro que ali o conheci e passamos a nos encontrar, com pouca frequência nos eventos de negritude, nas reuniões de negritude e tal, eu não fui um amigo do Nestor, não convivi com Nestor. As referências que eu tenho do Nestor é por conta da centralidade do papel dela na construção de uma identidade negra no Amazonas em especial em Manaus e o papel central que ele desempenhou numa discussão na defesa da negritude num momento em que pouco se fazia é então naturalmente a minha chegada no Amazonas me fez aproximar politicamente do Nestor por uma razão óbvia, eu sou um homem negro, recém chegado no Amazonas onde a historiografia naquele momento falava que não havia presença negra na região e que posteriormente isso foi desmentido. Nestor não fazia um recorte identitarista sempre eram numa perspectiva de classe, um não lembro dele fazer uma discussão teórico metodológica, intelectualizada, acho que esse não era esse o papel, mais ele tinha clareza no papel dele e ele sempre claro que o problema da negritude, o problema do racismo, da discriminação racial e os problemas decorrentes disso tinham recorte de classe e eu acho que isso tem nos faltado nos movimentos sociais identitários (Luiz Antonio-Sociólogo e Professor da Universidade Federal do Amazonas. Data da entrevista 23/11/2023).

Quando falo sobre Nestor, eu penso que ele contribuiu tanto para várias gerações e hoje estou colhendo o que ele plantou lá trás ele foi o pioneiro aqui no Estado na luta do movimento Negro, há tempos atrás eu não entendia toda a educação antirracista que ele já fazia dentro da universidade que ele estudava e nos espaços que ele frequentava.

Entrevistadora - Quando surgiu a ideia de fazer o Prêmio Nestor Nascimento?

Entrevistada - A ideia foi há sete anos né, a gente tinha os trabalhos voltados para o educando pela cultura né, eu percebi que a maioria dos trabalhos sempre eram voltados para a questão das africanidades, dá história e cultura afro brasileira e aí eu resolvi que no mês de novembro, é fiz então a propositura para então diretora que era a Jaqueline Ferreti, de que nós fizéssemos uma premiação para homenagear as pessoas que desenvolvessem trabalhos voltados para a questão da lei 10.639/03 e 11.645/08 né, de início né, houve assim, como que u posso dizer? Porque, infelizmente ninguém conhecia o Nestor, mas como a mamãe trabalhou foi diretora da biblioteca Pública e trabalhou na fundação cultural e minha tia Sonja também eu conheci o Nestor e ele frequentava a minha casa era amigo do meu avô dos meus tios, do meus pais é conhecia já a história do Nestor e conhecia é um pouco da história dele, não conhecia integralmente, mas eu sabia alguma coisa a respeito da militância dele e tudo até porque esses causos eram contados lá em casa. (JACY BRAGA, idealizadora da Premiação Nestor Nascimento- Data 29/12/2023).

Tempos depois de sua morte ele recebeu o nome de uma premiação projetada pela Jacy Braga com intuito de visibilizar esse homem negro notável que por muitos anos tem a memória apagada, pois esse projeto teria sete anos de existência, mas a pandemia fez com não tivesse a premiação. Segundo Jacy Braga, a idealizadora do projeto, Nestor frequentava a casa dela quando ela era pequena e os pais dela eram amigos dele e da tia dela. Portanto sabiam do trabalho dele e das lutas que também são lutas que Jacy Braga apoia, pois sempre está ajudando de alguma forma a sociedade civil e os movimentos sociais.

Entrevistadora - Como surgiram as categorias do prêmio Nestor Nascimento? A Assembleia Legislativa já o conhecia?

Entrevistada - Então assim eu fiz o primeiro prêmio é na verdade era para nós estarmos no sétimo ano de premiação estamos no quinto, porque dois anos não houveram por causa da pandemia a gente teve um hiato mais assim, sempre foi muito gratificante fazer, os primeiros anos a premiação eram custeadas por mim mesmo, né. Somente esse ano na gestão do Roberto Cidade é que a gente, a casa legislativa acampou depois também que virou lei, que a professora Terezinha pediu para fazer, regulamentar e dói regulamentado o ano passo foi regulamentado e foi os primeiros anos que a gente teve apoio da casa integralmente inclusive custeando a premiação e tudo. A partir daí houve uma maior integração em relação ao nome dele, porque as pessoas passaram a conhecê-lo né, lá na casa, todo mundo da casa passou a conhecê-lo e saber mais um pouco da história dele e o prêmio cresceu. (JACY BRAGA, idealizadora da Premiação Nestor Nascimento- Data 29/12/2023).

Um episódio muito chato aconteceu em vinte e três do mês de julho de Dois mil e vinte e um, o prefeito de Manaus, sancionou um projeto de autoria do vereador Davi Reis que na época era presidente da Câmara Municipal de Manaus (CMM), propôs mudar o nome da Praça Nestor Nascimento para o nome de Oscarino Peteleco, só que a praça já tinha o nome

do ativista. Quando uma das primas de Nestor, a própria autora, viu circulando nas redes sociais essa mudança de nome se questionou por todos os mais antigos e os que frequentavam a praça sabiam que já tinha nome.

Então ela entrou em contato com a Jacy Braga que fez um grupo e foram adicionando os movimentos sociais, professores, pesquisadores, amigos, familiares e conhecidos do líder ativista. Marcamos de nós encontrarmos na praça para o ato contra a troca de nome, eu fiz um vídeo chamando a sociedade civil e movimentos sociais e de negritude para estarem conosco e para a minha surpresa muitas pessoas foram o nome que foi dado foi “SARAU DA RESISTÊNCIA”, e lá reivindicamos que não retirassem o nome do Nestor visto que já existia e que David Reis nem ao menos se deu ao trabalho de ver se tinha ou não, algum nome na praça e não se deu conta que já tinha uma praça com o nome de Oscarino Peteleco.

Enfatizo aqui a minha indignação contra algumas que quiseram se apropriar do momento para dizerem que o ato só estava acontecendo porque ele tinha articulado, e isso se vê muito, pessoas se apropriando do momento e da causa para ganhar notoriedade, querendo ganhar em cima da luta do coletivo. Foi mandada uma carta para o prefeito Davi Almeida lesse o manifesto e lá continha o nome de todos que dos movimentos e sociedade civil que estavam contra a troca do nome da praça. Também quero deixar negro, que se não fosse a ajuda do coletivo e a união do todo não teríamos conseguido reverter essa situação constrangedora e que estavam tentando silenciar novamente a voz de alguém que lutou contra as opressões e agora estavam apagando novamente a sua narrativa.

A importância de sermos políticos, nosso corpo é político, nossa fala é política e não adianta nos esquivarmos em não falar de política. Eu não imaginava, sendo uma das que fundariam uma associação de mulheres negras, depois que me aceitei como uma mulher negra, foi para além da minha identificação étnica, foi recordar de todo trabalho feito pelas mulheres e homens da minha família, que fizeram um trabalho lá trás, sofrendo e resistindo para a minha geração está aqui, toda essa passagem foi um ato político de resistência, me tornei uma das que luta por causas sociais e de negritude. Minha vida deu uma virada enorme, tive o apoio de todas as minhas primas, principalmente da minha prima Jennifer Souza da Silva (*in memoriam*), que foi a precursora da Associação das Crioulas e a união de cada uma ficou mais que um coletivo, uma irmandade das mulheres Negras.

Foi na Associação das Crioulas e em rodas de conversas a primeira sugestão feita pela minha prima Fabiane Rodrigues Fonseca que idealizou os primeiros temas que abordassem duas vezes ao mês, tendo depois um calendário anual da Associação e um dos temas foi sobre a identidade negra e a história que nos contaram isso em 2014.

A associação das Crioulas do Quilombo Urbano do barranco de São Benedito tem em sua diretoria a composição de oito mulheres agora sete (Keilah Maria da Silva Fonseca, Jamily Souza da Silva, Rafaela Fonseca da Silva, Kely Fonseca da Silva, Susye Barreto e Janaina Souza da Silva) a frente em sua diretoria executiva com partida precoce da minha prima Jennifer e três pessoas que também fazem parte da diretoria de honra que são Junior Chachar, professora Patricia Alves de Melo e Luciana Ramos, as associadas da associação eram em seu total 26 pessoas, sendo vinte quatro mulheres, mais perdemos uma integrante também que foi a Francisca e mais dois homens associados totalizando vinte e cinco associados e no total entre Diretorias e associadas o total são de trinta e cinco pessoas que fazem a diferença e apoiam a Associação em suas lutas sociais e das pautas da negritude. A Associação tem muitas trincheiras de lutas e nós eu digo, pois faço parte da Diretoria.

Após a certificação de Quilombo Urbano, nessa mesma época assumi meu cabelo e não quis mais passar pelo sofrimento dos alisamentos e tive o apoio das minhas primas passando pelo processo de transição, uma das que me disse que se eu assumisse minhas madeixas, assumiria também a dela foi a Jennifer, e ela fez o que havia falado, passou pela transição assumindo a identidade negra. Pois não bastava somente entender a nossa história e não ter a autoestima como um resgate do que eu deixei lá trás e que diziam que precisava alisar porque estava alto, ou que eu prendesse ou então que parecia o Black dos Jackson Five do filme dos irmãos do Michael Jackson e que dali daquela moita de cabelo poderia sair pentes e outras coisas como no desenho. Em uma das rodas de conversa, pude entender que a minha dor não era só minha eram de muitas que tiveram sua infância torturada pelas falas de menosprezo por meu cabelo não ser do jeito que a sociedade gostaria que fosse.

A partir desses estudos e leituras fui me apropriando de intelectuais negros (as), foi nos movimentos sociais de negritude que encontrei meu pares, muitos com seus blacks, muitos com suas tranças, alguns mais retintos e outros não tão retintos e que como eu se viam na luta a mais tempo que eu outros nem tanto e outros indo para conhecer um pouco do que acontece nas rodas de conversas de pretos intelectuais, porque ainda tem pessoas que acham que nós as negras e os negros só conseguimos falar nas datas que eles acham que devem lembrar de nós em seus calendários festivos escolares e que muitos professores só falam nas datas específicas que é 13 de Maio, 10 de Julho e 20 de novembro.

Deparamo-nos cotidianamente com práticas de racismo estrutural na cidade de Manaus cujas marcas são impostas de formas tão profundas que, em muitas vezes, não as percebemos. Desse modo, cabe a nós profissionais da educação estabelecer um compromisso social de realização de ações antirracistas que colaborem para a equidade racial. Nesse

sentido, esta pesquisa enquanto referência se coloca também como ato político e, em última análise, demonstra que o programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico colabora com a luta antirracista e antidiscriminatória, assumindo uma responsabilidade perante a sociedade civil.

Para isso precisamos de um calendário antirracista e não eurocêntrico para trabalhar com nossos alunos desde o maternal referência positiva, um ambiente que retrate a cultura e história de determinadas etnias de modo que construa identidades, saberes e valores para que o aluno se veja retratado nesse ambiente, pois a história da branquitude já vem sendo mostrada há muitos anos. Pessoas brancas se veem em tudo, desde produtos de cabelo, livros didáticos, na moda, na escola, nos professores, nas universidades, coisas que eu me questionava muito e só fui entender através das leituras.

A pessoa que sou hoje se constituiu nas pautas raciais através dos movimentos de Negritude e da Associação das Crioulas que aprendi que minha luta era com os movimentos, não pode ser individual e sim coletivo, e que a partir da minha luta com o coletivo Crioulas do Quilombo e minha trajetória formativa, de mulher negra da Praça 14 de Janeiro que, tive acesso ao ensino superior assumindo minha identidade e militância. Minha vivência na pós-graduação (*Lato e Strictu Senso*) foi outro passo dado para consolidação dessa luta coletiva.

Também caminho dentro do quilombo além de professora sou produtora Cultural e venho trabalhando desde 2020 com o Edital da Aldir Blanc onde trabalhei o corredor Cultural do Quilombo Urbano de São Benedito que foram várias oficinas que foram trabalhadas aqui no espaço que desenvolve ações culturais diversas como, gastronomia, oficinas, pagodes aos sábados e recebem estudantes e universitários que vem para desenvolverem suas pesquisas de campo.

No ano de 2022, fui contemplada junto com minha amiga Karollen Silva em um edital da Manaus faz Cultura do Amazonas, e em 2023 fomos novamente agraciadas no edital da Manaus faz Cultura. Em Março de 2023 recebi homenagem no Ministério Público do Amazonas na segunda edição do prêmio nacional igualdade e em Junho estive no Bumbódromo de Parintins, representando o Quilombo Urbano de São Benedito juntamente com meus primos Rômulo Vieira, Jamily Spuza e Kely Fonseca, onde nossa história ancestral foi contada, o mês de agosto de 2023, o Quilombo foi consagrado como Ponto de Memória pelo Instituto Brasileiro dos Museus (IBRAM) e compreendemos que sobre importância local e representatividade e relevância do quilombo Urbano de São Benedito.

No dia 11/01/2024 assumo uma cadeira conjunta na cadeira de Mulheres negras no Conselho de Promoção da Igualdade Racial-CEPIR/AM uma vitória que surge por causa das

lutas sociais e como digo sempre nada é meu, tudo vem com o coletivo na qual tem várias mão que se unem em prol da luta dos movimentos de negritude e isso nos remete a fala de Akotirene (2019) sobre a interseccionalidade. É a autoridade intelectual de todas as mulheres que um dia foram silenciadas, ou seja, mulheres negras que a partir do tráfico transatlântico tiveram suas falas negadas, pois a branquitude utilizou o discurso como poderoso mecanismo de dominação.

Na maior parte da minha infância, adolescência e juventude eu ainda não tinha consciência de quem eu era. A partir do momento que contra colonizei entendo a minha ancestralidade muitas portas foram sendo abertas e as chaves por mim giradas agora tem horizonte.

CAPÍTULO 4 – PRODUTO EDUCACIONAL SANKOFA NO QUILOMBO DE SÃO BENEDITO: CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NEGROS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

O curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico, seguindo determinações do documento da área de ensino da CAPES para mestrados profissionais, exige a elaboração de um produto educacional que pode assumir diversas formas tais como: mídias educacionais; protótipos educacionais e materiais para atividades experimentais; propostas de ensino; material textual; materiais interativos; atividades de extensão. Este produto deve ser capaz de solucionar um problema identificado. De acordo com Mendonça *et al.* (2022), é fundamental a compreensão de quem é o público-alvo do produto e seu contexto, isto é, aqueles que lhes farão o uso e que o replicarão. Sendo assim, o produto educacional que elaborei tem o título: **Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista.**

Antes de chegar na sua forma final, foram pensados vários caminhos e opções para se trabalhar como professores negros. Foi necessário ampliar o diálogo com o público-alvo para entender melhor como trabalhar a problemática da pesquisa que estava ligada ao fato ver professores negros que moram no quilombo não entenderem a sua própria história ancestral e não se identificarem como negros, apesar de todo o processo para terem o reconhecimento como quilombolas.

Para tramitação no Comitê de Ética, fui falar com uma das lideranças do Quilombo Urbano de São Benedito, que me autorizou fazer a pesquisa. Diante da reunião prévia, resolvemos fazer um formulário que contemplasse algumas perguntas que ajudassem a melhor

desenvolver as oficinas. Os convites foram direcionados através de conversa via aplicativo WhatsApp em que especificava sobre a formação através da lista que os professores nos passaram com os números de contatos. Após a aprovação do protocolo de pesquisa 6.059.920 do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (CEPSH-IFAM), buscamos identificar e escutar os participantes.

Foi encaminhado um formulário através do *Google Forms*¹⁶ com um roteiro de perguntas. Também foi enviado um questionário a ser entregue no último dia da oficina para que os professores respondessem. No total foram 32 convites, dos quais houve 28 respostas confirmando presença – mas, alguns que responderam aceitando a participação não puderam comparecer. Optamos por excluir as avaliações daqueles que não tiveram participação integral. Assim, consideramos as respostas de 13 professores.

O perfil de convidados para participar desse curso de formação inicial para uma educação antirracista configura-se por professores negros (moradores do Quilombo de São Benedito ou não) que demonstrassem interesse pela temática do curso. Neste sentido, professores negros do Quilombo de São Benedito sentiram-se à vontade para convidar outros professores negros não quilombolas.

O interesse destes em participar do curso centralizava-se na busca pelo entendimento de sua própria história ancestral, identificando local de pertencimento e não pertencimento negro. Assim, o universo de participantes foi composto inicialmente por um total de 28 professores inscritos, dos quais o total de 13 participaram efetivamente e obtiveram o mínimo de 75% de frequência no curso. Foram 07 professores quilombolas e 04 professores não quilombolas, cujos pertencimentos institucionais são SEMED e SEDUC de Manaus e mais 02 professores não quilombolas sem contrato de trabalho. O perfil acadêmico deles era de Graduados em Licenciatura e Graduandos em licenciatura.

Resolvi elaborar um produto que contemplasse a fala desse professor e o ajudasse a trabalhar com outros professores a partir da lei 10.639/03¹⁷ está que alterou a Lei nº 9394 – lei das diretrizes e bases da educação Nacional (LDBN), de 20 de dezembro de 1996, para incluir

¹⁶ Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSelYaaCVAsTrwZK8uboca24jUmgeOjyVu1BtCT135XxhZdPvw/viewform?usp=sharing>

¹⁷ BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2023. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e das providências. Brasília, DF. Disponível em [HTTP://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)> Acesso em: jan.2024.

no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “história e Cultura Afro-Brasileira” e que completou vinte anos em 2023. Essa legislação determinou:

Art. 26- A Nos estabelecimentos de Ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro- Brasileira.
 1º O Conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil.
 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas da Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

4.1 Como elaborei o produto educacional

Partindo desse princípio, passei a planejar como chegar nesses professores. Um mês antes da oficina acontecer tive uma conversa com alguns professores do Quilombo para entender qual era o entendimento deles a respeito da questão antirracista, já que trabalhavam em espaços formais (escolas públicas) e espaços informais (na própria comunidade de São Benedito).

Retomei os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)¹⁸ (Brasil, 1998, 2000), que sugerem a realização de atividades de campo ou estudo do meio como alternativa para colocar em prática a observação e o problema, além de desenvolver outras habilidades, tais como coletar, registrar e analisar dados. Em outras palavras, o currículo escolar não precisa ser proposto e realizado apenas dentro do ambiente escolar formal, podendo ser pensado e elaborado para fora do âmbito da sala de aula, com intuito de abranger locais onde os alunos possam ter uma reflexão mais ampla do conhecimento de ensino contribuindo assim, para uma aprendizagem mais significativa. Queiroz *et al.* (2011, p. 7), destaca que todo e qualquer espaço pode ser utilizado para uma prática educativa de grande significação para professores e estudantes. Contudo, antes da prática é necessário construir um planejamento criterioso para atender ambos os objetivos – professores e estudantes.

O quilombo urbano tem sua estrutura cultural e pedagógica organizada em torno da historicidade do território. Neste contexto, o quilombo denominado São Benedito tem relação intrínseca com a figura religiosa e social do Santo negro, cujos festejos orientam a

¹⁸ Os PCN têm "a intenção de provocar debates a respeito da função da escola e reflexões sobre o que, quando, como e para que ensinar e aprender, que envolvam não apenas as escolas, mas pais, governo e sociedade" (BRASIL, 1998, p. 9). Além disso, os autores afirmam que os PCN "apontam também para a importância de discutir, na escola e na sala de aula, questões da sociedade brasileira, como as ligadas à Ética, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho e Consumo ou a outros temas que se mostrem relevantes" (BRASIL, 1998, p. 9).

organização de tempo e celebrações locais do quilombo. Desde as primeiras famílias negras que chegaram a Praça 14 em Manaus, o Santo negro já estava inserido em suas práticas religiosas e sociais, ainda assim toda a cultura que veio dos povos negros para a territorialidade do Quilombo de São Benedito ainda é invisibilizada e necessita ser conhecida e reconhecida por professores e estudantes do entorno da comunidade, pois a educação antirracista se faz com conhecimento e rupturas de preconceitos.

Estabeleci um cronograma de oficinas através das rodas de conversa que pudéssemos mostrar a história que não foi mostrada para eles na escola e em outros espaços do cotidiano deles, com títulos sugestivos a história da ancestralidade africana e a importância de que os professores mostrassem seu entendimento sobre a temática racial¹⁹. Em algumas respostas que foram repassadas percebi a necessidade que eles tinham de entender porque não se sentiam representados, tentando fazer que eles compreendessem esse tema a partir do contexto histórico de suas ancestralidades negras, através do letramento racial e das narrativas autobiográficas. A ideia era que através dessa formação, os professores negros vissem que trazer suas histórias de vida para dentro de sala de aula é importante para a educação.

Para tanto fui explicando o que é uma educação antirracista. Pinheiro (2023, p. 148) nos relata que:

É repensarmos nossas práticas pedagógicas a partir da sensibilidade docente para as opressões estruturais, fundamentalmente o racismo, buscando desenvolver um olhar antirracista de natureza prática. A finalidade dele é notarmos para além da face visível do racismo aquilo que segue velado/dissimulado e atuarmos no meio da dimensão pedagógica, construindo os mecanismos de denúncia e reversão desse grande flagelo social.

As narrativas (auto) biográficas e a formação antirracista para os professores e professoras negras, para Souza (2006, p. 26) se constitui como “[...] estratégia adequada e fértil para ampliar a compreensão do mundo escolar e de práticas culturais do cotidiano dos sujeitos em processo de formação”. Portanto o produto educacional dessa pesquisa é um **Caderno de Formação para Formadores** organizando as oficinas com dinâmicas de rodas de conversas que foram chamadas de **Sankofas** e nelas foram distribuídos temas para os dias das oficinas.

Conforme Mélo *et al.* (2007, p. 26-32) “ as rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações , mesmo contraditórias”. O

¹⁹ Por isso a educação das relações étnico-raciais deve ser conduzida, tendo-se como referências os seguintes princípios (Brasil, 2004b, p. 17): “consciência política e histórica da diversidade; fortalecimento de identidades e de direitos; ações de combate ao racismo e a discriminações”.5tr4

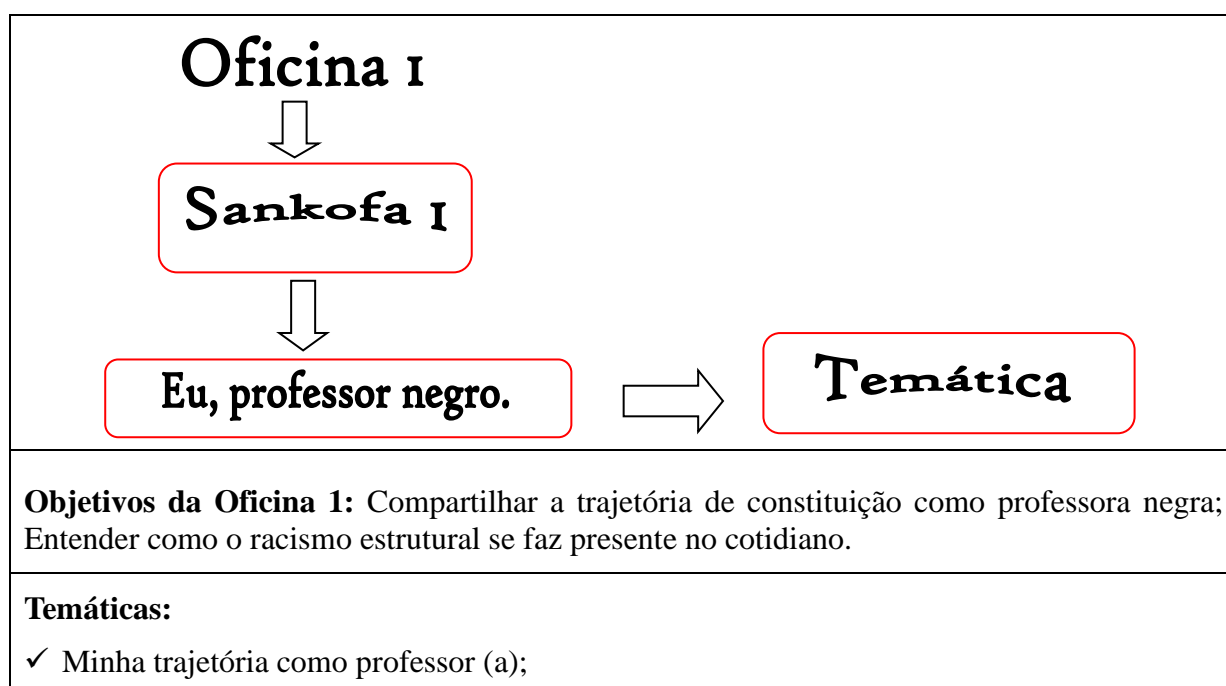
termo Sankofa significa a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor. Sankofa geralmente é representada, na tradição de povos da África Ocidental, por um pássaro mítico ou um coração estilizado. Como cita Werneck (2010) “nossos passos vem de longe”.

Relatarei de que forma montei a Formação, com o passo e o tempo a ser trabalhado, lembrando que o formador pode adaptá-la com textos ou atividades para melhor entendimento dos participantes. Ressalto também que as oficinas são para professores negros, o que não significa dizer que um professor/formador não negro não possa aplicar o produto educacional para outros professores formadores.

O seu objetivo geral é a valorização da ancestralidade e da narrativa (auto) biográfica de professores negros com vistas à relevância do letramento racial para uma educação antirracista. Para tanto, a Formação tem em vista estimular professores negros quilombolas do Quilombo Urbano de São Benedito e professores negros não quilombolas a reconhecimento de práticas pedagógicas protagonizadas pelo movimento negro e antirracista, a partir de narrativas e estratégias educativas dos campos epistemológicos decoloniais. Também pretende auxiliar os professores da educação básica na aplicação de formação para uma educação antirracista, a fim de apoiá-los em suas práticas pedagógicas valorizando a história e cultura africana tendo como referência a lei 10.639/03 e a 11.645/08.

A seguir, apresentamos os esquemas a partir dos quais se desenvolveram as seis oficinas.

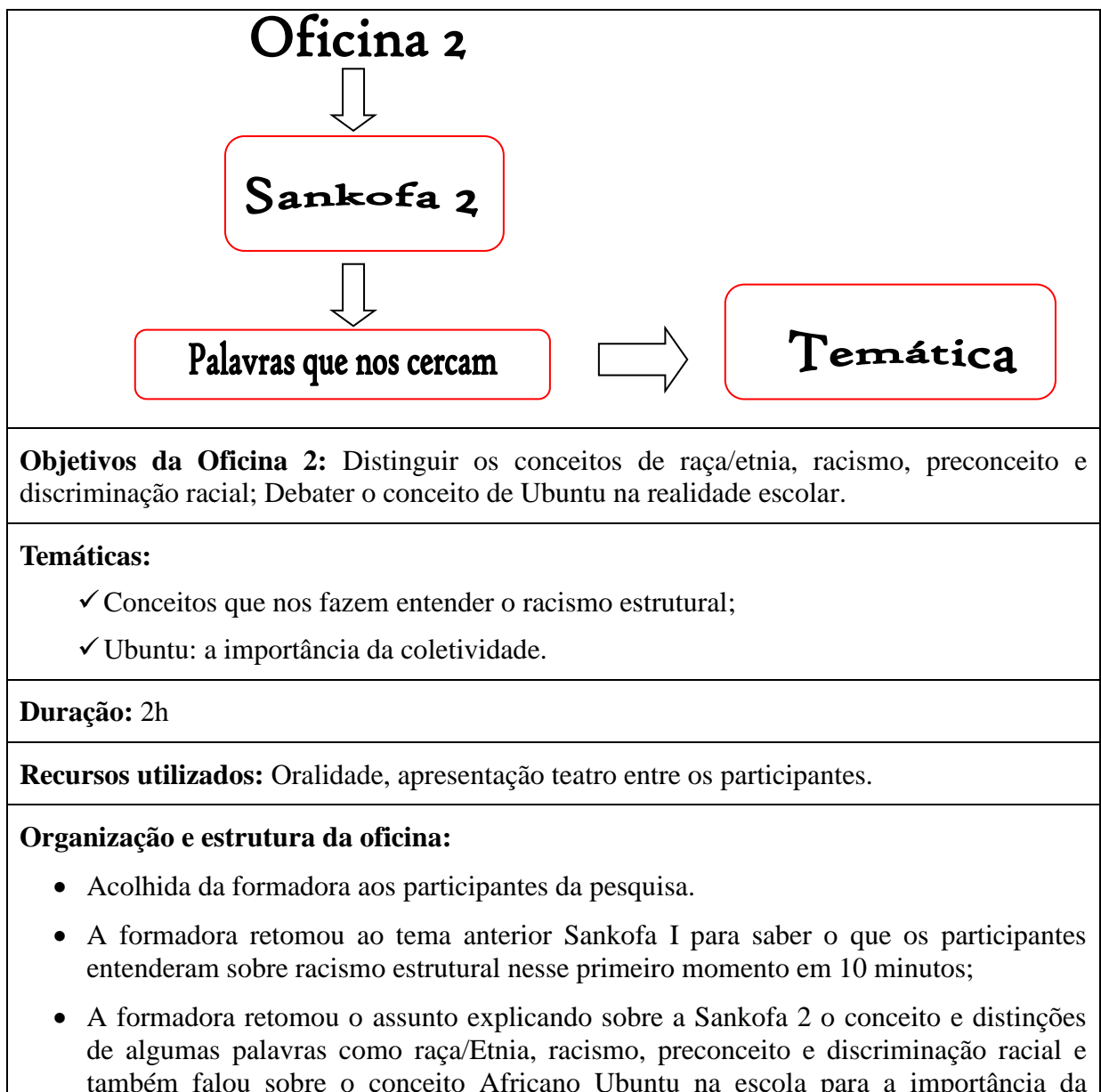
Quadro 3 – Esquema da Oficina I



✓ Os reflexos do racismo estrutural na vida cotidiana.
Participantes: de 13 a 20 pessoas.
Duração: 2h
Pré-requisitos para participação: Professores Negros, Graduados em Licenciaturas ou Alunos negros de graduação em licenciaturas; Quilombolas e não quilombolas do território do Quilombo de São Benedito.
Desenvolvimento da oficina: Na acolhida da formadora aos participantes da pesquisa, a formadora fez uma grande roda para sua apresentação em que ela falou para os demais participantes sobre sua trajetória e constituição como professora pesquisadora e da pesquisa que ela estava desenvolvendo e que a roda de conversa contribuirá para um produto educacional que ajude os professores negros (as).
Recursos utilizados: Notebook, slide, papel almaço, canetas.
<p>Organização e estrutura da oficina:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A formadora se apresentou aos participantes, falando da Sankofa 1- que é a oficina através das rodas de conversas.; • Nos primeiros 10 minutos, a formadora apresentou os objetivos da oficina e explicou todo o plano a ser trabalhado com os participantes; • Passando o tempo da apresentação da formadora, ela passou a palavra para a apresentação dos participantes da roda que tiveram 50 minutos para todos se apresentarem e falarem sobre si e sua trajetória contando que não estipulassem os minutos dados; • A formadora contabilizou os minutos deixados para os participantes dividindo o tempo para cada participante poder falar. • A formadora retomou a fala sobre a importância da roda de conversa para a questão étnico racial e falou sobre o racismo tentando fazer com que os participantes entendessem a realidade e reconheçam questão do racismo para saber se eles sabem o conceito ou se já sofreram com o racismo ou se já presenciaram algo do tipo no decorrer de suas vidas contabilizando o tempo de 10 minutos em sua fala. • Após o passar do tempo, a formadora retoma a fala e dizendo que cada participante lerá a sua carta de modo que compartilhe o que escreveu contando o tempo de 40 minutos para todos poderem ler suas cartas.
Produção Reflexiva: redação de carta relatando experiências com o racismo estrutural na escola, dando aos participantes 10 minutos para redigirem suas cartas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 4 – Esquema da Oficina II



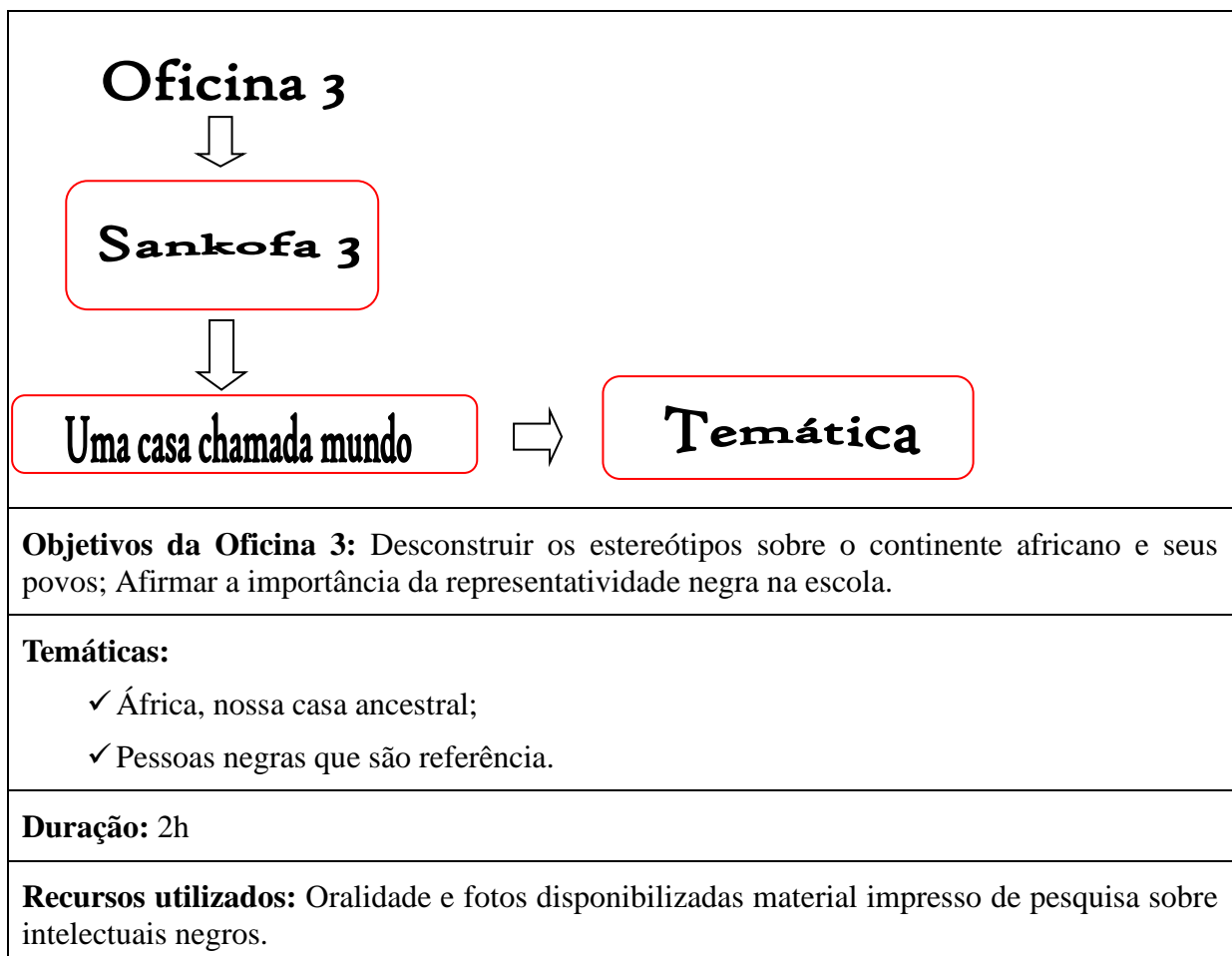
questão antirracista tendo 50 minutos ao todo para aos professores dialogarem em um grande grupo;

- Nesse momento a formadora dará a missão para os professores formarem quatro ou cinco grupos para resolverem qual o tema que falarão que englobe esse conceito que ela comentou e suas apresentações por equipes tendo minutos no geral para se apresentarem tendo 50 minutos;
- A mediadora falou sobre a importância de todos (as) que estão na escola participarem das formações de professores;
- Desde o porteiro, ao merendeiro e a gestão escolar como um todo. Explicando dá importância de todos entenderem a questão antirracista e do racismo estrutural que permeia a sociedade;
- A formadora desenvolveu sua fala em 10 minutos e encerrou agradecendo aos participantes.

Produção Reflexiva: Criação e apresentação de um esquete teatral demonstrando o conceito de Ubuntu na escola.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 5 – Esquema da Oficina III



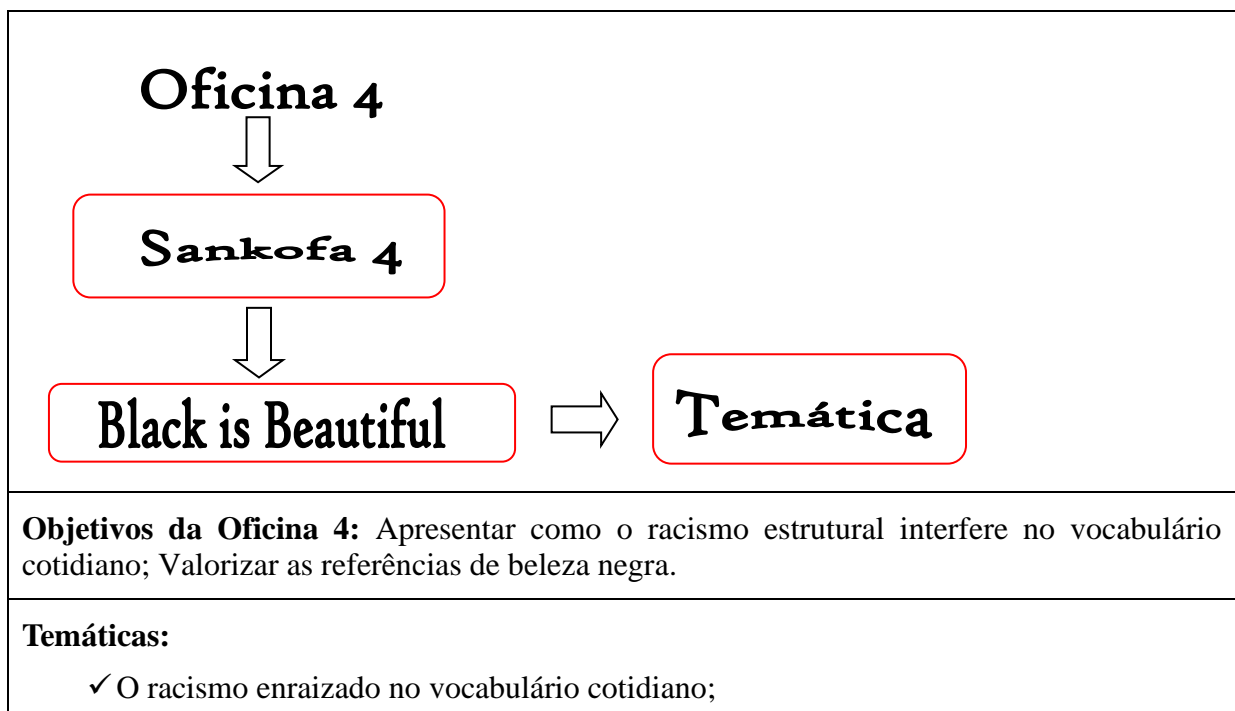
Organização e estrutura da oficina:

- Acolhida da formadora aos participantes da pesquisa;
- A mediadora lembrou aos participantes sobre a Sankofa 2 e em seguida já partiu para a temática da Sankofa 3;
- A formadora explicou para os participantes em se ter outro olhar sobre o continente africano, e não o olhar de miséria como nos é mostrado. Fazendo com que eles reflitam sobre a história da África com a potência que tinham reis e rainhas e não a história que nos contaram e que nunca vimos esse protagonismo na história pois o que nos repassaram foi a de submissão em que só a história europeia é que prevalecia como a melhor. Tempo utilizado de 20 minutos;
- A mediadora deixou a fala aberta para os participantes, caso alguém quisesse se pronunciar a respeito do que foi falado e como eles trabalhariam essa temática em sala de aula. Tempo utilizado de 10 minutos;
- Após a reflexão dos participantes a mediadora retomou a fala questionando os participantes de que maneira eles irão trabalhar a história da África após esse entendimento ela pediu que eles elaborassem algo através de figuras de como ele vê o continente Africano. Tempo utilizado de 50 minutos;
- A mediadora deu algumas figuras de pessoas negras intelectuais e perguntará se elas conhecem ou já ouviram falar. Tempo utilizado de 20 minutos.

Produção Reflexiva: Elaboração de desenhos que reflitam o conhecimento escolar estereotipado sobre a África e os povos africanos. Tempo utilizado 30 minutos.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

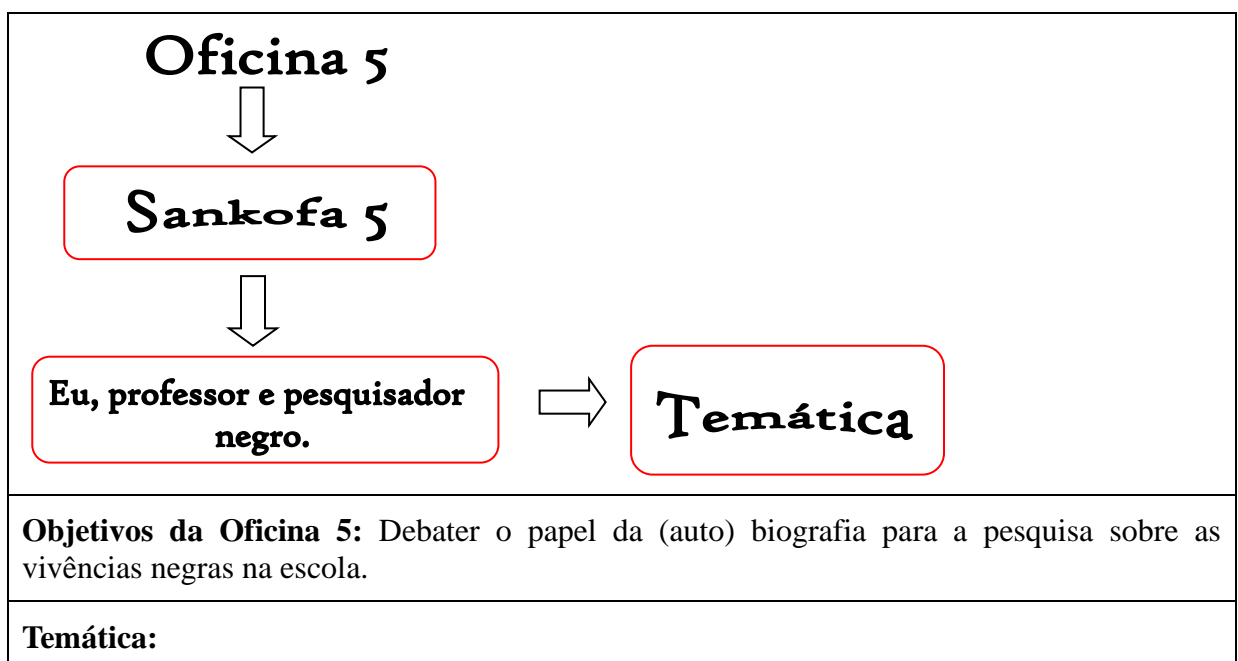
Quadro 6 – Esquema da Oficina IV



✓ A objetificação do corpo negro.
Duração: 2h
Recursos utilizados: Oralidade.
<p>Organização e estrutura da oficina:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acolhida da formadora aos participantes da pesquisa; • A formadora lembrou sobre a Sankofa 3 e depois começou a falar sobre o tema da Sankofa 4, sobre o nosso vocabulário e que ainda falamos algumas palavras racistas e perguntará dos participantes se eles já escutaram falar sobre algumas palavras de cunho racista e que ainda faz parte da fala de muitas pessoas que muitas vezes não sabem seu significado, mas como o racismo é estrutural e está na construção do país precisamos entender o porquê para não repetirmos. Tempo utilizado de 20 minutos; • Após a fala da formadora ela escutou a fala dos participantes. Tempo utilizado de 20 minutos; • Logo após a escuta da fala dos participantes a formadora retomará com a fala sobre o racismo estrutural e a objetificação dos corpos negros que remete a um legado histórico de escravidão no país. “Quando o corpo negro chega ao Brasil ele é trazido como um objeto, a ser coisa de alguém. É desumanizado. As mulheres negras para além do trabalho escravizado, tinham outra questão que era a violência sexual. Tempo utilizado de 20 minutos.
Produção Reflexiva: Realização de uma mostra fotográfica valorizando as referências da beleza negra. Tempo utilizado de 40 minutos.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

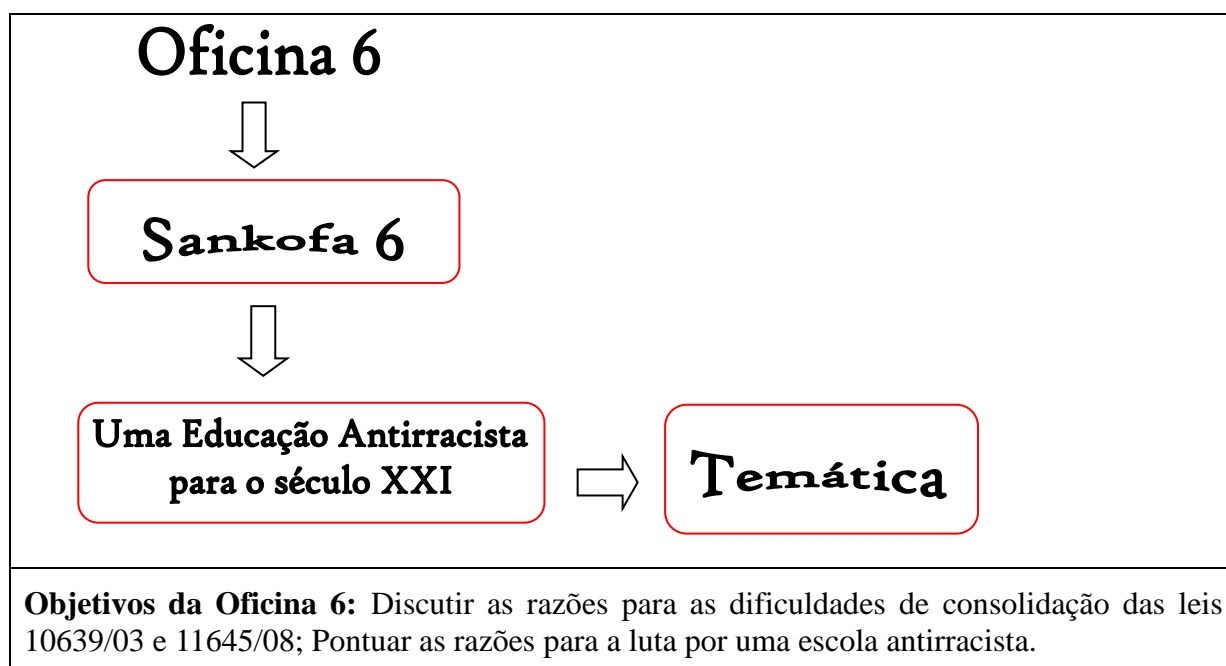
Quadro 7 – Esquema da Oficina V



✓ A (auto) biografia como caminho para o professor negro pesquisador.
Duração: 2h
Recursos utilizados: Textos sobre narrativas autobiográficas.
<p>Organização e estrutura da oficina:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acolhida da formadora aos participantes da pesquisa; • A formadora relembrou a Sankofa 4 para os participantes e depois começou a explicar o tema da Sankofa 5 a importância do professor negro e ser pesquisador e saber que suas vivências e experiências são importante papel para a educação e que tem um ramo de pesquisa que fala sobre memória, narrativas, práticas de formação que evidenciam diferentes modos de trabalho na formação inicial e continuada do professor. Tempo utilizado de 40 minutos; • A formadora disponibilizou texto sobre as narrativas Auto (biográficas) para os participantes. Foi feita uma grande roda de conversa para saber sobre o entendimento dos participantes. Tempo utilizado de 20 minutos; • A Formadora falou sobre falara sobre a urgência de se construir uma educação antirracista a partir das vivências dos professores negros do seu lugar de fala e no espaço escolar. Ainda através da roda de conversa a formadora deixou os participantes livres para falarem. Tempo utilizado de 20 minutos.
Produção Reflexiva: Elaboração de cartazes sobre temas antirracistas que precisam ser pesquisados na escola por professores negros. Tempo utilizado de 40 minutos.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 8 – Esquema da Oficina VI



<p>Temática:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Uma educação antirracista para o século XX; ✓ A urgência em se construir uma escola voltada para uma educação antirracista.
<p>Duração: 2h</p>
<p>Recursos utilizados: Textos sobre narrativas autobiográficas.</p>
<p>Organização e estrutura da oficina:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acolhida da formadora aos participantes da pesquisa; • A formadora falou sobre a importância da participação dos professores participantes na formação. Relembrou a Sankofa 5 e começou a Sankofa 6 falando sobre as leis de diretrizes e bases da educação e a dificuldade que muitos professores negros tem trabalhar esse tema. Tempo utilizado de 20 minutos; • A formadora questionou os professores participantes se eles sabem ou imaginam o porquê de não se falar de datas antirracistas no calendário escolar amazônico e só falarem no calendário festivo e como eles fazem para trabalhar a questão antirracista. A formadora pede que participantes formem um grande grupo para dialogarem a respeito. Tempo utilizado de 40 minutos; • Passando o tempo a formadora falou para os participantes a respeito do Movimento Negro Unificado e ativistas negros, pesquisadores que lutaram pra que as leis 10.639/03 e 11.645/08 fosse estabelecida e que mesmo depois de vinte anos não se vê sendo executada dentro do espaço escolar. A formadora abriu espaço para os participantes dialogarem a respeito. Tempo utilizado de 20 minutos.
<p>Produção Reflexiva: A formadora tomou a palavra depois dos participantes dialogarem e fala que devemos não somente falar da educação antirracista como é feito em datas marcadas pelo calendário escolar e sim lembrar que devemos trabalhar todos os dias do ano. A formadora finaliza a formação agradecendo aos participantes que estiveram todos os dias no horário. Tempo utilizado de 40 minutos.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

4.2 Como o produto educacional foi avaliado

As oficinas assumiram o formato de rodas de conversas em que foram apresentados aos professores os objetivos, temáticas e finalidades do curso através de slides para conhecerem a pesquisadora, seu orientador e o Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico na qual a dissertação e o produto fazem parte. A instituição IFAM-Centro fica há sete quarteirões do local onde foi executada a formação para os professores negros.

A partir das avaliações sobre as oficinas que os professores negros participaram, dividirei algumas de suas reflexões sobre as temáticas aplicadas. Em cada término das rodas de conversas, os professores expressaram suas avaliações. No primeiro dia foi através da

redação de uma carta relatando experiências com o racismo estrutural na escola. Os participantes das oficinas por questão de ética, terão seus nomes preservados.

Os substituiremos por nomes de plantas e de Ervas Medicinais Africanas, posto que Almeida (2011, p. 44) nos mostra que levantamentos etnomédicos realizados, demonstram a forte influência da herança cultural africana na medicina popular do Brasil, principalmente no norte, nordeste e sudeste do país. A manutenção da herança africana em vários âmbitos socioculturais brasileiros é, antes de tudo, uma das inúmeras formas de resistência da população negra.

Quadro 9 – Experiência com o racismo estrutural na escola

Docentes	Descrição das falas
Docente A Aloe Vera	Não se lembra de ter sofrido racismo.
Docente B Babosa	Ela [professora] me humilhou pela cor - Vim pra casa chorando... e minha mãe foi lá comigo na escola, essa professora até já morreu.
Docente C Rosa do Deserto	Eu sofri sim. Principalmente por conta do meu cabelo que chamavam de pixaim, bombril, cabelo duro.
Docente D Lança de São Jorge	Além de Preto, ainda é gordo, porque você não some daqui? Você não merece essa escola. -Uma colega da faculdade falou após um trabalho, algo assim:- Você é um preguiçoso, você faz tudo de qualquer jeito, você é horrível em tudo que faz, eu quero que você vá se ***** , tinha que ser “preto”. - No nono ano, a professora de português falou para mim “Tu nunca serás nada, pelo que caminha, nem concurso passarás, ainda mais sendo [preto]”.
Docente E Violeta Africana	O pai da minha amiga, professor de uma instituição pública, tinha proibido a filha de conviver comigo, alegando que eu era uma “menina que vivia na rua, não fazia nada e parecia que não tinha gosto por estudar”. No meu segundo ano na UFAM, cruzei com nos corredores com o pai da moça, que não passou no vestibular e eu tinha passado. Lembro (e nunca vou esquecer) do olhar de surpresa e perguntou: - “o que você está fazendo aqui?”. Como se lá não fosse um lugar pra mim. E eu respondi: “Eu estudo aqui na UFAM”. E ele abriu a boca, estupefato! Aparentemente “passado” por eu estar na universidade pública.
Docente F Espada de São Jorge	Por eu ser um homem negro e muitas vezes ter que vestir terno por causa do meu trabalho, sou confundido no shopping como segurança e que tenho que saber os caminhos das lojas e banheiros desses lugares e já fui até confundido como um garçom em um restaurante e que ainda vem com a desculpa, que é, por causa da roupa e do terno que confundem.
Docente G Ametista	Não tem lembrança de serem racista com ela.
Docente H Camomila	Fui em uma livraria no Shopping Manauara e fui seguida pelo guarda da loja, olhei livros e mesmo assim, ele ainda foi me questionar se eu iria comprar ou tinha encontrado algo que eu estava procurando.
Docente I Gengibre	É inadmissível o racismo velado que meu irmão sofreu no supermercado V*****a, mas o que esperar de um ambiente com histórico de assassinato cometido por parte dos patrões. E outra, não me venha com conversa de

	equivoco e tenha o mínimo de educação ao abordar os clientes.
Docente J Erva-doce	A professora pediu para tomarmos cuidado porque tinha um homem preto doido lá na frente da escola e poderia nos pegar e quando eu vi o homem era meu pai que era fundidor e saiu rápido do trabalho sem mudar a roupa e foi me pegar.
Docente K Sene	No ensino médio eu era a única menina negra da sala de aula, era uma escola de classe média, em que era aluna na condição de bolsista integral. Ainda não consigo falar tudo sobre isso.
Docente Manjeriçã Azul	Saindo da escola eu e meu amigo, fomos parados pela policia por volta das 16h no bairro que morávamos na compensa nos sentimos constrangidos, com raiva, atônitos, de mal estar por sermos confundidos por marginais.
Docente M Figueira Africana	Certa vez fui falar na universidade sobre as bonecas abayomis com a autorização da presidente da associação de uma comunidade que tem em seu artesanato essa boneca. E na universidade e não teve boa recepção, pois eu também estava com os acessórios vendidos também pela associação que faziam menção a cultura negra, como turbantes e fui questionada o porquê trabalhar esse assunto? E perguntou, você é da macumba?

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Destaca-se que apesar da **docente A Aloe Vera** não se lembra de ter sofrido racismo. Para Silva (2017, p. 71-89), “O racismo ronda a sua existência na condição de um fantasma desde o seu nascimento, ninguém o vê, mas ele existe; embora presente na memória social e atualizado através do preconceito e da discriminação racial, ele é sistematicamente negado”.

A docente B (Babosa) e C (Rosa do Deserto) ao relatarem sobre a questão da humilhação que sofreram falaram quase aos prantos o que passaram, a docente **B** respirou e seguiu a sua fala e a docente **C** ficou emocionada ao falar. No que diz respeito ao sistema racista (Munanga, 2017), diz que “Que o Brasileiro não é o pior, nem o melhor, mas ele tem suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todos os brasileiros, brasileiras, vítima e não vítimas do (racismo).

Os relatos dos participantes foi um desabafo para alguns, mas para outros foi algo que lhes trazia muito desconforto em falar, era como se estivessem cutucando uma ferida. E entendemos que muitos precisam desse tempo para se entender e entenderem a sua história e precisamos respeitar esse tempo. **Relato da Docente M (Figueira Africana):**

Tem um escrito o Jeferson Tenório né, ele tem um livro, o Avesso da pele, ai ele traz sobre o cotidiano né do racismo, e é muito legal porque ele traz grandes reflexões, ele nos leva a pensar que dentro dessa situação que foi falado aqui, o que adianta a gente ter tantas leis, e ao mesmo tempo os corpos negros estarem cada mais violentados, violentados de toda forma de violência, psicologia, física, injúria, e ai ele nos faz uma reflexão que a gente acaba trazendo a Djamila também, que justamente pra fala isso, sabe, porque não adianta a gente ter várias leis que pune, se a gente não faz realmente esse letramento, o letramento com a branquitude, que a Djamila, na coleção de livros que ela faz, ela traz como a branquitude ela tem essa responsabilidade, mas também de aprender esse letramento racial, toda a hora ela tem que estar explicando, explicando, explicando, falando, ele também precisa passar por isso, porque quando ele passar por uma situação como essa que você falou, que ele possa entender, a estrutura é muito maior, não adianta a gente só criar leis, leis, leis, é bem aquilo que Foucault fala, vigiar e punir, se a gente não traz essa conscientização de fato pra que todo mundo possa entender né, porque dentro da

pirâmide social, a própria Djamila desenha no livro dela, todos nós temos poder de fala, e nesse poder de fala existe, o homem branco, a mulher branca, o homem negro, e a mulher negra, como assim, a gente precisa passar por tudo isso como mulher negra para poder ser ouvida, a gente precisa nos entender, cada vez mais, precisamos entender que a gente faz cada vez mais o letramento, e a gente precisa fazer essas discussões, e essas pessoas também, pra que ela possa entender, ela possa compreender, que a gente não fique só a gente discutindo entre a gente mesmo (Figueira Africana, 36 anos relato n formação 2023).

Conforme Sueli Carneiro em sua tese de doutorado que fora defendida em 2005, na Universidade de São Paulo (USP) no diz que o racismo epistêmico que dispara processos de epistemicídio como tecnologia de poder, pode ser compreendido como parte do “dispositivo de racialidade” (Carneiro, 2005, p. 30). A participante **Docente Babosa** em seu relato sobre sua identidade negra nos falou que faz questão de falar sua identidade negra apesar de ser humilhada várias vezes, porém não deixa de se amar, pois aprendeu com a sua mãe a se amar como ela era. Mais ao mesmo tempo em que diz que é negra fala que tudo o que aparenta ser negra ela tem relatando falas estereotipadas, porém sabemos que muitas vezes reproduzimos o que nos foi ensinado.

Eu faço questão de dizer, tenho orgulho, quando minha filha era pequeninha na escola, meus amiguinhos diziam, mãe meus amigos dizem que tu és negra, eu já disse pra eles que tu não é negra, que tu é marrom. E eu dizia para minha filha, não minha filha diga que sou negra e o cabelo ajuda, que é pixaim, nunca neguei as minhas raízes, nunca mesmo, a gente tem que avançar pelos direitos da gente, senão as pessoas vão sempre estar pisando na gente (Babosa, 58 anos relato na formação, 2023).

Alguns docentes pediram para comentarem a respeito da sociedade, na questão do que seria o racismo estrutural e que ainda se falasse mais sobre no mito da democracia racial em que os negros foram forçados a entender em que a história de seus ancestrais era as piores e que história da branquitude sempre foi à principal (euro centrada) sendo como um pacto hierárquico como Bento (2022, p. 30) menciona sobre o Pacto da Branquitude “nossa história foi profundamente marcada pela brutalidade contra as populações negras e indígenas, que eram vistas como ameaça aos interesses dos europeus”.

A docente **A (Aloe Vera)** fez observações importantes sobre as Sankofas “Só pra contribuir, nós estamos rodeados de pássaros Sankofa, se vocês forem prestar atenção nas grades, isso tudo aí é herança que esse povo trouxe e deixou, no desenho das grades ali, aqui, isso tudo é Sankofa” (Docente Aloe Vera, 55 anos, Formação 2023).

Para o docente **F (Espada de São Jorge)** quando comenta sobre os episódios que passa na questão de racismo o comparem por ser negro como o que está para servir e não em quem pode estar em qualquer para comprar alguma coisa.

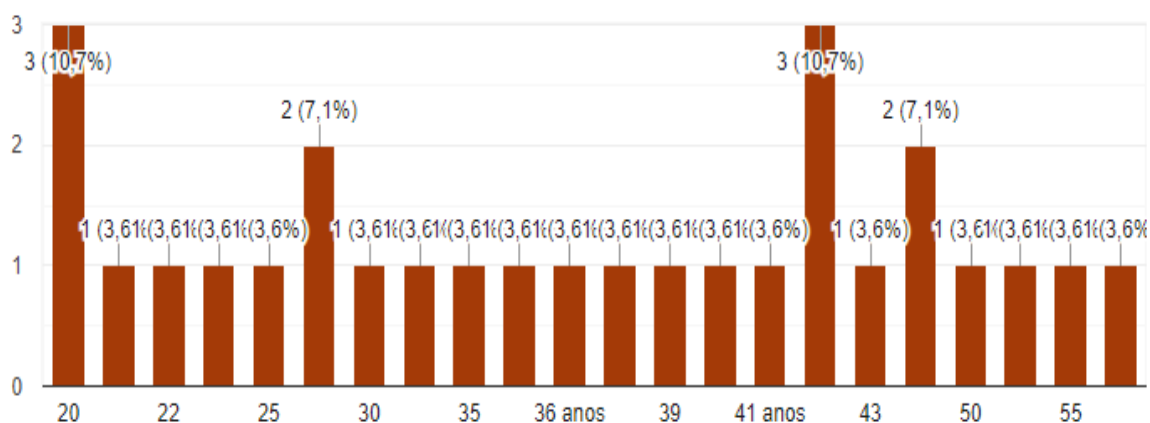
Alguém aqui já viu alguém ser preso por crime de racismo, chega lá na delegacia com o pessoal do preconceito racial, o racismo é tipificado como injúria racial, ninguém é tipificado como racista, ninguém no Brasil, pelo menos na parte criminal que eu faço, ser tipificado como racista e ser condenado pelo crime de racismo, e não é comentado nas escolas, não é comentado na sociedade, não é comentado em qualquer outro lugar, mesmo a gente falando, ainda existe esse racismo estrutura, essa ignorância ou proposital ou indireta, que liga o negro, ou o indígena, ou uma pessoa de uma classe social diferente, atribui as profissões (Espada de São Jorge, 43 anos, 2023).

Os episódios de racismo são sutis como se não quisessem fazer mal, ou se desculpassem dizendo. Tenho amigos negros e isso é coisa que todos pensam que agora é racismo e muitos não entendem ainda o que está acontecendo ao seu redor e quando entendem e tem o letramento racial entendem o que está ocorrendo.

É diferente mesmo, porque uma vez eu tive uma experiência no manauara na loja da melissa eu tinha colocado trança no meu cabelo, eu tava lá olhando, e a moça que trabalhava lá falou, você pode fica aqui por enquanto eu vou lá guarda umas caixas, ai eu tava lá olhando assim né, e um homem negro chegou todo de paletó, e já foi logo me mandando, eu quero saber onde ta tal coisa, tal coisa, tal coisa, ai eu olhei assim pra ele, ele percebeu e disse desculpa pensei que você fosse a gerente, ai eu pensei que você fosse a gerente ou a dona, ai ele percebeu que não tava dando certo, ai eu disse melhor o senhor fica calado, e o senhor entender o que é racismo, é letramento racial, já ta na hora né, então vamos procurar saber, pra que a gente tá fazendo isso, agora é crime, racismo é crime, ai ele ficou todo assim (Figueira Africana 36 anos, Formação 2023).

No final da roda de conversa os professores responderam o questionário para vermos o entendimento dos mesmos e eles comentaram sobre a proposta do produto educacional da minha pesquisa, também no mesmo questionário e nos gráficos mostram idades, faixa etária, onde trabalham. Segue os gráficos das respostas dos 13 professores que participaram dos quatro seis dias da roda de conversa.

Gráfico 1 – Faixa etária dos professores entrevistados

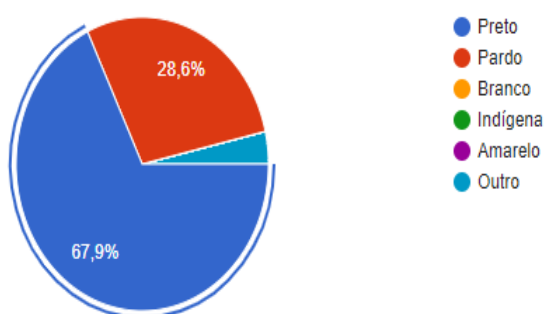


Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2023).

Nota-se a partir do gráfico que a maior faixa etária dos participantes é mais de quarenta anos a cinquenta seguindo depois com a faixa de vinte e um anos a trinta anos e por último vem à faixa de trinta e um anos a quarenta. Porém vimos nas falas dos participantes sobre o tempo quando eram novos em precisar trabalhar para se sustentarem e ajudarem a sustentar a família e por isso não achavam que deveriam estudar e teriam que dar oportunidades para a geração que viesse.

No entanto, o mercado de trabalho exigiu mais coisas como cursos profissionalizantes e eles tinham que se adequar. Diante disso surge a oportunidade em estudarem através do Enem e de bolsa com financiamento e foi a oportunidade de se verem na universidade, porém a chegada na nesse espaço não foi um mar de rosas e sim um desafio pois diante do tempo dentro da sala de aula foi difícil conciliar, trabalho, família e estudos. Mas disseram que foi jogar na sorte em não desistirem. Falas de alguns participantes da formação.

Gráfico 2 – Cor/Etnia



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2023).

Dados demonstram que todos responderam “preto”. E, ainda, que gráficos com números absolutos possam ser desnecessários ao serem inseridos, aqui cabe duas possibilidades de reflexões. Sendo a primeira que para Gomes (2011), a autodeclaração “parda” condiz com uma resposta que pode ser positiva, por um lado, pois a pessoa reconhece ao menos algum traço de afrodescendência e, portanto, sabe-se que pela “diferença” não é branca.

Ainda, pode ser uma atitude de não aceitação do pertencimento étnico-racial à população negra. No relato da docente **A (Aloe Vera)**, ela nos fala da importância de se desconstruir o que foi nos falado e que naturalizamos não conseguiremos seguir.

Eu como professora eu começo na base com as minhas crianças, eu começo a falar, todo dia eu falo sobre direitos humanos, todo dia eu falo sobre os direitos de respeitar, de tolerar, de entender e de conviver com o diferente, então a gente que tá aqui, a gente somos multiplicadores disso, tem que ter muita atenção pro que a gente reproduz, e que a gente é referência, quando a gente canta uma música, que fala que é legal bate na mulher, que também é uma questão pra gente pensar e refletir sobre tudo isso, a gente tem que se posicionar, opa eu to multiplicando, eu to deixando passar uma piadinha, isso não é legal, então a gente começa a refletir sobre tudo ao nosso redor, pra que a gente não reproduza mais esse tipo de discriminação, piada, gordofobia, transfobia, tudo isso, essas violências a gente tem que combater, acho que esse é o papel da gente aqui, é primordial, a gente tá se reunindo aqui pra refletir, desabafa, que a gente tá aqui se fortalecendo, desabafa, e levar daqui lá pra fora também, em casa principalmente, eu todo dia faço a minha militância em casa, com a minha mãe, que ainda chamo de moreno, mãe não é moreno é preto ou é negro, a senhora já sabe que não é moreno, então e dentro de casa, do jeito que foi embutido na nossa cultura desde de sempre, a gente tem que combater, essa é a minha contribuição (Docente Aloe Vera, 55 anos, formação 2023).

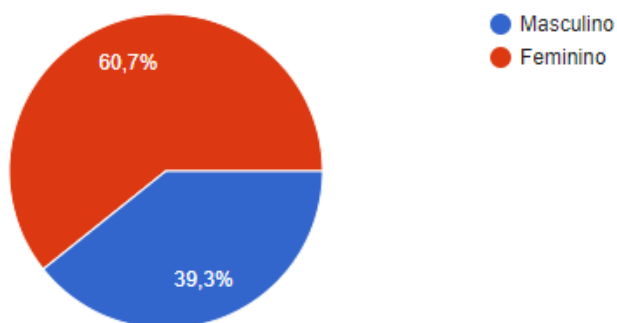
O que não nos cabe fazer um pré-julgamento, pois sabemos de todo o histórico do racismo no Brasil, e que não é fácil se reconhecer uma pessoa negra, sobretudo como negra (as). Um dos docentes participantes (**Boldo**) ao responder o questionário sobre a sua cor relatou o seguinte para outro docente participante **Lança de São Jorge**.

Ele falou desse jeito assim, será que ainda existe mesmo, com tantas leis que já criaram leis antirracistas, será que ainda existe mesmo esse preconceito e racismo, eu não sei explica tanto, mas eu disse pra ele que por lei existe, mas, por cumprimento delas não, como existem várias outras leis que existem e ninguém cumpre, a desigualdade existe e muito, eu nem sei o que eu me considero depois daquela conversa que a gente teve naquela vez, tanto é que não botei nenhuma das cores que tinha no formulário, botei outra, e tento por falta de conhecimento tento não tentando opinar pra não falar nenhuma besteira sobre racismo e preconceito. (Boldo, 23 anos participante da formação. 2023).

Além disso, vale destacar, que para boa parte da elaboração das políticas públicas, quem se autodeclara “preto” ou “pardo” está associado diretamente com ser uma pessoa afro-brasileira mesmo assim com o relato acima de um dos participante em não saber sua cor e dizer que não falaria por que achava que racismo e preconceito não existia, sabemos que fomos forçados a pensarmos no mito da democracia racial de que todos os negros somos todos iguais a branquitude e não são bem assim as oportunidades.

Sobre o gênero dos participantes podemos ressaltar, através das respostas e pessoalmente, que as mulheres obtiveram maior participação nas rodas de conversas que os homens (Gráfico 3). Talvez porque as mulheres tenham mais interesse em saber sobre essa questão e também alguns dos homens do quilombo trabalham no distrito ou por conta própria e não tenham interesse pelo tema abordado.

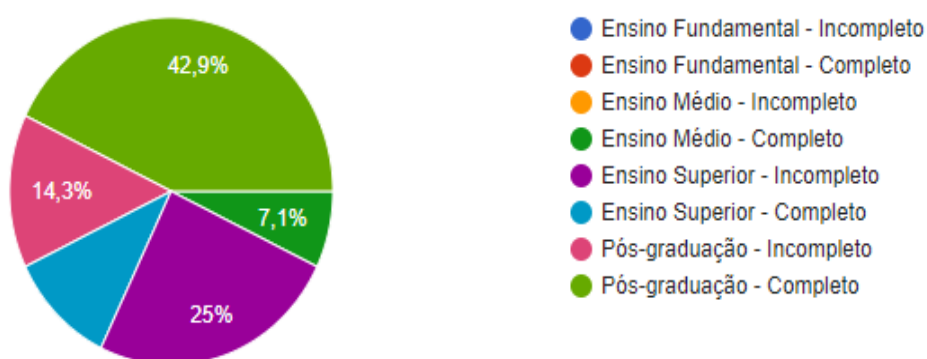
Gráfico 3 – Gênero



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2023).

A respeito da escolaridade, o Gráfico 4 indica que nem todos os participantes possuem somente o ensino médio, o que equivale a 7,1%. Os que possuem a graduação incompleta ou ainda estão terminando a graduação correspondem a 25% dos participantes e os que têm a pós-graduação incompleta ou ainda estão terminando correspondem a 14,3%. Aqueles que possuem ensino superior e até mesmo especialização e doutorado expressam uma porcentagem um pouco menor em relação aos que estão concluindo o ensino superior.

Gráfico 4 – Escolaridade

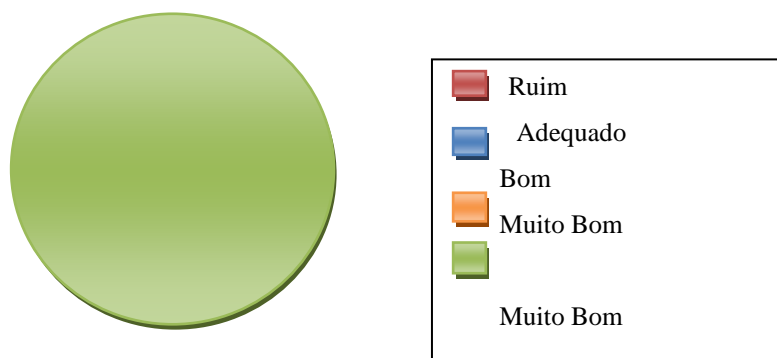


Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2023).

O Gráfico 5 e o Quadro 10 se complementam e dizem respeito à avaliação da proposta do produto educacional. Os participantes das oficinas falaram que acharam da proposta do produto, e isso foi importante para a pesquisa, por mais que alguns que não responderam ou terem feito comentários, pois é algumas falas acharam ótima a proposta desse produto que pudesse ser feito por várias pessoas negras. Pois o quão seria importante o professor negro

entender sua própria história ancestral e poder falar com sua fala fazendo caminhos entrelaçando laços através do que nunca lhe foi mostrado, e que agora ele possa fazer diferente com seus alunos e com quem forem fazer formação de professores.

Gráfico 5 – Avaliação da proposta do produto educacional



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2023).

Quadro 10 – Avaliação da proposta do produto educacional

Docentes	Descrição de comentários
Docente A Aloe Vera	Todos responderam “importante e relevante “
Docente E Violeta Africana	
Docente F Espada de São Jorge	
Docente G Ametista	
Docente H Camomila	
Docente I Gengibre	
Docente J Erva-doce	
Docente M Figueira Africana	
Docente B Babosa	“É muito importante para todos do Quilombo assim aumentar sua riqueza cultural e ser respeitado”.
Docente C Rosa do Deserto	“A educação escolar o social, a política precisa ser desconstruída precisa ser pensada e exercida pensando na diversidade, pensando na especificidade cultural e social”.
Docente D Lança de São Jorge	“A apresentação desde os comentários é bem concisa e explicativos”.
Docente I Gengibre	“Tema pertinente adequado ao presente momento que vivemos”.
Docente K Sene	Bom, porque poderia ter mais pessoas adquirindo conhecimento”.
Docente L Manjeriço Azul	“A importância de estabelecer um espaço formativo e recheado de afetos negros reverbera para além do projeto, produzindo não apenas pessoas com identidades antirracistas, mas sim líderes capazes de articular e produzir outras novas

atividades e engajamentos políticos e sociais para os nossos”.
--

Fonte: Organizado pela autora (2024).

Diante de materiais dispostos pela formadora, os professores participaram da formação com leitura e adaptação aos temas trabalhados nas oficinas. Sabemos também que nem todos os professores negros poderão fazer o letramento na questão racial porque o colonialismo fez um trabalho tão minucioso com o povo negro que até fazer com que eles esqueçam a própria história fizeram, e que negassem a sua religião, mas o povo negro se mostrou resistente tanto que no plano do mito da democracia racial de um estado de plena igualdade entre os cidadãos e que depois de cem anos não haveriam mais negros. Um plano de extermínio de corpos negros que perpetuam até hoje e que nos remete a fala de Freire (2022, p. 47):

Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões antológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a teoria deve ser o exemplo concreto, prático da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela e nela, a construção, estar envolvendo os alunos.

Um dos temas que foi trabalhado na questão da África foi como os participantes viam esse continente. E mostraremos a resposta dos participantes quando foi aberto para as falas. A docente participante E - **Violeta Africana** relatou que quando pensa na África vem essa reflexão:

Quando eu penso na África, eu penso em três coisas, origem, ancestralidade e espiritualidade. Origem, porque umas das primeiras coisas que eu falo pros meus alunos é eu imprimo o mapa, eu localizo a África, eu mostro onde tá, perto da onde, porque que dizem que foi aqui, ali, os primeiros povos, lembro de origem. A ancestralidade, né que pra mim, eu mais identifico, quando se fala em África. E a espiritualidade, porque eu sou de terreiro, eu sou do Axé, sou do tambor de mina, o tambor de mina é uma religião originária da África, chegou aqui com as pessoas escravizadas, com as mulheres principalmente, hoje o tambor de mina só tem aqui no norte, é Belém e Manaus, Amazonas e Pará, e ai é muito tradicional que eu admiro e que me fez fica no tambor de mina, porque é muita ancestralidade, é muita tradição, é muita valorização da cultura africana, hoje a gente ver no tambor de mina a gente conversa muito sobre isso, a Umbanda estar muito embranquecida, a gente sempre busca, as nossas cantigas, os nossos pontos, a gente busca sempre os iourubá, em outras linguagens, outros dialetos, tem uns que eu ainda estou aprendendo, eu estou no tambor de mina tem um ano e meio, foi assim paixão, o terreiro do tambor de mina que eu frequento fica lá na cidade nova, então quando penso em África eu penso em espiritualidade e ancestralidade (Violeta Africana, 42 anos, Formação, 2023).

A fala da docente participante Violeta Africana nos remete a importância dela ter falado em público a religião da qual ela frequenta que é de matriz africana e da espiritualidade que foi esse encontro ancestral. Alguns ficaram prestando atenção nela, quando falou que para ela está no quilombo urbano que tem a potência ancestral muito forte foi uma honra era como

tivesse resgatado a história dela. A outra fala foi de outros dois docentes participantes **Figueira Africana e Gana.**

Eu tive a oportunidade de logo que entrei no PIBIQ de conhecer a comunidade africana, os alunos da África que eram alunos da UFAM, eles moravam próximo de casa, eram nossos vizinhos, eles faziam umas festas que entregavam toda a comunidade da África aqui em Manaus, eu me lembro que na festa que nós fomos, logo na entrada tinha um mapa da África, eles moravam em diferentes partes da África, eles falavam, oh, meu povo é daqui. E por conta disso nós temos essas características, nos mechemos mais os ombros na dança, eles são mais os quadris, e a nossa área é considerada uma área pobre por conta disso, disso, disso, o outro falava a minha área é considerada rica, eu fui entendendo com eles, as diferenças, a linguística também, eles falavam, olha a gente fala um pouco mais cantado nessa região, e nessa outra região tem influência de tal país, isso, isso, isso, ai eu fui entendendo muito mais com eles a questão da África (Figueira Africana, 36 anos, Formação 2023).

Simas e Lopes (2023, p. 46) nos convidam a repensar a importância “do que se aprende nas escolas, por mais útil e importante que seja, nem sempre é vivido, porém o conhecimento herdado encarna-se em todo o ser”. No relato de Figueira africana que nos mostra de que olhar os africanos tem de seus lugares de origens, das danças, do andar corpóreo, das características que nos fazem entender de área eles estão localizados e a influência de outros países.

Já o docente participante **Gana** nos revela o que pensa quando falam da África.

A visão que eu tenho do continente africano, é um continente sofrido, discriminado, a gente sabe que tem algumas republicas que predominam essa cultura da discriminação racial, toda essa luta do apartheid, a partir do Nelson Mandela, então assisto jornal, fala muito do povo africano, das guerrilhas que estão acontecendo lá, tem brasileiro enfrentando essa guerra por lá, de república, de comando, de país, então é essa perspectiva que eu tenho do povo africano, de que nenhuma república lá, nem um Estado, país, faz nada pra melhorar esse cenário, de escravidão que acontece até hoje, de discriminação racial, e é um continente que é discriminado pelo mundo todo, que só tem reconhecimento assim, pelas pessoas que se destacam no futebol, no esporte né, essa é a visão que eu tenho do continente africano (Gana, 42 anos, Formação 2023).

Por mais que não se queira, ainda temos uma visão deturpada do continente Africano pois o que nos mostraram nos jornais, nas televisões sempre foi uma África da fome e miséria nunca a de reis, rainhas e que no nosso imaginário ainda temos essa visão estereotipada.

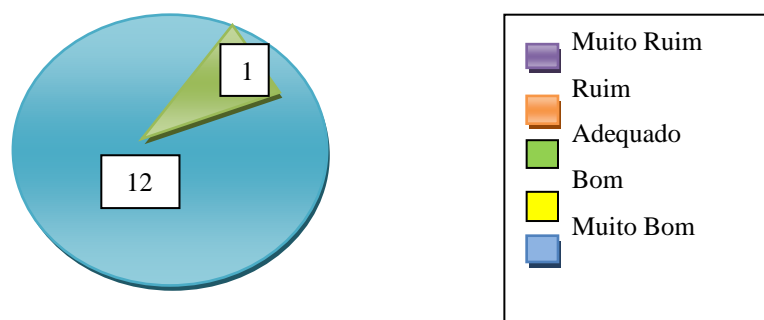
Os professores avaliaram o número de participantes da oficina como muito bom, porém, sentiram falta de mais professores aproveitando esse momento para aprimorarem seus conhecimentos sobre a questão racial (Gráficos 6 e 7). Para uma primeira vez fazendo uma formação para professores negros dentro do espaço do quilombo notou-se que foi uma boa participação para a Formação.

Gráfico 6 – Avaliação do número de participantes na realização do produto educacional



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2023).

Gráfico 7 – Avaliação do produto educacional



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2023).

Os participantes avaliaram o produto como muito bom, pois não viam em formação de professores um tema ser feito por uma formadora negra, e outro detalhe o número de pessoas negras participando. Relataram que o produto Caderno de Formação para formadores será uma ótima opção para os professores terem como base para formarem outros professores negros nessa temática racial.

Outra que eles comentaram foi que bons termos pessoas negras que encorajam outras para o entendimento do letramento na questão da história e cultura africana e de falar com propriedade e escutar as várias falas de outros professores é como se eles estivessem em casa. Ainda conforme Munanga (2015), a negação da verdadeira história da África e da população negra foi gerada pelo próprio ocidente, sendo disseminada ao longo da história.

Trata-se de um acontecimento que foi sendo incorporado aos cursos de formação de professores(as) e ao currículo das escolas de educação básica, não reconhecendo que o continente africano possui uma história anterior a esse cruel momento. “Nesse sentido as leis

10639/03 e 11645/08 se configuram como uma correção do esquecimento da memória positiva da escravidão na história do Brasil” (Munanga, 2015, p. 29).

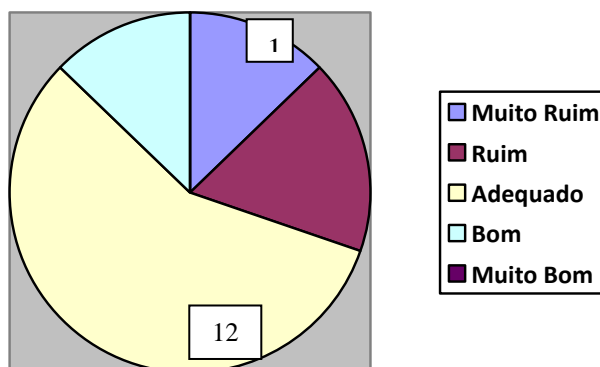
O Gráfico 8 e o Quadro 11 correspondem à análise sobre os temas tratados nas oficinas.

Quadro 11 – Análise sobre os temas tratados nas oficinas

Docentes	Descrição de comentários
Docente A Aloe Vera	“Sim, foram muito bons”
Docente E Violeta Africana	
Docente F Espada de São Jorge	
Docente G Ametista	
Docente H Camomila	
Docente J Erva-doce	
Docente M Figueira Africana	
Docente B Babosa	“Sim, no mundo não devemos discriminar ninguém, pois para Deus somos todos iguais”.
Docente C Rosa do Deserto	“sim, as iniciativas devem sempre uma iniciativa local, e no local que se articula com o geral”.
Docente D Lança de São Jorge	“sim, pois não existe lugar melhor do que nosso lar”.
Docente I Gengibre	“O lócus adequado e significativo para a realização do curso”.
Docente K Sene	“Bom, porque poderia ter mais pessoas adquirindo conhecimento”.
Docente L Manjeriço Azul	“Sim, nada melhor que o lugar está no berço da nascença do bairro, em frente ao patrimônio de São Benedito”.
Docente M Figueira Africana	“Sim, é lugar ótimo, a comunidade proporciona troca de conhecimento”.

Fonte: Organizado pela autora (2024).

Gráfico 8 – Avaliação da carga horária do produto educacional



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2023).

Segundo os participantes o curso de formação foi muito bom, pois propiciou aos participantes um entendimento melhor da questão histórica do Continente africano fora os outros assuntos que nunca foi mostrado a partir de um olhar de uma pesquisadora negra de dentro do quilombo, e que foi exposto com mais facilidade já que eles não viam em livros de história e quando viam era muito superficialmente e do jeito que foi transmitido ficou mais fácil a dinâmica para o entendimento.

Quadro 12 – Carga horária do curso

Docentes	Descrição de comentários
Docente A Aloe Vera	“Sim, deveria ser um curso”
Docente E Violeta Africana	
Docente F Espada de São Jorge	
Docente G Ametista	
Docente I Gengibre	
Docente J Erva-doce	
Docente K Sene	
Docente M Figueira Africana	
Docente B Babosa	
Docente C Rosa do Deserto	“Poderia se pensar em uma perspectiva bimestral, pois se trata de uma temática fundamental e importante para nós pretos e pretas”.
Docente D Lança de São Jorge	“Esse curso deve ser de seis em seis meses”.
Docente D	“Encontros ótimos, porque tempos longos atrapalham”.

Lança de São Jorge	
Docente L Manjerição Azul	

Fonte: Organizado pela autora (2024).

Quadro 13 – Relevância dos temas abordados nas oficinas

Docentes	Descri�o de comentários
Docente A Aloe Vera	Todos marcaram como “Necessários e importantes”.
Docente E Violeta Africana	
Docente F Espada de São Jorge	
Docente G Ametista	
Docente J Erva-doce	
Docente K Sene	
Docente M Figueira Africana	
Docente B Babosa	“Os temas no estudo e nos debates foram super importantes para toda popula�o n�o s�o negra mais para todos num geral”.
Docente C Rosa do Deserto	“Todos os temas foram importantes e necessários”.
Docente D Lan�a de São Jorge	“Eles formam necessários”.
Docente I Gengibre	“Necessárias para desconstruir ideias equivocadas sobre a filosofia Sankofa e principalmente a cultura afro e a educa�o quilombola”.
Docente L Manjeriço Azul	“Trazer e relembrar nossas vivências é extremamente prazeroso, político e protetivo, repercute em todo o aparelho subjetivo ao elucidar as memórias de nosso corpo, lembranças em coincidência com o nosso semelhante, e por isso, partilhamos experiências e afetos. Não há roda de conversa e projeto melhor, pensando principalmente nossa saúde mental”.

Fonte: Organizado pela autora (2024).

A maioria dos participantes do curso avaliou que foi muito bom e somente um avaliou que foi e a maioria sem nenhuma reclama o nas rela es entre os temas. De acordo com Gomes (2003, 2012), a Forma o Docente para as rela es étnico-raciais perpassa por, primeiramente, trabalhar a própria identidade negra do professor ou professora e depois, os saberes docentes referentes aos conteúdos específicos de suas disciplinas, os saberes interdisciplinares e os saberes didáticos.

Quadro 14 – Relevância dos temas abordados nos debates

Docentes	Descrição de comentários
Docente A Aloe Vera	Todos responderam “necessários para serem trabalhados com os professores”.
Docente E Violeta Africana	
Docente F Espada de São Jorge	
Docente G Ametista	
Docente J Erva-doce	
Docente K Sene	
Docente B Babosa	“Sim, importante para a comunidade ficar sempre por dentro dos assuntos discutidos”.
Docente C Rosa do Deserto	“Sim, foram importantes e fundamentais”.
Docente I Gengibre	“Muito importante para rompermos o pacto da branquitude”.
	“Necessárias para desconstruir ideias equivocadas sobre a filosofia Sankofa e principalmente a cultura afro e a educação quilombola”.
Docente M Figueira Africana	“Importante para nossos dias atuais”.

Fonte: Organizado pela autora (2024).

Quadro 15 – Relevância das reflexões abordadas nos finais das oficinas

Docentes	Descrição de comentários
Docente A Aloe Vera	Todos responderam “Sim”, mas sem justificar.
Docente E Violeta Africana	
Docente F Espada de São Jorge	
Docente G Ametista	
Docente H Camomila	
Docente J Erva-doce	
Docente K Sene	
Docente M Figueira Africana	
Docente B Babosa	“Sim, será de grande importância ter vários encontros para se discutir e colocar em prática as questões discutidas”.
Docente C Rosa do Deserto	“Sim, bem dinâmica e interativa”.
Docente I Gengibre	“Sim, é não podemos deixar de nos reunir e nos organizarmos para que essa mensagem possa chegar muito longe e que ocorra a

	mudança”.
Docente L Manjerição Azul	“Sim, a pedagogia nos impulsiona a elaborar e articular novas áreas da imaginação, afetividade e memória. Extremamente importante”.

Fonte: Organizado pela autora (2024).

Os professores avaliaram que foi muito bom e que é de grande esse produto educacional, pois trouxe para muitos dos participantes a entenderem sobre vários temas que muitas vezes não se entendia e ao mesmo tempo se escuta várias histórias dos participantes das oficinas falas de histórias iguais que se cruzam e interligam. Muitos achavam que muitas vezes o racismo ou outras questões que foram abordados no curso Sankofa não pudesse acontecer e na verdade mostrou que sim, e que os temas traziam várias reflexões a partir da história de vidas deles. “[...] alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala de aula como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade [...]” (Munanga, 2005, p. 15).

Quadro 16 – Importância do curso para a sociedade

Docentes	Descrição de comentários
Docente A Aloe Vera	Todos marcaram “sim”, porém sem dizerem o porquê.
Docente D Lança de São Jorge	
Docente E Violeta Africana	
Docente F Espada de São Jorge	
Docente G Ametista	
Docente H Camomila	
Docente I Gengibre	
Docente J Erva-doce	
Docente K Sene	
Docente M Figueira Africana	
Docente B	

Babosa	
Docente C Rosa do Deserto	“Sim, se faz necessário o contínuo debates com uma educação antirracista”.
Docente L Manjeriçã Azul	“Sim, é necessário, deveria ser obrigatório e receber financiamentos do estado para a construção de um seriado de estudos antirracistas e formação de educadores e profissionais de todas as áreas. Como a dona Rafaela disse, “é desde o porteiro, a atendente, até chegar no professor ou médico”.

Fonte: Organizado pela autora (2024).

Quadro 17 – Importância do curso para a sociedade

Docentes	Descrição de comentários
Docente A Aloe Vera	Todos marcaram “sim”, porém sem dizer o porquê.
Docente D Lança de São Jorge	
Docente E Violeta Africana	
Docente F Espada de São Jorge	
Docente G Ametista	
Docente H Camomila	
Docente I Gengibre	
Docente J Erva-doce	
Docente K Sene	
Docente M Figueira Africana	
Docente B Babosa	
Docente C Rosa do Deserto	“Sim, se faz necessário o contínuo debates com uma educação antirracista”.
Docente L Manjeriçã Azul	“Sim, é necessário, deveria ser obrigatório e receber financiamentos do estado para a construção de um seriado de estudos antirracistas e formação de educadores e profissionais de todas as áreas. Como a dona Rafaela disse, “é desde o porteiro, a atendente, até chegar no professor ou médico”.

Fonte: Organizado pela autora (2024).

Quadro 18 – Avaliação do produto educacional quanto à ajuda ao modo de pensar a educação antirracista

Docentes	Descrição de comentários
Docente A	Responderam “sim”.

Aloe Vera	
Docente D Lança de São Jorge	
Docente E Violeta Africana	
Docente F Espada de São Jorge	
Docente G Ametista	
Docente H Camomila	
Docente I Gengibre	
Docente J Erva-doce	
Docente K Sene	
Docente M Figueira Africana	
Docente B Babosa	“Sim, as vezes sinto que o preto é racista com o outro da mesma cor e isso me faz ficar muito triste”.
Docente C Rosa do Deserto	“Sim, debates, oficinas, cursos etc. serão sempre importantes”.
Docente D Lança de São Jorge	“Sim, o objetivo do trabalho é isso”.
Docente I Gengibre	“Sim, com toda certeza”.
Docente L Manjeriçã Azul	“Sim, com certeza, ver e praticar o quilombamento e estar próximo de pessoas com engajamentos próximos é essencial e muito fortalecedor, gera potência e forças para continuar a luta por uma sociedade antirracista”.

Fonte: Organizado pela autora (2024).

No final da aplicação do produto da dissertação os participantes deram sugestões e reivindicações para os professores e principalmente gestores trabalharem nas escolas visto que eles achavam que seria uma das opções também para uma educação antirracista, são elas:

- Desenvolver a atividade na escola, que fale na perspectiva do bairro, acho que é o primeiro passo, quando se fala da África, do continente africano pra mim, porque você está na escola, trabalhar nela e nem sabe que tem um quilombo ao entorno tem uma história ancestral.
- Trazer pra cenas essas outras narrativas, memórias e oralidades, porque o nosso povo repassou o conhecimento através da oralidade, dos modos de fazer, dos modos de ser, dos modos de viver. (Datas comemorativas antirracistas)

- Valorizar e trabalhar nas salas de aula as leis 10.639/03 e 11.645/08 que por muitos professores e gestores não faz parte do calendário das escolas e passa despercebida. (Mostrar os conceitos que a formadora trouxe e disponibilizou).
- Capacitar os professores na questão de oficinas para Formadores Antirracista e pensar no currículo que seja um instrumento para fazer cumprir essas leis nas unidades educacionais.

Como que podemos olhar para nós mesmos enquanto educadores negros(as)? Quais as práticas que fazemos diariamente que podemos dizer que somos educadores e educadoras antirracistas? Temos de fato essas ações para que de fato consigamos avançar no antirracismo? Todas essas questões foram postas na oficina para deixar para as escolas municipais, estaduais e particulares de educação do estado do Amazonas.

Diante dessas reivindicações a formadora desenvolveu um calendário antirracista com bases nessa pesquisa e leituras de vários livros e texto e ele ficará compondo parte do produto educacional juntamente com os textos que sirvam de apoio para o Formador negro. Enquanto educadores e educadoras temos por função profissional cumprir com a legislação educacional que surgiu por conta da força do movimento negro, buscando oferecer para as crianças jovens e adultos negros(as) uma educação que seja potente que seja capaz de fazer com que as pessoas negras tenham todo o desenvolvimento intelectual dentro das unidades educacionais. O currículo antirracista de educação precisa ter essa intencionalidade e continuidade desse processo de implementação da lei 10.639 que seja de fato cumprida nas unidades educacionais. Que possa ser trabalhado diariamente no cotidiano escolar.

Após a conclusão da aplicação e avaliação das rodas de conversas desenvolvidas por esta pesquisa, finalizou-se a etapa de validação. Conforme exposto por Rizzatti et al. (2020), a validação desdobra-se em duas eminências. A primeira diz respeito à aplicação e avaliação junto ao público-alvo, entretanto, formalizou-se a aplicação para o comitê devido à necessidade de averiguação, considerando o cenário específico. A segunda instância faz-se necessário para os Programas de Pós-Graduação Profissionais, completar com a avaliação da banca de defesa, a qual também contribui para o processo de elaboração para o produto Educacional.

A validação verifica a aplicabilidade, bem como a capacidade de ser replicado. A primeira etapa da validação conferiu o curso de formação de professores o status de aplicado. No que se refere a replicar, que, conforme mencionado por Rizzatti *et al.* (2020), é a capacidade de permitir que terceiros utilizem o produto educacional. Foi constatado que todos os docentes participantes da fase de aplicação e avaliação recomendariam a leitura dessa

formação de professores com seu passo a passo para outros docentes, evidenciando o potencial de replicabilidade do caderno de formação para formadores.

Assim o “Curso de formação de professores negros para uma Educação Antirracista” não oferecem receitas prontas, mas sim sugere abordagens para a prática da auto formação, levando em consideração os contextos reais. É importante reconhecer que os Produtos Educacionais não podem resolver todas as questões da Educação Brasileira; entretanto, os PE merecem maior destaque, pois representam pesquisas avaliadas e validadas (Rizzatti *et al.* 2020). Portanto, é crucial aumentar a visibilidade dos bancos de depósito de Produtos Educacionais, para que docentes e equipes de gestão possam replicá-los em suas respectivas situações.

Dessa maneira, espera-se que o “Curso de formação de professores negros para uma Educação Antirracista” possa ser reproduzido, visando contribuir e auxiliar outros docentes que atuam nesse contexto, assim como aqueles que desejam obter conhecimento sobre essa experiência de atuação.

CONSIDERAÇÕES FINAS

A pesquisa surge no curso de mestrado a partir das inquietudes da pesquisadora, sobre a não implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 no âmbito da não prática pedagógica e entendimento da questão da consciência racial dos professores negros do Quilombo urbano de São Benedito e teve como foco a aplicação da Formação dos docentes através das oficinas “Sankofas” que se revelaram um verdadeiro aprendizado e experiência valiosa entre conhecimentos que os professores carregam com suas narrativas e vivências pessoais e de sala de aula.

Diante da pesquisa vivenciada através das narrativas dos docentes, os conhecimentos que antes eles não percebiam ter puderam notar através das convivências no campo do conhecimento e também do tema pesquisado.

Perante o exposto foi possível identificar o envolvimento dos docentes no Quilombo de São Benedito nas oficinas “Sankofas” sendo um importante aprendizado, com os teóricos que foram abordados nos temas, bem como os docentes que estiveram participando e

contribuindo com suas falas relevantes de práticas, conhecimento e vivências desses profissionais.

O referencial teórico é majoritariamente de intelectuais negros permitiu compreender como é essencial a inclusão deles nas leituras desses docentes negros, pois ajudou que eles se vissem também nesses espaços, oportunizando esses professores a valorizarem ainda mais sua cultura e território, levando a sua experiência nas oficinas para seus alunos em sala de aula. Possibilitando os alunos a entenderem a sua história ancestral não através do que foi imposto como a história do povo negro. Tal fato fez com que tivéssemos a possibilidade de descrever a experiência desses docentes negros.

A trilha investigativa desta produção científica observou-se que esse debate não está concluído no sentido de encerrar o assunto, mas continua no sentido de oportunizar aos docentes negros e não negros, um suporte na oferta de material didático-metodológico, para ser ministrado nas salas de aula a educação antirracista, cujo compromisso pedagógico possibilite a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e plural.

Salientamos da importância que a Oficina tenha acontecido na comunidade Quilombola de São Benedito no que diz respeito à dimensão formativa dentro da Comunidade, reconhecendo a especificidade de cada local. Destacamos a fala de muitos participantes se sentirem privilegiados por ter acontecido uma formação nesse território, pois assim eles se sentiram mais valorizados por uma formadora reconhecer que a educação se faz também em espaços não formais valorizando a importância do local que é pelo Museu Ibram é ponto de memória e que tem uma cultura viva de cento e trinta e quatro anos dos “Festejos à São Benedito”. Ressaltamos que esse trabalho teria sido uma experiência muito mais enriquecedora se a defesa tivesse sido dentro do espaço que aconteceram as oficinas pois estaríamos dando a contrapartida aos participantes da pesquisa, porém não houve autorização do colegiado do programa de pós-graduação em ensino tecnológico – IFAM/CMC.

Apesar das falas das dificuldades enfrentadas pelos docentes sobre a implementação da educação antirracista salientada por eles, sabemos que é um processo longo, que é histórico e que ainda precisa que no contexto da graduação no currículo seja salientada ainda mais as leis com disciplinas específicas com tema Étnico racial, pois muitas escolas, equipe pedagógica e gestores desde o porteiro que atende o público precisam participar de formações para a educação antirracista, para que de fato seja intensificado e colocado em prática dentro de sala de aula.

Então o Produto Educacional surge com o objetivo além de leitura, estudo e instrumentalização para que coloquemos a educação antirracista na prática por professores negros na cidade de Manaus ou quem sabe em outros estados do Brasil. partindo do pressuposto que se precisa colocar em prática essa lei que vigora há 20 anos.

Que o produto educacional que é um Caderno de Formação para professores negros para uma educação antirracista que foi elaborado para auxiliar os profissionais as estratégias pedagógicas adaptadas para o contexto de uma educação das práticas antirracistas que esteja em consonância com o contexto da história Afro Brasileira contribuindo para a educação dos professores e alunos. Esse caderno apoiara o desenvolvimento de práticas docentes promovendo integração entre teoria e a prática.

Em futuros trabalhos esse caderno poderá ser trabalhado com professores que desejem trabalhar com a educação antirracista na formação de professores. Gostaríamos de propor se possível ao Instituto federal do Amazonas que possam desenvolver formações aos professores que pretendam trabalhar em comunidades quilombolas uma formação para atuarem com a educação para as relações étnicas raciais.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia de Letras, 2019.
- AGOSTINHO, Cilene de Souza. Práticas Pedagógicas e relações étnico raciais nas escolas de educação básica. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.3, n.2, 2014.
- ALARCÃO, Isabel (org.). **Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão**. Porto Portugal: Porto Editora LTDA, 1996.
- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. cap. 2, p. 40-59.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. (org.). **Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro**. (Série Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia). Fascículo 16. Manaus, 2007.
- ALMEIDA, Maria Zélia de **Plantas Medicinais [on-line]**. 3ed. Salvador: EDUFBA, 2011, 221 p. 48.
- ALMEIDA, Neide A. de. **Letramento racial: um desafio para todos nós**. Portal Geledés. Disponível em:
https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-dealmeida/?gclid=CjwKCAjwCjwKCAjwCjwKCAjwCjwKCAjwAT1fY7yi096Ro2_08gnSaH4cQ2TR4lScy2ef-zkPhnpMRABhIZZE-b2zqlhoCUhkQAvD_BwE. 2017. Acesso em: 22/07/2022.
- ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra- Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.p.22.
- ALVES, Ana Cléia Neri. Nestor Nascimento - a luta da memória contra o esquecimento. in: SILVEIRA, Cristiane. e WENDLING, José Ricardo. **Vidas que falam vol. 2: Promotores dos direitos Humanos, da Justiça e da Paz**. Manaus: Editora Valer, 2021. p.74-80.
- ANIC, Cinara Calvi. **A “Jornada do Herói” em narrativas sobre professor pesquisador em Ciências Biológicas**. Tese (Doutorado em Ciências e Matemática-Universidade Federal de Mato Grosso. Mato Grosso, p. 116. 2016.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola – o que é e como se faz**. 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.102 p.
- BARONAS, Roberto Leiser; ARAÚJO, Ligia Mara BoinMenossi de. Marielle presente: é preciso inocular a luta da memória contra o esquecimento nas mídias. **Estudos Semióticos**, v. 15, n. 1, p. 18-30, 2019.
- BARROS, Waldilson Duarte Cavalcante de. A construção da identidade profissional: narrativas autobiográficas de um professor homem nos anos iniciais. In: CONAGES, 12.,

2016, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18304>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W. ; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 90-113.

BISSOLI, Michelle de Freitas; MOMO, Mariângela. A implementação da Base Nacional Comum Curricular no Amazonas: desafios, conquistas e contradições em movimento. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 22, n. 50, 2020.p.79

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos. **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto) biográfica**. Curitiba: CRV, 2016.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96**. Brasília,DF:MEC Câmara dos Deputados, 1997. p. 47.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Brasília**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório de análise de propostas curriculares de ensino fundamental e ensino médio**. Brasília, DF: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13868:relatorios-programa-curriculo-em-movimento&catid=195:seb_educacaobasica&Itemid=936. Acesso em: 01 dez. 2023.

BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2023**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e das providências. Brasília, DF: Casa Civil,2023. Disponível em HTTP://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em: jan.2024.

CAPES. **Documento de Área: Área de avaliação: Ensino**, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ENSINO.pdf>. Acesso em: 26 de jan.2023.

CAPES. **Relatório de Produção Técnica de Grupo de Trabalho, 2019**. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf>. Acesso em: 26 de jan.2023.

CALÇA, Rafael Jeremias. **Pele**. São Paulo: Panini, 2018.

CLANDININ, D. Jean.; CONNELLY, F. Michael. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

CLANDININ, D. Jean.; CONNELLY, F. Michael. **Perspectiva narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

- CAMASMIE, Ana Tereza. **Narrativa de histórias pessoais: um caminho de compreensão de si mesmo à luz do pensamento de Hannah Arendt**. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CAMPOS, Karen Barbosa. **O contar histórias como forma de Resistência feminina preta: Abayomis o olhar pedagógico e cênico nas escolas e comunidades. Pesquisa feita pelo projeto de extensão contadores de histórias: Teatro popular de formas animas na comunidade**. Universidade do estado do Amazonas, Escola Superior de Artes (ESAT), Manaus, 2022.
- CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Local: Editora Vozes, 2017.
- CASTRO, Marcelo Macedo Corrêa; AMORIM, Rejane Maria de Almeida. A formação inicial e a continuada: diferenças conceituais que legitimam um espaço de formação permanente de vida. **Cadernos Cedes**, v. 35, n. 95, p. 37-55, 2015.
- CAVALLEIRO, Eliane. O Processo de Socialização na Educação infantil: A Construção do Silêncio e da Submissão. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 28, 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/39447>. Acesso em: 20 out. 2018.
- CONNELLY, Michael; CLANDININ, Jean. On narrative method, personal philosophy, and parrative unities in the story ofte aching. **Journal of Research in Science Teaching**, New York, v. 23, n. 4, p. 293-310, 1990.
- CUNHA, R. C. A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 6., 2009, PiauÍ. **Anais [...]**. PiauÍ: Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPI, 2009.
- ESTEBAN, M. Paz Sandin. **Pesquisa qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'agua**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116p.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Teoria racial crítica e Letramento Racial Crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de Línguas**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.I.], v. 6, n.14, p.236-263, 2014. Disponível em : <https://abpnrevista.org.br/site/artcle/view/141>. Acesso em : 23 out.2023.
- FONSECA, Fabiane Rodrigues. **Mães negras: as crises próprias do tornar-se mãe e suas influências no estabelecimento de vínculo mãe - bebê**. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.
- FONTE, Carla A. A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. **Psicologia teoria e prática**. v. 8, n. 2, p.123- 131, 2006.

FOUCAULT, Michel. Escrita de si. In: FOUCAULT, Michel (org.). **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. Tradução de Elisa Monteiro e Inés Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-162.

FRAGA, Walter. Pós-abolição; O dia seguinte. In: GOMES, Flávio; SCHWARCZ, Lilia M. (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 351-376, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 28. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002. p. 165.

FREITAS, Luis. C. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico da escola. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1085-1114, 2014.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p. 223-244. 1984.

GONZAGA, Amarildo Menezes. **Reflexões sobre o ensino de Ciências**. Curitiba, PR: CRV, 2013.

GHEDIN, Evandro. **A filosofia no ensino: a formação do pensamento reflexivo-critico**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2000.

GHEDIN, Evandro. Tendências e dimensões da formação do professor na contemporaneidade. In: **Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar**. 2009. p. 1-28.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JOSSO, Marie-Christine et al. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez. 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin.. Narrative interviewing. In: BAUER, M.; GASKELL, B. (orgs.). **Qualitative research with text, image and sound: a practical handbook**. London,: Sage Publications, 2000. p. 57-74

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira, 1967.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIMA, Inalda Tereza Sales de. **Sou Bacharel e sou professor. E agora? A construção do ser professor na educação profissional técnica de nível médio**. 120 f. 2021. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Ensino Tecnológico)- Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2021.

LÖWY, Michael. A contrapelo: A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). **Lutas sociais**, São Paulo. V. 01 n. 25-26, p. 20-28, 2011.

LÜDKE, Menga. “**O professor e sua formação para pesquisa**” In: EccoS – Revista Científica, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 333-349, jul./dez. 2005.

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. In: **X COPENE: Congresso Brasileiro de pesquisadores negros**. Uberlândia- MG. 2018.

MATOS, Geisimara Soares. Contradições e ambivalências na Trajetória de Eduardo Ribeiro, o governador negro do Amazonas. In: MELO, Patricia Alves (org). **O Fim do Silêncio: presença negra na Amazônia**. 2. ed.. Curitiba: CRV, 2021. p. 103.

MEDEIROS, Adriana Francisca de. **Apropriação da escrita por crianças em contextos sociais adversos**. . 165 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

MELO, Patricia Alves (org). **O Fim do Silêncio: presença negra na Amazônia**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2021. p. 103.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade? **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 237-248, 1993.

MOURA, Clóvis. O racismo como arma ideológica de dominação. **Revista Princípios**, São Paulo, v. 34, p. 28-38, 1994.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, v. 5, n. 15, p. 24-35, 2015.

MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem e identidade afro-brasileira. **Cadernos PENESB**, v. 1, n. 8 p. 9-20, 1999.

MUNANGA, Kabengele(org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 62, p. 20-31, 2015.

MURARO, Rose Marie. **1930-Educando meninos e meninas para um mundo novo**. Rio de Janeiro: ZIT, 2007.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2016.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. [1942-1995]. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição**. São Paulo: Diáspora Africana: Filhos da África, 2018.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020. 160pp. (Coleção Feminismos Plurais).

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

OLIVEIRA, Queila de Brito et al. Sobre a categoria quilombo nas comunidades rurais negras de barra, bananal e riacho das pedras: o conceito nativo. SEMOC- Semana de mobilização Científica- Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2007.

OLIVEIRA, Valéria Marques de; SATRIANO, Cecília Raquel. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, v. 23, n. 51, p. 369-386, 2017.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 8, n. 2, p. 261-266, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de. (orgs). **Pesquisa (auto) biográfica: narrativas de si e formação**. Curitiba: CRV, 2013.

PASSEGGI, Maria Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Pesquisa (Auto) biográfica: Narrativas de si e formação**. Curitiba: CRV, 2013. p. 63-81.

PASSEGGI, Maria Conceição; GASPAR, Mônica Maria Gadêlha. **Acompanhamento e dispositivos de mediação biográfica: memorial de formação, grupos reflexivos e diário de acompanhamento**. PASSEGI, Maria Conceição; VICENTINI, Paula Perin; Souza, Elizeu Clementino. Pesquisa (Auto) biográfica: Narrativas de si e formação. Curitiba: CRV, p.63-81, 2013.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, v. 41, n. 1, p. 67-86, 2016.

PINEAU, Gaston. **Histórias de vida e alternância**. Memória, v. 50, p. 25-42, 2011.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Filosofia de onde? Filosofia para quem? Considerações éticas em afro perspectiva na Filosofia Ubuntu**. 40 f. 2021. TCC (Monografia Filosofia) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2021.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares.. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. **Revista Brasileira em Educação em Ciências**, v. 19, n. 19. 329-344, 2019.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares.. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023. 160p.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. 4 ed. São Paulo Cortez, 2005, p. 15-34.

PLACIDES, Fernando Mariano.; COSTA, José Wilson. da. John Dewey e a aprendizagem como experiência. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 134-145. 2021. DOI: 10.5965/24471267722021129. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/20411>. Acesso em: 24 ago. 2022.

QUEIROZ, Ricardo M.oreira et al. A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências. **Revista Areté**, v. 4, n. 7, p. 12-23, 2011. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1579-2.pdf> . Acesso em: 30 jan. 2024.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP:Editora da UNICAMP, 2013.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Patologia social do branco brasileiro**. Rio de Janeiro :Editora Jornal do Comércio, jan. 1955.

RAMOS, Eduarda, Boneca Abayomi: **O perigo de contar uma história hegemônica**. Portal online Lunetas, 2021.

RAUSCH, Rita Buzzzi. A inserção da pesquisa nas séries iniciais do ensino fundamental. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 5, n. 3, p. 315-337, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro?.**- São Paulo: Companhia de Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**.São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, Vinícius Alves da et al. **A Comunidade do Barranco de São Benedito em Manaus: Processos para o reconhecimento do território quilombola**. 2018. 153 p.Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas)- Escola Superior de Artes e Turismo. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018.

ROSA, Vinicius Alves; SILVA, Rafaela Fonseca. São Benedito versus Nossa Senhora de Fátima: Conflitos religiosos no bairro Praça 14 de Janeiro em Manaus-AM. In: SILVA, Adan Renê Pereira; TENÓRIO, Adriano Magalhães; JÚNIOR, Josivaldo Bentes Lima. **Festas**,

religiosidades e africanidades no Amazonas: saberes em diálogo.São Paulo: Editora Dialética, 2023. p. 76.

ROSARIO, Cláudia Cerqueira do. O Conceito de Orixá. **Ítaca**, Rio de Janeiro n.25, p. 20-34, 2014.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SANTOS, Héllen Thaís; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2014, São Paulo. **Anais [...]**, São Paulo: UNESP, 2014. p. 4094-4106.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez. 2010. 637 p.

SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Anselmo; MARTINS, Thiago de Melo. Pesquisa (auto) biográfica. **Ensaio Pedagógico**, v. 2, n. 1, p. 45-53, 2018.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**, São Paulo: Brasiliense, 2005 (coleção primeiros pessoas), v. 7.

SANTOS, Patrícia Batista dos. A perspectiva do quilombo sob o olhar da escrita negra Beatriz Nascimento. **Seminário Interlinhas**, v. 7, n. 1, p. 195-199, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **A lei da educação: LDB: trajetória, limites e perspectivas**. Campinas, SP. Editora: Autores associados, 2019.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antonio. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SILVA, Daniel Neves. Como ficou a vida dos ex-escravos após a Lei Áurea?. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/como-ficou-vida-dos-ex-escravos-apos-lei-aurea.htm>. Acesso em 20.jun.2022.

SILVA, Fernanda Gomes da; SILVA, Edineide Gomes da; QUEIROZ, Johny Carlos de. **Importância do professor pesquisador. III Congresso Nacional de Educação**. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD4_SA4_ID419814082016195123.pdf. Acesso em: 15 mai. 2021.

SILVA, Jamily Souza da. **A festa de São Benedito no bairro da Praça 14**. O fim do silêncio. Presença negra na Amazônia. Belém: Açá; CNPq, 2011.

SILVA, Hafla Ivanilda; GASPARG, Mônica. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, online. 2018, v. 99, n.251, p. 205-221.

SILVA, Rafaela Fonseca da. **O protagonismo das mulheres do quilombo urbano de São Benedito e quilombo rural do Andirá-Manaus/AM: liderança, movimento e resistência para combater a invisibilidade.** 2019. 22 f. TCC (Pós- Graduação) – Instituto Federal de Educação , Ciência e Tecnologia do Amazonas- Campus Manaus Zona leste, Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia, 2019.

SILVA, Karollen Lima da. Patrimônio Cultural, Festa e Construção Identitária: uma análise do processo de certificação quilombola na comunidade do Barranco de São Benedito (2010-2016). **Perspectivas**, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004.

SILVA, Karollen Lima da et al. **Patrimônio cultural, festa e construção identitária: uma análise do processo de certificação quilombola da Comunidade do Barranco de São Benedito** (2010-2016). 2020. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pós –Graduação em História, 2020.

SIMAS, Luiz Antônio. **Umbandas: Uma história do Brasil.** 4ª Ed. Rio de Janeiro, RJ : Editora civilização Brasileira, 2021. 187 p.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista brasileira de educação**, n. 25. p. 5-17, 2004.

SOBRAL, Adail; SOLIGO, Rosaura; PRADO, Guilherme do Val Toledo. A subjetividade autoral em textos acadêmicos: algumas considerações. **Nonada: Letras em Revista**, v. 1, n. 28, p. 174-193, 2017.

SOUSA, Maria Goreti da Silva et al. A pesquisa e os saberes na formação de professores no contexto ibero-americano. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO. Criciúma. v 3. 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino. de (Org.). **Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino.** Salvador: EDUNEB – EDIPUCRS, 2006

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas.** Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 135-147

SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão-narrar a vida. **Educação**, v. 34, n. 2, p. 213-220, 2011.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro : Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TFOUNI, Leda Verdiani; PEREIRA, Anderson de Carvalho; ASSOLINI, Filomena Elaine Paiva. Letramento e alfabetização e o cotidiano: vozes dispersas, caminhos alternativos. **Calidoscópio**, v. 16, n. 1, p. 16-24, 2018.

VALIENGO, Amanda; DE LIMA, Elieuzza Aparecida. **Tornar-se alfabetizadora:** narrativas de professoras brasileiras e portuguesas. São Paulo; Editora Oficina Universitária, 2021.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; FABRIS, Elí Terezinha Henn. Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 3. p. 1-15. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CONVITE DA OFICINA

OFICINA: Sankofa no Quilombo de São Benedito
Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista

A palavra Sankofa significa a **volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor**. Ela geralmente é representada, na tradição de povos da África Ocidental, por um pássaro mítico ou um coração estilizado e reflete, portanto, o objetivo desta formação voltada para professores negros: a valorização da ancestralidade através da narrativa (auto)biográfica com vistas ao letramento racial e uma educação antirracista.

Essa formação faz parte do que será o produto educacional da mestranda Rafaela Fonseca da Silva e que faz parte do programa de mestrado em Ensino Tecnológico do IFAM-Centro PPGET. E que tem como tema: **“FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA A PARTIR DE NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS”**

A formação de professores acontecerá nos dias **5, 6,7 e 8 de setembro de 2023 no horário de 14h à 17 horas**. A estratégia dessa formação será o uso de rodas de conversas nas quais se debaterão temáticas articuladas para preparação de professores negros refletirem sobre suas trajetórias e, a partir daí, se empoderarem para construção de uma escola e de uma educação antirracista.

1-Nome

2-Telefone

3-Idade

4-Endereço

5-Qual seu grau de escolaridade?

Ensino Fundamental - Incompleto

Ensino Fundamental – Completo

Ensino Médio - Incompleto

Ensino Médio - Completo

Ensino Superior - Incompleto

Ensino Superior - Completo

Pós-graduação - Incompleto

Pós-graduação – Completo

6-Qual a sua cor?

Preto

Pardo

Branco

Indígena
Amarelo
Outro

7- Qual o seu sexo?

Feminino
Masculino

8- As suas experiências anteriores de formação continuada aconteceram no âmbito de quais segmentos? Se necessário, registre mais de uma opção.

- atividades/cursos ofertados por Universidades
- atividades/cursos ofertados pelo sistemas estadual de ensino
- atividades/cursos ofertados pelos sistemas municipal de ensino
- atividades/cursos ofertados por movimentos sociais e/ou populares
- outra instituição ou experiência. Qual? _____
- esta é a primeira experiência de formação continuada de que participo.

9- Em qual instância escolar você atua?

- Secretaria Municipal de Educação
- Secretaria Estadual de Educação
- Escola Particular
- Outro órgão. Qual? _____

10- Em que nível de ensino você atua?

- educação infantil
- ensino fundamental
- ensino médio

11- Qual função você desempenha hoje em sua escola?

- professor (a)
- pedagogo (a)
- diretor (a)
- secretário (a)
- outra. Qual? _____

12- Em sua opinião, o Brasil é um país livre de discriminação sócio-cultural?

- sim não sem opinião formada

13- O desrespeito à diversidade humana é um problema para a educação?

- sim não sem opinião formada

14- As várias formas de discriminação e violência causam impacto na escola?

- sim não sem opinião formada

15- Você conhece pessoas vítimas de discriminação? Se necessário, marque mais de uma alternativa.

- em seu ambiente de estudo
- em seu ambiente de trabalho
- na família
- em ocasiões sociais (entre os amigos ou local público)
- outra situação. Qual? _____

() não conheço

16-Qual a sua cor?

Preto

Pardo

Branco

Indígena

Amarelo

Outro

Link

do

Questionário: <https://docs.google.com/forms/d/1dkgXcYn8UEPP3ZIm4n58Ix6CK1GoJ0cAVAbYd01X5EQ/edit>

CESSÃO DOS DIREITOS DE USO E REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Autorizo o uso de imagen(s) realizadas durante a formação de professores, permitido a sua utilização em sites e qualquer outra forma de mídia, de cunho jornalístico, em blogs, sites, materiais impressos, programas televisivos, publicações internas, redes sociais, produções fotográficas, audiovisuais e qualquer outra forma de uso ou reprodução de imagem.

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO

Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO

A) Identificação

- Nome: _____
- e-mail: _____
- Whatsapp: _____
- Idade: _____
- Cor/Raça/Etnia*: () Branca () Parda () Preta () Indígena () Amarelo
- Gênero: () Masculino () Feminino () Outro: _____

B) Escolaridade e Ocupação*

- () Ensino Fundamental Incompleto
- () Ensino Fundamental Completo
- () Ensino Médio Incompleto
- () Ensino Médio Completo
- () Ensino Superior Incompleto
- () Ensino Superior Completo
- () Especialização
- () Mestrado
- () Doutorado
- Ocupação*: _____

C) Avaliação do Produto

1) Como você avalia a apresentação da proposta de Produto Educacional “**Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista**” (clareza da explicação por parte da pesquisadora)?*

() **Muito Ruim** () **Ruim** () **Adequado** () **Bom** () **Muito Bom**

Comentários (opcionais):

2) Como você avalia o número de participantes na realização do Produto Educacional **“Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista”**?*

Muito Ruim **Ruim** **Adequado** **Bom** **Muito Bom**

Comentários (opcionais):

3) Como você avalia o local da realização do Produto Educacional **“Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista”**?*

Muito Ruim **Ruim** **Adequado** **Bom** **Muito Bom**

Comentários (opcionais):

4) Como você avalia a carga horária do Produto Educacional **“Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista”**

(a quantidade de encontros e a duração de cada um)?*

Muito Ruim **Ruim** **Adequado** **Bom** **Muito Bom**

Comentários (opcionais):

5) Como você avalia as discussões realizadas pelo Produto Educacional “**Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista**” (os temas de cada encontro)? *

Muito Ruim **Ruim** **Adequado** **Bom** **Muito Bom**

Comentários (opcionais):

6) Como você avalia os temas apresentados pelo Produto Educacional “**Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista**” (a importância dos temas e a relação entre eles)? *

Muito Ruim **Ruim** **Adequado** **Bom** **Muito Bom**

Comentários (opcionais):

7) Como você avalia as metodologias utilizadas pelo Produto Educacional “**Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista**” (a forma como são realizados os encontros)? *

Muito Ruim **Ruim** **Adequado** **Bom** **Muito Bom**

Comentários (opcionais):

8) Como você avalia o Produto Educacional “**Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista**” (a importância da formação)? *

Muito Ruim **Ruim** **Adequado** **Bom** **Muito Bom**

Comentários (opcionais):

8) Você acha que o Produto Educacional “**Sankofa no Quilombo de São Benedito: Curso de Formação de Professores Negros para uma Educação Antirracista**” lhe ajudará a mudar a forma de pensar sobre as questões antirracistas no Quilombo de São Benedito ?*

Não **Talvez** **Sim**

Comentários (opcionais):

10) Caso se sinta confortável, deixe sugestões para melhoria do Produto Educacional ou uma mensagem para a pesquisadora/autora.

* Perguntas de Respostas Obrigatórias

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa **Formação de professores e educação antirracista a partir de narrativas (auto) biográficas**, cuja a pesquisadora responsável é a mestrandia **Rafaela Fonseca da Silva**, sob orientação do Prof. Dr. Tarcisio Serpa Normando. O objetivo geral da pesquisa é formar professores negros para uma educação antirracista através da reflexão das narrativas (auto) biográficas. Será produzido um artefato (caderno de formação) que servirá como veículo para este processo, subsidiando os participantes com informações, seqüências didáticas e histórias de vida. As narrativas são importantes, pois as escutas sobre estas experiências levam a uma ressignificação das mesmas, o que contribui, em última análise, para orientar qual o papel que o mesmo deseja desempenhar na sociedade.

Sua colaboração é fundamental as informações coletadas serão analisadas para entender a compreensão de como se dá o letramento racial dos participantes a partir da sua (auto)biografia.

Esclarecemos que o (a) senhor (a)tem a plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização. Em caso de aceite, sua participação consistirá em realizar as 12h de formação previstas, além de permitir o registro fotográfico e a gravação de som e imagem das atividades realizadas para a análise da pesquisadora e, eventualmente, ilustração do caderno de formação.

As rodas de conversa serão gravadas a fim de facilitar posteriormente a transcrição, razão pela qual seu consentimento também se estende para o uso de imagem, voz e depoimentos.

Todas as imagens serão utilizadas somente para fins metodológicos da pesquisa, caracterizada como qualitativa e os dados a base de dados a ser analisada. Eles serão guardados por um prazo de cinco anos e posteriormente destruídos. Nenhum participante terá sua identidade revelada.

Observando o que preconiza a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), precisamos reconhecer que toda investigação gera riscos aos participantes da pesquisa, ainda que mínimos, tanto quanto deve oferecer, ao seu final, benefícios diretos e indiretos.

Os riscos da pesquisa para a senhor (a) serão: Invasão de privacidade; responder a questões sensíveis (tais como atos ilegais, violência, sexualidade); revitimizar e perder o

autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE); tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista; riscos relacionados à divulgação de imagem, quando houver filmagens ou registros fotográficos.

Evidentemente, há ações possíveis para mitigação desses riscos, de maneira que os participantes não tenham ferido seus direitos e sua dignidade. Para esta pesquisa, identifiquei as seguintes estratégias para garantir melhores práticas investigativas: Realização de um Processo de Consentimento Livre e Esclarecido em linguagem acessível para que os participantes se sintam seguros quanto aos objetivos, a metodologia e o uso dos dados coletados; Elaboração de perguntas para Entrevista que sejam estritamente concernentes aos objetivos da pesquisa; Garantia formal de uso sigiloso de registros fotográficos e/ou audiovisuais e dados coletados, para os fins exclusivos da pesquisa; Garantia formal que os participantes poderão se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer restrições; Esclarecimento sobre instâncias a se procurar em caso de desacordo com o andamento da pesquisa (Coordenação do PPGET, CEPESH/IFAM);

Benefícios aos participantes: esta pesquisa tem a pretensão de gerar benefícios diretos (aos participantes) e indiretos (ao campo de investigação). No primeiro caso, esperamos que o exercício de análise das contribuições da formação para professores negros através da (auto) biografia para uma educação antirracista ajude os participantes a perceberem a complexidade e o valor desta categoria para seu processo formativo enquanto profissional da educação. Além de refletir a respeito do modo como se deu a construção de seus saberes docentes, sendo esta parte fundamental do tornar-se professor e assim conduzi-lo a uma perspectiva positiva sobre o seu papel na educação. No segundo caso, desejo que, dentro dos seus limites, a pesquisa ofereça ao campo da Educação e da Formação Docente, novos olhares e possibilidades de pesquisa e reflexão no desenvolvimento do profissional da educação. Não obstante, a discussão que orbita a formação de professores e o ensino tecnológico possa se valer do produto educacional construído derivativamente dessas discussões para que possamos analisar a formação de professores sob a perspectiva de uma educação antirracista, constituído nas relações com as culturas escolares vivenciadas por estes docentes no decorrer de sua vida profissional, guiando-os por um caminho de auto reflexão e auto descoberta no trajeto que é tornar-se professor.

O Senhor(a) não terá nenhuma despesa e não haverá compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa e nos produtos dela derivados. Garantimos também

a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação durante todas as etapas da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O Senhor (a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável Rafaela Fonseca da Silva, a qualquer tempo, para informações adicionais no telefone (92) 992617416, e-mail: rajuanfonseca94@gmail.com e com seu orientador Dr. Tarcisio Serpa Normando, telefone (92) 98159-2634, e-mail: tsnormando@ifam.edu.br. Também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia do Amazonas (CEP/IFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/IFAM fica Av. Ferreira Pena, 1109. Centro. CEP 69025-010. Prédio da Reitoria do IFAM, 2º. andar, Fone: (92) 3306-0062, E-mail: cepsh.ppgi@ifam.edu.br. O CEP/IFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo senhor (a) e pela pesquisadora responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa,

Manaus- AM, _____ de _____ de _____

Assinatura do entrevistado

Rafaela Fonseca da Silva _____

APÊNDICE D – SLIDES DA FORMAÇÃO SANKOFA

**SANKOFA NO QUILOMBO DE SÃO BENEDITO:
CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
NEGROS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

Orientador: Dr. Tarcisio Serpa Nozmando
Mestranda: Rafaela Fonseca da Silva

*** OBJETIVO**
Formar professores negros para uma educação antirracista através da reflexão das narrativas (auto)biográficas

*** ESTRATÉGIAS**
Rodas de conversas

*** CARGA HORÁRIA**
12 horas

*** ARTEFATO PRINCIPAL**
Caderno de Formação para Formadores

*** METODOLOGIA**

A proposta é escrever sobre a concepção, preparação, aplicação e avaliação de um curso de formação de professores negros para uma educação antirracista. A estratégia dessa formação será o uso de rodas de conversas nas quais se debaterão temáticas articuladas para preparação de professores negros refletirem sobre suas trajetórias e, a partir daí, se empoderarem para construção de uma escola e de uma educação antirracista. A metodologia das rodas de conversa permitem "que os participantes expressem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre o tema proposto, assim como permite trabalhar reflexivamente as manifestações apresentadas pelo grupo" (MELO & CRUZ, 2014: 32). Serão realizados seis encontros de duas horas cada com as seguintes temáticas: Sankofa I- Eu, professor negro; Sankofa II- Palavras que nos cercam; Sankofa III- Uma casa chamada mundo; Sankofa IV- Black is beautiful; Sankofa V- Eu, professor pesquisador negro; Sankofa VI- Uma Educação antirracista para o século XX.

*** PARTICIPANTES:** 20 pessoas
Professores Graduados do Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito.

*** CRITÉRIOS DE INCLUSÃO:**
Graduados em Licenciatura; alunos de graduação em licenciatura; quilombolas e não quilombolas do território do Quilombo de São Benedito.

*** CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:**
Pessoas abaixo dos 18 anos.

*** FORMATO DE COLETA DE DADOS:**
Registro escrito a partir da participação e produção nas rodas de conversas; registro em áudio e vídeo das atividades realizadas.

Sankofa III- Encontro Uma casa chamada mundo	<ul style="list-style-type: none"> Africa, nossa casa ancestral Pessoas negras que são referência <p>1- A mediadora explicará para os participantes em se ter um outro olhar sobre o continente africano, e não o olhar de miséria como nos é mostrado. Fazendo com que eles reflitam sobre a história da África com a potência que tinham reis e rainhas e não a história que nos contaram e que nunca vimos esse protagonismo na história pois o que nos repassaram foi a de submissão em que só a história eurocêntrica é que prevalecia como a melhor.</p> <p>2- A mediadora deixará a fala aberta para os participantes se pronunciarem a respeito do que foi falado e como eles trabalham essa temática em sala de aula.</p> <p>3- Após a reflexão dos participantes a mediadora retornará a fala questionando os participantes de que maneira eles irão trabalhar a história da África após esse entendimento e pedirá que eles elaborem algo através de figuras como ele vê esse tema.</p>	Desconstruir os estereótipos/02h sobre o continente africano e seus povos	Afirmar a importância da representatividade negra na escola	Elaboração de desenhos que reflitam o conhecimento escolar estereotipado sobre a África e os povos africanos
--	--	---	---	--

Sankofa IV- Encontro Black beautiful	<p>O racismo enraizado no vocabulário cotidiano</p> <p>A objetificação do corpo negro</p> <p>1. A mediadora falará sobre o nosso vocabulário e que ainda falamos algumas palavras racistas e perguntará dos participantes se eles já escutaram falar sobre algumas palavras de cunho racista e que ainda faz parte da fala de muitas pessoas que muitas vezes não sabem seu significado, mas como o racismo é estrutural e está na construção do país precisamos entender o porque para não repetirmos.</p> <p>2. Após a resposta dos participantes a mediadora retomará com a fala sobre o racismo estrutural e a objeção dos corpos negros remete a um legado histórico a um legado histórico de escravidão no país. Quando o corpo negro chega no Brasil ele é trazido como um objeto, a ser coisa de alguém. É desumanizado. As mulheres negras para além do trabalho escravizado, tinham outra questão que era a violência sexual.</p>	Apresentar como o racismo/02h (estrutural se imiscui no vocabulário cotidiano)	Valorizar as referências de beleza negra	Realização de uma mostra fotográfica valorizando as referências da beleza negra
--------------------------------------	---	--	--	---

Sankofa V- Encontro Eu, professor pesquisador negro	<p>A (auto)biografia como caminho para o professor negro pesquisador</p> <p>1. A mediadora falará sobre a importância do professor negro pesquisador e a urgência de se construir uma educação antirracista e das vivências dos pesquisadores negros e seu lugar de fala e vivência no espaço escolar.</p> <p>2. A mediadora pedirá que os participantes elaborem cartazes sobre temas antirracistas que precisarem ser pesquisados na escola por professores negros.</p>	Debater o papel da/02h (auto)biografia para a pesquisa sobre as vivências negras na escola	Afirmar a importância da representatividade negra na escola	Elaboração de cartazes com os temas que precisam ser pesquisados na escola por professores negros
---	---	--	---	---

Sankofa II- Encontro Palavras que nos cercam	<p>Conceitos que nos fazem entender o racismo estrutural</p> <p>Ubuntu: a importância da coletividade</p> <p>1- A mediadora retornará o tema anterior para saber o que os participantes entenderam sobre racismo estrutural e escutará as respostas dos participantes.</p> <p>2- A mediadora retornará a fala e também explicará o conceito e distinções de algumas palavras como raça/Étnia, racismo, preconceito e discriminação racial.</p> <p>3- No decorrer da apresentação ela falará sobre o conceito Africano Ubuntu na realidade escolar para a importância da educação antirracista e para isso serão formados grupos de 5 pessoas ou estarão podem escolher algumas pessoas do grupo e todos ajustarem para que eles façam a apresentação mediante o que foi falado sobre os temas.</p> <p>4- A mediadora falará sobre a importância de todos(as) que estão na escola participarem das formações de professores. Desde o porteiro, ao merendeiro e a gestão escolar como um todo. Explicando a importância de todos entenderem a questão antirracista e do racismo estrutural que permeia a sociedade.</p>	Distinguir os conceitos de/02h (raça/Étnia, racismo, preconceito e discriminação racial).	Debater o conceito de Ubuntu na realidade escolar.	Criação e apresentação de um esquete teatral demonstrando o conceito de Ubuntu na escola
--	---	---	--	--

Rodas de Conversas	Temática	Objetivos	Duração	Produção Reflexiva
Sankofa VI - Encontro Em. professor negro	1- Minha trajetória como professor 2- Os reflexos do racismo estrutural na vida cotidiana 3- No primeiro horário teremos acolhida desses professores para que eles se conheçam, faremos uma grande roda para a apresentação do mediador, onde irá falar para os demais participantes sobre sua trajetória e constituição como professor pesquisador e da pesquisa que ele está desenvolvendo e que a roda de conversa contribuirá para um produto educacional que ajude os professores negros(as). 4- Os demais participantes da roda de conversa também falarão sobre si e sua trajetória. 5- A mediadora retomará a fala sobre a importância da roda de conversa para a questão étnico racial e falará sobre o racismo tentando fazer com que os participantes entendam a realidade e reconheçam questões do racismo para saber se eles sabem o conceito ou se já sofreram alguma situação ou se já presenciaram algo do tipo no decorrer de suas vidas.	Apresentar os participantes e o curso Compartilhar a trajetória de constituição como professor negro. Entender como o racismo estrutural se faz presente no cotidiano.	05h	Redação de carta relatando experiências com o racismo estrutural na escola.

Sankofa VI - Encontro Em. Educação antirracista para o século XX	1- A urgência em se construir uma escola voltada para uma educação antirracista. 2- A mediadora no último encontro falará sobre as leis de diretrizes e bases da educação e a dificuldade que muitos professores negros em trabalhar esse tema. E questionará os participantes se eles sabem falar o porque de acontecer isso. 3- A mediadora retomará depois das respostas do questionamento falando a razão da importância e da luta para a educação antirracista e a importância dos movimentos MNU para que passassem a lei 10.639 e 11.645 e questionará aos participantes o que eles elaboraram como manifesto para as escolas para uma educação antirracista já que existe as leis mas que muitos professores e gestão escolar não mencionam e só se fala no 20 de novembro.	Discutir as razões para as dificuldades de consolidação das leis 10639/03 e 11645/08 Pensar as razões para a luta por uma escola antirracista	02h	Elaboração de um manifesto para uma educação antirracista
--	---	--	-----	---

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma única história. Tradução Julia Romeu. – 1ª Ed. – São Paulo: Companhia de Letras, 2019.

ALARCÃO, Isabel (org.). Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão. Porto Portugal: Porto Editora LTDA, 1996.

ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. cap. 2, p. 40-59.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. (Coord.). Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro. (Série Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia). Fascículo 16. Manaus, 2007.

ALMEIDA, Neide A. de. Letramento racial: um desafio para todos nós. Portal Geledés. Disponível em: https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-dealmeida/?gclid=CjwKCAjwCvBhA0EiwAT1fy7i096Ro2_08gnSaH4cQ2TR4IScy2ef-zkPhnpMRAbhIZZE-b2zqIhcUkHQAvD_BwE. 2017. Acesso em: 22/07/2022.

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial LTDA, 2021.

ALVES, Ana Cléia Neri. Nestor Nascimento- a luta da memória contra o esquecimento. in: SILVA, Cristiane.eWE NDLINGJósé Ricardo. Vidas que falam vol. 2: Promotores dos direitos Humanos, da justiça e da Paz. Manaus: Editora Valer; 2021.p.74-80.

ANIC, CinarCalvi; GONZAGA, Amarildo Menezes. A "JORNADA DO HERÓI" COMO POSSIBILIDADE PARA ESTRUTURAÇÃO E ANÁLISE DE NARRATIVAS DE PROFESSORES. Formação de Professores em Diferentes Perspectivas, 2021.

BAGNO, M. Pesquisa na escola – o que é e como se faz. 21ª ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2007, 102 p.

BARONAS, Roberto Leiser; DE ARAÚJO, Lígia Mara BoimMenossi. Mariellepresente: é preciso inocular a luta da memória contra o esquecimento nas mídias. Estudos Semióticos, v. 15, n. 1, p. 18-30, 2019.

BARROS, Waldilson Duarte Cavalcante De. A construção da identidade profissional: narrativas autobiográficas de um professor homem nos anos iniciais. Anais XII CONAGES. Campina Grande (PB): Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigovisualizar/18304>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BAUER, M.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010 p. 90-113.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos. Perspectivas epistemológico-metodológicas da pesquisa (auto) biográfica. Curitiba: CRV, 2016.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96. Brasília Câmara dos Deputados, 1997. P. 47.

CALÇA, Rafael Jeremias. Pele. São Paulo: Panini, 2018.

CONNELLY, M.; CLANDININ, J. Onnarrativemethod, personalphilosophy, andparrativeunities in thestoryofteaching. JournalofResearch in Science Teaching. New York, v. 23, n. 4, p. 293-310, 1990.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Narrativemethod: experienceandstory in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

CLANDININ, D. Jean.; CONNELLY, F. Michael. Perspectiva narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CAMASME, Ana Tereza et al. Narrativa de histórias pessoais: um caminho de compreensão de si mesmo à luz do pensamento de Hannah Arendt. 2007.

CAMPOS, Karen Barbosa. O contar histórias como forma de resistência feminina preta: Abayomis o olhar pedagógico e cênico nas escolas e comunidades. Pesquisa feita pelo projeto de extensão contadores de histórias: Teatro popular de formas animas na comunidade. Universidade do estado do Amazonas (UEA), unidade Escola Superior de Artes (ESAT)-AM,2022.

**APÊNDICE E – FOTOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NEGROS E TEXTOS
DE APOIO**

<https://www.flickr.com/photos/199837019@N05/>



QR CODE MATERIAL DE APOIO PARA OS PROFESSORES

APÊNDICE F – CERTIFICADO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA



ANEXO – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO AMAZONAS -
IFAM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA A PARTIR DE NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS

Pesquisador: Rafaela Fonseca da Silva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 69178823.1.0000.8119

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.123.806

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa tem como temática: "Formação de professores e educação antirracista a partir de narrativas (auto) biográficas". "A proposta é escrever sobre a concepção, preparação, aplicação e avaliação de um curso de formação de professores negros para uma educação antirracista. A estratégia dessa formação será o uso de rodas de conversas nas quais se debaterão temáticas articuladas para preparação de professores negros refletirem sobre suas trajetórias e, a partir daí, se empoderarem para construção de uma escola e de uma educação antirracista". Como resultado a pesquisadora pretende, "obter com a pesquisa, respostas que possam fazer com que os professores negros caminhem para o entendimento da importância do letramento racial para que eles possam entender o importante papel que eles tem como referência e entendimento da sua própria história ancestral dentro da sala de aula."

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário é "analisar o papel de narrativas (auto)biográficas na formação de professores negros para uma educação antirracista."

Objetivos secundários:

Identificar princípios teórico-metodológicos para o uso das narrativas (auto)biográficas para formação de professores;

Apresentar a discussão contemporânea sobre a educação antirracista a partir de uma literatura

Endereço: Rua Ferreira Penna, 1199 - Prédio da Reitoria, 2º andar, Manaus / AM
Bairro: CENTRO **CEP:** 69.025-010
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3306-0000 **E-mail:** cep@ppgi@ifam.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO AMAZONAS -
IFAM**



Continuação do Parecer: 6.123.606

categoria para seu processo formativo enquanto profissional da educação.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo será realizado no Quilombo do Barranco São Benedito, Praça 14 em Manaus, por meio do Programa de Pós-Graduação em Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) e se justifica pelo(a) pela necessidade de aprofundamento nas “questões emergentes centradas em situações formativas de professores [...], o papel de narrativas (auto)biográficas na formação de professores negros para uma educação antimacista.” Quanto aos objetivos da pesquisa estão claros, bem redigidos e adequados ao tipo de pesquisa proposta.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados todos os documentos necessários à avaliação ética da pesquisa, segundo Resoluções CNS n.º 466/12 e CNS n.º. 510/16:

- a) Folha de rosto - Sim
- b) Projeto Básico – Sim
- c) Projeto detalhado com todos os elementos que compõem o gênero (introdução, objetivos, hipóteses, metodologia, descrição de riscos e benefícios, etc.) – Sim
- d) Carta de anuência – Sim
- e) Declaração de uso de infraestrutura – Sim
- f) Termo de Consentimento (TCLE) – Sim
- g) Instrumentos de Pesquisa- Sim
- h) Cronograma – Sim
- i) Orçamento – Sim

Recomendações:

Cabe ao pesquisador responsável, após realização da pesquisa, apresentar a este colegiado o Relatório Final de Pesquisa, que será avaliado em reunião ordinária do comitê para verificação do cumprimento dos preceitos éticos na pesquisa com seres humanos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora apresentou todos os documentos e realizou as inclusões apresentadas no primeiro parecer. Desta feita, delibera pela aprovação do protocolo de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Cabe ao pesquisador responsável, após realização da pesquisa, apresentar a este colegiado o

Endereço: Rua Ferreira Pena, 1109 - Prédio da Reitoria, 2º andar, Manaus / AM
Bairro: CENTRO **CEP:** 69.025-010
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3308-0080 **E-mail:** cep@ppgi@ifam.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO AMAZONAS -
IFAM**



Continuação do Protocolo: 6.123.898

prioritariamente negra;

Descrever as experiências do movimento negro amazense e de professoras pertencentes ao Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito para promoção de uma educação antirracista;

Refletir sobre a narrativa (auto)biográfica da própria pesquisadora no processo de luta por uma educação antirracista;

Construir produto educacional que promova a valorização da narrativa (auto)biográfica na formação de professores negros para uma educação antirracista.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos a pesquisadora afirma que: "Observando o que preconiza a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), precisamos reconhecer que toda investigação gera riscos aos participantes da pesquisa, ainda que mínimos, tanto quanto deve oferecer, ao seu final, benefícios diretos e indiretos. Os riscos da pesquisa para a senhor(a) serão: Invasão de privacidade; responder a questões sensíveis (tais como atos ilegais, violência, sexualidade); revitimizar e perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE); tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista; considerar riscos relacionados à divulgação de imagem, quando houver filmagens ou registros fotográficos. Evidentemente, há ações possíveis para mitigação desses riscos, de maneira que os participantes não tenham ferido seus direitos e sua dignidade. Para esta pesquisa, identifiquei as seguintes estratégias para garantir melhores práticas investigativas: Realização de um Processo de Consentimento Livre e Esclarecido em linguagem acessível para que os participantes se sintam seguros quanto aos objetivos, a metodologia e o uso dos dados coletados; Elaboração de perguntas para Entrevista que sejam estritamente concorrentes aos objetivos da pesquisa; Garantia formal de uso sigiloso de registros fotográficos e/ou audiovisuais e dados coletados, para os fins exclusivos da pesquisa; Garantia formal que os participantes poderão se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer restrições; Esclarecimento sobre instâncias a se procurar em caso de desacordo com o andamento da pesquisa (Coordenação do PPGET, CEPSH/IFAM)."

E quanto aos benefícios afirma: "Esta pesquisa tem a pretensão de gerar benefícios diretos (aos participantes) e indiretos (ao campo de investigação). No primeiro caso, esperamos que o exercício de análise das contribuições da formação para professores negros através da (auto) biografia para uma educação antirracista ajude os participantes a perceberem a complexidade e o valor desta

Endereço: Rua Ferreira Pena, 1109 - Prédio da Retora, 2º andar, Manaus, AM
 Bairro: CENTRO CEP: 69.025-010
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3338-0050 E-mail: cepsh.ppgt@ifam.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO AMAZONAS -
IFAM**



Continuação do Parecer: 6.123.606

Relatório Final de Pesquisa, que será avaliado em reunião ordinária do comitê para verificação do cumprimento dos preceitos éticos na pesquisa com seres humanos.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2023208.pdf	16/05/2023 11:54:52		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Brochura.doc	16/05/2023 11:54:28	Rafaela Fonseca da Silva	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	16/05/2023 11:51:55	Rafaela Fonseca da Silva	Aceito
Outros	Carta_Resposta.docx	16/05/2023 11:48:55	Rafaela Fonseca da Silva	Aceito
Declaração de concordância	carta_d_anuencia.pdf	16/05/2023 11:48:29	Rafaela Fonseca da Silva	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_de_infraestrutura.pdf	16/05/2023 11:48:45	Rafaela Fonseca da Silva	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_segunda_submissao.pdf	16/05/2023 11:44:19	Rafaela Fonseca da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	24/04/2023 18:40:13	Rafaela Fonseca da Silva	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	24/04/2023 18:35:48	Rafaela Fonseca da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 16 de Junho de 2023

Assinado por:
LUIZ HENRIQUE GLARD JUNIOR
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ferreira Penna, 1100 - Prédio da Retorta, 2º andar, Manaus, AM
Bairro: CENTRO **CEP:** 69.025-010
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (62)3306-0000 **E-mail:** cexsh.ppgi@ifam.edu.br